
CRÔNICAS ROMÂNTICAS—LIVRO 3
AMOR COMO O NOSSO
SOPHIE LOVE

AMOR COMO O NOSSO

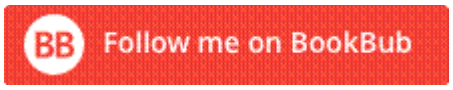
(CRÔNICAS ROMÂNTICAS—LIVRO 3)

S O P H I E L O V E

TRADUÇÃO POR THAIS SOUZA

Sophie Love

Fã de longa data de romances, Sophie Love está muito feliz em publicar sua primeira série de livros: AGORA E PARA SEMPRE (A POUSADA EM SUNSET HARBOR – LIVRO 1). Sophie adoraria ouvir seus comentários, então, visite www.sophieloveauthor.com se quiser enviar-lhe um e-mail, receber eBooks de graça, saber das novidades e manter contato!



© Copyright 2017 por Sophie Love. Todos os direitos reservados. Salvo disposição em contrário prevista na Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book é licenciado apenas para seu prazer pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este e-book com outra pessoa, favor comprar uma cópia adicional para cada receptor. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, então, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright Ditty_about_summer, usada sob licença da Shutterstock.com.

LIVROS POR SOPHIE LOVE

A POUSADA EM SUNSET HARBOR
AGORA E PARA SEMPRE (Livro #1)
PARA TODO O SEMPRE (Livro #2)
PARA SEMPRE, COM VOCÊ (Livro #3)
QUEM DERA, PARA SEMPRE (Livro #4)
PARA SEMPRE E UM DIA (Livro #5)
PARA SEMPRE, MAIS UM (Livro #6)
PARA VOCÊ, PARA SEMPRE (Livro #7)
PARA SEMPRE NATAL (Livro #8)

CRÔNICAS ROMÂNTICAS
AMOR COMO ESTE (Livro #1)
AMOR COMO AQUELE (Livro #2)
AMOR COMO O NOSSO (Livro #3)

ÍNDICE

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
EPÍLOGO

CAPÍTULO UM

Keira olhou para Cristiano no assento do avião ao seu lado. Apesar da longa e cansativa jornada, ele estava bonito como sempre, com seu cabelo escuro, sua pele bronzeada e seu maxilar esculpido. Na verdade, Keira achou que ele estava ainda mais bonito que o normal, se é que isso era possível, por conta do jeito como seus olhos cresciam e brilhavam de empolgação. Pela janela, distante abaixo deles, as luzes de Nova Iorque à noite reluziam.

– As ruas são tão estreitas – Cristiano murmurou, com expressão maravilhada. – Como uma grade. Mas o que é aquele vazio?

Ela vislumbrou abaixo o grande retângulo escuro para onde ele apontava. – Aquele é o Central Park.

Cristiano parecia admirado. – Ah, entendi. Central. Porque fica no centro.

Keira riu do encantamento dele, como o de uma criança. – Quase isso.

Conforme o avião continuava perdendo altitude, Cristiano voltou a olhar pela janela.

– Os prédios são tão altos – ele murmurou em voz alta.

Keira soltou uma risadinha e correu o dedão pelas costas da mão dele. Suas mãos estiveram entrelaçadas durante todo o voo, desde Verona, na Itália, até Nova Iorque, e Keira não tinha nenhuma intenção de soltá-la tão cedo.

À medida que o avião descia mais através das nuvens, a visão deles da magnífica cidade abaixo se aguçava. Tudo começou a entrar em foco conforme se aproximavam mais e mais da aterrissagem, até que puderam distinguir os táxis acelerando pelas ruas, depois as luzes dos postes de rua brilhando amarelas na escuridão, e então as luzes mais fortes do aeroporto. Finalmente, com um baque e o ruído dos pneus, o avião estava na pista, trepidando enquanto a velocidade diminuía até que ficou devagar o suficiente para taxiar até o terminal.

– Chegamos – Keira sorriu para Cristiano.

Ele assentiu com uma expressão ansiosa. – Não consigo acreditar direito – ele murmurou.

– Sinceramente, nem eu! – Keira respondeu.

Sua decisão de última hora de convidar Cristiano para vir para casa com ela tinha sido, digamos, ligeiramente absurda. Mas em momento algum

durante o voo ela tinha sentido que havia tomado a decisão errada, ou agido com pressa. Parecia tão certo ter Cristiano ao seu lado.

Por fim, a aeronave desacelerou até parar, e o sinal do cinto de segurança apagou. Eles levantaram em uníssono e Cristiano pegou sob seu assento sua mochila de couro pequena, a única bagagem que ele havia trazido. Keira pegou sua bolsa, depois eles saíram em fila da aeronave com o resto dos passageiros.

Keira se deleitou na sensação de esticar as pernas de fato pela primeira vez em horas. Passar a maior parte do dia em um avião estava se tornando um evento recorrente demais para ela, mesmo que não trocasse seu trabalho por nada no mundo. Quantas pessoas não matariam para passar três semanas na Itália a trabalho? Ela sabia que tinha sorte por ser uma jornalista de viagem e a *Viatorum*, a revista para a qual ela escrevia, estava se tornando muito mais que um trabalho para ela. Ela tinha amigos lá – Nina, a editora, e Elliot, seu chefe –, sem falar de um propósito. As oportunidades que a *Viatorum* tinha dado a ela era um sonho realizado.

Porém, foi durante a última viagem para a Itália que ela tinha ganhado muito mais do que apenas mais um trabalho publicado em seu nome. Lá, ela tinha encontrado o amor com Cristiano.

Enquanto eles esperavam pela mala grande na restituição de bagagem, ela podia sentir a ansiedade de Cristiano para sair do aeroporto e começar a explorar a cidade. Ela conseguia apreciar sua impaciência. Sentia isso também.

Finalmente, a mala dela apareceu na esteira. Como um cavalheiro, Cristiano se incumbiu de recolhê-la, em seguida insistindo em carregá-la para ela.

Eles se apressaram em sair do aeroporto, cheios de antecipação e empolgação.

Pegaram o metrô até a parte da cidade onde se localizava o apartamento de Bryn e subiram as escadas em direção à saída. O ar estava muito frio e Keira podia sentir a rajada de vento gélido descendo contra eles. Cristiano ergueu a mala dela nos degraus, parando na calçada e colocando a mala ao lado dela. Keira nunca tinha sentido tanta empolgação com a perspectiva de lavar roupas antes, mas a ideia de limpar e desfazer sua bagagem de repente parecia muito atrativa!

As calçadas pulsavam com energia, repletas de pessoas ocupadas correndo pela vida. Cristiano parecia confuso com a visão, como se

simplesmente não entendesse por que as pessoas precisavam andar tão depressa.

Conforme eles começaram a andar pelas ruas entre a estação de metrô e o apartamento de Bryn, Cristiano olhava ao seu redor com admiração nos olhos arregalados. Keira achava seu entusiasmo infantil encantador, e se perguntou se ela também havia parecido tão cativante quando eles estavam no tour pela Itália.

– Há tantos deles! – ele disse a Keira. – Prédio atrás de prédio atrás de prédio! É enorme! – Mas então ele começou a tremer e seus dentes bateram ao falar. – É sempre assim tão frio?

Cristiano estava vestido em um dos seus elegantes ternos italianos, bonito, mas nem um pouco prático. Ele começou a esfregar seus braços. Ela os esfregou também, tentando aquecê-lo através do tecido fino.

– Só nesta época do ano – ela respondeu. – Temos que comprar um casaco melhor para você. – Ela gesticulou para a rua com a loja de roupas mais próxima. Era uma grande loja vendendo o fim da coleção a preços reduzidos. – Podemos achar algo para você aqui.

Pela expressão de Cristiano, Keira podia dizer que ele não estava nada impressionado com a escolha dela!

– Prefiro esperar e encontrar uma loja mais apropriada – ele explicou. – Eu posso aguentar o frio mais um pouco.

– Você prefere congelar a parecer fora de moda, mesmo que temporariamente? – ela zombou dele.

– É claro – Cristiano respondeu, com um sorriso maroto.

Mas a palavras mal haviam saído de sua boca quando uma grande rajada de vento gélido de novembro passou por eles. Keira estremeceu, se abraçando com força, e olhou para Cristiano.

– Coitadinho – ela disse, rindo. – Você não está mais na Itália!

Cristiano cedeu rapidamente e ela o conduziu para a loja bem iluminada. Ele examinou os cabides cheios de jaquetas quebra-vento de cores gritantes, aparentemente, sem gostar de nenhuma. Lá se foram os dias de comprar roupas finas de designers italianos, Keira pensou.

Enfim, ele encontrou uma jaqueta preta acolchoada – uma cópia barata do tipo de coisa que um homem italiano elegante *talvez* usasse – e a comprou.

– Dez dólares – ele disse, balançando a cabeça. – Isso vai se desfazer em uma semana.

– Só precisa durar até encontrarmos a Gucci mais próxima – ela brincou.

Eles continuaram, virando a esquina na rua de Bryn e caminhando ao longo dela antes de pararem do lado de fora de um apartamento antigo estilo Brown Stone. Ele ostentava um grafite fresco, corrimões recentemente quebrados e várias plantas mortas.

– Então é aqui? – Cristiano perguntou, olhando para o alto bloco de apartamentos à sua frente.

Dizer que ele não estava impressionado era um eufemismo. As expectativas dele haviam sido nocauteadas pelo bairro pobre em que Bryn vivia. Ele provavelmente se sentia como ela havia se sentido quando se encontrara em Nápoles.

Ela esperava que ele não estivesse muito decepcionado, porque as coisas só ficariam ainda mais estranhas daqui para frente.

– Minha irmã é um pouco... Bem... Digamos que louca – ela o avisou. – É melhor estar preparado.

Cristiano riu, claramente achando que ela estava fazendo mais uma de suas piadas.

"Coitadinho", Keira pensou. *"Ele não tem ideia onde se meteu!"*

CAPÍTULO DOIS

De imediato, ficou evidente que Bryn tinha esquecido completamente que Keira voltaria hoje no momento em que eles entraram no apartamento.

Estava um caos. Havia roupas e sapatos espalhados por todos os lugares, uma coleção de taças de vinho manchadas no balcão da cozinha, e embalagens vazias de salgadinhos e molhos cobrindo a mesa de centro, que também estava forrada por uma camada de migalhas. Keira se encolheu com a visão. O que Cristiano pensaria?

Para completar a imagem de total desordem, a própria Bryn estava deitada no sofá, roncando alto. Sua maquiagem estava borrada por todo seu rosto. Seu vestido de lantejoulas brilhante mal a cobria. Sua boca de batom vermelho estava aberta.

Keira fez uma careta e olhou para o relógio. Nem era tão tarde. Bryn deve ter tido uma de suas maratonas de bebidas dos sábados, começando ao meio-dia para depois pular de bar em bar pela cidade até que ela voltasse para casa e desmaiasse no sofá.

Bem atrás dela, Keira podia sentir Cristiano protelando, hesitando. Ela estava assustada demais para se virar e analisar sua expressão. Sim, ela podia ter dito para ele se preparar, mas isso era pior do que ela mesma tinha antecipado!

Keira atirou sua bolsa no chão e Bryn acordou com o barulho de sobressalto. Ela se sentou com um ronco assustado. Balançando, ela tocou a bagunça de cabelos amarrados no topo de sua cabeça. Então, ela espiou Keira por olhos semicerrados.

– Você está em casa? – ela perguntou.

– Estou – Keira respondeu, seca. – Você esqueceu que eu estava voltando hoje, não foi? E esqueceu que eu estava trazendo um convidado.

Ela disse a última declaração entre os dentes, como um aviso para Bryn de que elas tinham companhia, outra coisa que ela aparentemente tinha falhado em perceber.

Bryn apertou os olhos, olhando além de Keira para Cristiano. Com algumas piscadas descrentes, ela de repente acordou para a vida.

– Ah, olá – ela disse, pela primeira vez soando desperta e alerta. – Eu sou Bryn. Você deve ser Cristiano.

Pela primeira vez depois de entrar no apartamento, Keira voltou-se para ver a reação de Cristiano ao caos para o qual ela havia lhe trazido. Longe de

parecer chocado, ele tinha uma expressão divertida. Enquanto Keira se encolhia ao ver Bryn cambaleando para ficar de pé e andar em direção a ele, Cristiano parecia estar levando a coisa toda com leveza.

– Uau, você é lindo – Bryn disse conforme se aproximou de Cristiano e o abraçou. – Pensei que Keira só estivesse exagerando para me deixar com ciúmes.

Keira percebeu um cheiro de álcool misturado com perfume exagerado.

– Obrigado, eu acho – Cristiano respondeu, soando incerto, mas rindo do mesmo jeito. – Você e sua irmã herdaram genes muito bonitos.

Bryn ergueu as sobrancelhas para Keira, sem tentar esconder seu encanto. Keira foi atingida por um medo repentino. Sua irmã era considerada pela maior parte das pessoas como a mais bonita entre as duas. Ela também flertava de forma ultrajante. E se Cristiano caísse no charme dela? Sua personalidade mais exuberante? Era impossível dizer, ao estudar o comportamento de Cristiano, o que ele realmente pensava de Bryn, já que ele agia da mesma forma encantadora com todas as mulheres bonitas que conhecia.

– Vocês querem algo para beber? – Bryn disse, seu olhar fixo nas feições perfeitas de Cristiano. – Cerveja? Vinho? Prosecco?

– Será que é uma boa ideia? – Keira perguntou, erguendo uma sobrancelha para a aparência desgrenhada da irmã.

Bryn revirou os olhos e voltou o olhar para Cristiano outra vez. – Ela era assim o tempo todo na Itália também? Keira às vezes é tão quadrada.

– Ei! – Keira protestou.

- Nenhum pouco – Cristiano disse. Ele parecia estar levando isso tudo com bom-humor, mesmo que a própria Keira estivesse se sentindo extremamente constrangida. – Passamos muitas noites bebendo ótimos vinhos, não foi, minha querida? – Ele reluziu seus lindos olhos na direção dela e sorriu maliciosamente, de um jeito que a fazia sentir como se fosse a única mulher no mundo.

– Sim – ela murmurou em transe.

Bryn interrompeu com seu habitual jeito impertinente. – Bem, você deve ter tido algum efeito nela, Cris, porque fazê-la sair de casa à noite é como tentar tirar leite de pedra.

Keira balançou a cabeça com as provocações de Bryn.

– Apenas sirva as bebidas, por favor – ela resmungou.

Bryn abriu um sorriso maldoso para Keira, claramente curtindo o processo de acabar com ela, e depois sorriu para Cristiano com doçura. – Qual é o seu veneno, Cris?

Keira fez careta. Ela já estava odiando como Bryn tinha dado um apelido para ele. Era muito familiar. A própria Keira ainda não tinha o chamado de outra coisa que não Cristiano! Se alguém deveria dar-lhe um apelido carinhoso, devia ser ela!

– Vinho tinto – Cristiano respondeu. – Um Shiraz da Nova Zelândia, se você tiver.

Bryn riu alto, como seu flerte habitual. – Vou ver o que posso fazer – ela ronronou. Depois, olhou para Keira. – Você pode arrumar um pouco as coisas? – perguntou, acenando com a mão em direção ao cômodo bagunçado.

Keira rangeu os dentes. Ela podia sentir o calor subindo às suas bochechas.

Enquanto ela pisoteava pelo apartamento recolhendo restos, ela entreouvia Bryn e Cristiano conversado no balcão da cozinha.

– Então, por quanto tempo você vai ficar na cidade, Cris? – Bryn perguntava.

Keira parou o que estava fazendo e olhou por cima dos ombros. Cristiano e ela não tinham discutido aquilo ainda. Na verdade, a relação deles tinha sido um furacão tão grande, desde o primeiro dia, que eles haviam planejado muito pouco. Ela nem mesmo tinha pensado no fato de só haver uma cama na casa de Bryn! Onde é que eles dormiriam?

– Ainda não sei – Cristiano respondeu. – Estamos vivendo no agora. Cada minuto como vier.

Keira expirou. Era uma resposta reconfortante.

Ela terminou a arrumação rapidamente e então foi até a pequena cozinha para supervisionar a interação entre sua irmã e Cristiano. Bryn serviu mais uma taça de vinho.

– Eu acho que eu deveria deixar vocês dormirem na cama – ela disse enquanto deslizava a taça de vinho pela mesa. – Vocês dois juntos não cabem no sofá de jeito nenhum.

– Sério? – Keira perguntou, surpresa por sua generosidade. Não era do feitio de Bryn considerar os outros. – Mas e você?

Bryn indicou o sofá. – Na maioria das noites eu desmaio na frente da TV de qualquer forma. Quer dizer, quando estou em casa.

Ela ergueu as sobrancelhas, mexendo-as. Keira gemeu; pensar sobre as frequentes e numerosas conquistas de Bryn lhe fazia sentir mais do que náusea.

– Isso é muito gentil da sua parte – Cristiano disse, obviamente alheio ao sentido implícito.

– Arranjar um apartamento está no topo da minha lista de prioridades – Keira adicionou. – Prometo que vamos deixar de te incomodar o mais rápido possível.

Na cadeira ao seu lado, Cristiano endireitou a postura de repente. Ele bebericou seu vinho com o olhar desviado. Ele estava ficando tenso? E, se sim, o que no comentário dela tinha causado isso nele?

Um terror repentino atingiu Keira. Será que Cristiano pensou que ela estava sugerindo que eles arranjassem um apartamento *juntos*?

Constrangimento cresceu dentro dela. Keira se encurvou em seu assento. Aquilo não era o que ela estava implicando de forma alguma! Seria absurdamente presunçoso da parte dela esperar que Cristiano quisesse morar com ela imediatamente, em especial porque eles não tinham discutido nada. Especialmente já que ela mesma não tinha ideia de quanto tempo ela o queria por perto. Havia um espectro enorme entre hoje e para sempre!

Subitamente, jogar a cautela pela janela em uma névoa de romance desconcertante pareceu precipitado. A sensação tinha sido incrível no avião, mas agora que eles estavam no território dela era diferente. Parecia *real*. Em algum momento, ela teria que tomar coragem para ter uma conversa de verdade com ele sobre todos os aspectos práticos de negociar seu relacionamento à distância; porém, a última coisa que ela queria fazer era afugentá-lo.

Keira ficou em silêncio, perdida em seus pensamentos, tomando pequenos goles de vinho. Ela virou uma espectadora ao invés de uma participante da conversa, assistindo enquanto Bryn ria para Cristiano e comentava sobre seu sotaque fascinante, encarando-o com olhos de adoração. Quando ela se estendeu sobre o balcão da cozinha e tocou o braço dele, Keira retomou sua atenção em um estalo. Era hora de uma saída estratégica. Ela bocejou bem alto.

Bryn recuou surpresa, como se ela tivesse esquecido completamente que Keira estivesse ali.

– Está cansada? – ela perguntou. – Não sinta que precisa ficar acordada por minha causa. Você só tem um dia antes de precisar voltar ao trabalho, não vai querer estar exausta.

Geralmente, Keira achava a imitação materna de Bryn irritante, mas dessa vez aceitou com prazer o convite a se recolher mais cedo. E sair de perto da irmã.

Ela se levantou. – Desculpe, eu só estou cansada com tantas viagens. Amanhã conversamos direito. Eu tenho um presente para você.

Bryn sorriu. – Maravilha. Mal posso esperar.

Ela também se levantou e as irmãs se abraçaram. Em seguida, Keira olhou para Cristiano, que ainda estava sentado.

– Você vem? – ela perguntou.

Ele aparentou surpresa, como se não tivesse passado pela sua mente que Keira esperasse que ele fosse se deitar com ela.

– Ah, sim, claro – ele respondeu, soando incerto.

– Não precisa – Bryn apressou-se em dizer. – Se não tiver cansado, fique à vontade para ficar de pé comigo e conversar. Eu tenho mais Shiraz da Nova Zelândia.

Keira estreitou os olhos para Bryn. Cristiano olhou de uma irmã para a outra, como se preso em algo que ele não entendia completamente. Finalmente, ele se levantou, claramente decidindo seguir Keira. Ela assentiu decisivamente em reconhecimento de sua vitória.

– Amanhã – Cristiano disse a Bryn. – Obrigada pelo vinho.

Keira notou que ele não tinha terminado sua taça. Ela sentiu-se mal por levá-lo, mas ela conhecia Bryn melhor do que ele. Deixá-la sozinha com ele era um perigo em potencial!

– Boa noite – Keira despediu-se de Bryn ao arrastar sua mala até o quarto.

Cristiano entrou atrás dela. Assim que ele estava do lado de dentro, Keira fechou a porta atrás dele. Ela se recostou contra ela e respirou fundo.

– Sinto muito por isso – ela disse.

Cristiano parecia confuso. – Não entendo. Ela pareceu bem legal.

– Ela estava flertando com você! – Keira respondeu, sacudindo a cabeça.

Cristiano não parecia nem um pouco preocupado – Eu não me importo.

– Bem, eu me importo – Keira disse a ele. – Ela é minha irmã. É rude.

Cristiano apenas deu de ombros. Ele veio e envolveu os braços ao redor de Keira. – Você sabe que eu só tenho olhos para você – ele disse,

espremendo o corpo dela contra si.

– Não é com você que eu estou preocupada – Keira respondeu, relaxando contra ele. – É com todas as outras mulheres com sangue quente no mundo.

Então, ela foi tomada por um súbito entendimento. Na Itália, Cristiano, apesar de ser inquestionavelmente lindo, era um entre muitos. Aqui, em Nova Iorque, ele era uma criatura exótica, um italiano de verdade, um modelo saído das páginas de um catálogo de moda. Sua cidade apresentava um novo conjunto de desafios ao relacionamento deles que ela ainda não tinha considerado.

Havia só uma solução. Ela teria que manter Cristiano completamente ocupado do amanhecer ao entardecer, supervisionado de manhã, de tarde e de noite!

– Nós deveríamos levantar cedo amanhã – ela disse, movendo-se do abraço. Ela começou a desfazer a cama. – Só um dia do fim de semana para aproveitar antes de eu voltar para o trabalho. Temos muitos pontos turísticos para ver.

Cristiano sorriu largamente. – Mal posso esperar. Mas nós não vamos dormir agora, vamos? – ele ofereceu a ela um de seus olhares sugestivos. – Estive confinado em um avião por horas. Tem muita energia reprimida dentro de mim.

O sorriso de Keira arqueou. Ela alcançou o interruptor. – Como você quiser – ela murmurou, apagando a luz e os mergulhando na escuridão.

CAPÍTULO TRÊS

Keira acordou ao som estridente do despertador. Ele dizia que era sete da manhã, mas graças à mudança de fuso horário e ao relativamente pouco tempo que ela e Cristiano tinham usado a cama para *dormir*, o corpo dela sentia que ainda era de madrugada. Sentia-se grogue, como se tivesse tirado um cochilo mal planejado no meio do dia.

Mas, apesar do desconforto físico, mentalmente estava incrivelmente empolgada para o dia pela frente. Ela pulou da cama, energizada pela animação e pela adrenalina vinda da exaustão.

Ela voltou o olhar para Cristiano. Ele ainda dormia profundamente.

– Acorde – ela disse, debruçando-se sobre ele e beijando sua testa.

Seus olhos se abriram piscando. – Preciso mesmo? – ele disse, bocejando. – Aquele voo longo me esgotou.

– Foi o voo que te esgotou, hã? – Keira falou sugestivamente, com uma piscada.

Mas ela percebeu que Cristiano tinha voltado direto para o sono!

Ela decidiu deixá-lo descansar e foi se aprontar para o dia.

Ela entrou sorrateiramente na sala. Estava escuro e Bryn roncava alto. Cuidando para ser o mais quieta possível e não acordar a besta adormecida, ela passou por sua irmã na ponta dos pés e tomou um banho rápido, removendo o resíduo do avião e os últimos resquícios da Itália de sua pele.

Quando retornou ao quarto, viu que Cristiano ainda estava em um sono profundo e tranquilo. Ela suspirou e decidiu que poderia muito bem descer as roupas sujas até a lavanderia na esquina. Não havia sentido em perder tempo, já que ela estaria de volta ao escritório amanhã.

Ela esvaziou sua mala rapidamente e recolheu as roupas espalhadas da noite anterior, adicionando-as à trouxa antes de sair apressada do apartamento, ao longo do corredor, descendo as escadas e saindo na rua.

Era uma manhã excepcionalmente fria e ela sentiu um maravilhoso senso de nostalgia. Ela não tinha passado quase nenhum tempo em Nova Iorque nos últimos dois meses e era ótimo estar em casa; o som familiar do tráfego, o cheiro familiar da fumaça. Isso a fazia pensar no Dia de Ação de Graças, e ela sorriu para si mesma ao saber que não teria que esperar muito até o seu feriado favorito. Esse ano seria ainda mais especial com Cristiano lá para aproveitar com eles. Isso é, se ele permanecesse até lá.

Estava vazio dentro da lavanderia e Keira carregou a máquina com roupas sujas de várias semanas, enchendo a gaveta com detergente e adicionando algumas moedas de vinte e cinco centavos. Ela tinha apenas trocados suficientes para uma lavagem rápida – ainda não tinha tido tempo de obter dinheiro local –, mas uma rodagem de trinta minutos era melhor do que nada.

Uma vez que a máquina começou a rodar, ela correu para fora, desejando voltar para Cristiano, acordá-lo e o conduzir para fora do apartamento (e das garras) de Bryn o mais rápido possível.

Mas, uma vez de volta ao quarto, ela descobriu que Cristiano ainda estava dormindo muito profundamente. Ela o beijou outra vez para tentar acordá-lo.

– Bela adormecida – ela disse, mais viva dessa vez, sua voz um pouco mais alta, mais irritantemente exigente. – Temos que levantar e sair!

Cristiano lamentou. – Não podemos ter um dia de preguiça na cama? – ele gemeu. – Estamos sem parar há semanas. Nós merecemos relaxar só por uma manhã, não?

Keira sacudiu a cabeça, pensando em Bryn no outro cômodo. Eles tinham que escapar antes que ela acordasse.

– Não – ela respondeu. – Nova Iorque inteira nos espera!

Cristiano bocejou, dando as costas para sua voz alta. – E ela ainda vai estar lá à tarde, depois do café da manhã.

– Mas é melhor aproveitar de manhã – Keira contestou, levantando as cobertas dele. – Confie em quem é daqui.

Cristiano desistiu de discutir e, tremendo, saiu da cama.

– Por que você está com tanta pressa? – ele gemeu.

– Porque temos tanta coisa para fazer! – ela respondeu, rapidamente vestindo um par de botas de inverno de Bryn. Todos os seus calçados de inverno estavam estocados em uma caixa em algum lugar; seus pertences do apartamento de Zach espalhados em vários lugares, desde seu quarto na casa de sua mãe até o sótão de Shelby e David e o armário de Bryn. Havia até uma caixa escondida sob sua mesa na *Viatorum.*

– Posso ao menos tomar um banho? – Cristiano perguntou.

Keira mastigou seus lábios. Cada minuto desperdiçado era um minuto mais perto de Bryn acordar e tentar colocar suas garras em Cristiano. Mas Keira não podia negar suas necessidades humanas básicas.

– Claro – ela disse alegre, fingindo calma. Ela foi até o armário de Bryn e puxou uma toalha macia. – Aqui – ela disse, entregando-a a ele com shampoo e gel de banho de sua bagagem. – O chuveiro é no fim do corredor.

Ele beijou-lhe em agradecimento e desapareceu do quarto. Keira afundou-se na cama, já exausta. Isso não seria fácil. Ela precisaria encontrar um apartamento novo o mais rápido possível. Para ontem.

Mas aquilo dependia de receber de volta de Zach o depósito dela pelo antigo apartamento deles. Ela não queria iniciar o contato, mas era claramente o menor dos males nessa situação em particular. Ela pegou seu celular e disparou uma mensagem.

Alguma novidade sobre o depósito? K

Contra seu próprio julgamento, ela acrescentou um beijo no final. Agradar Zachary não era algo que ela gostava de fazer, mas se significasse receber seu depósito de volta mais rápido valeria a pena.

Ela espiou a sala pela porta do quarto. As cortinas ainda estavam abaixadas e o cômodo estava escuro. Os únicos sons eram do chuveiro do outro lado do corredor e o ronco alto de Bryn. Por sorte, Cristiano também não tinha a despertado no caminho.

Contudo, ela começou a ficar impaciente. Cristiano com certeza não estava com pressa! Ela checou seu relógio e viu que as roupas da lavanderia em breve chegariam ao final do ciclo. Ela decidiu buscá-las para não correr o risco de alguém as roubar no momento em que a trava da porta da maquina se abrisse. Mesmo às sete e meia da manhã de um domingo, ser cuidadosa nunca era demais!

Ela saiu do apartamento de novo e se apressou até a lavanderia. Agora havia duas pessoas lá, ambas eram mulheres de meia-idade que pareciam organizadas, claramente tentando evitar filas. Keira recolheu suas roupas mornas e úmidas. Ela não tinha trocados o bastante para a secadora, então teria que pendurá-las pelo apartamento de Bryn.

Ela foi embora, voltando pela rua em direção à casa de Bryn. Era bom estar realizando tarefas normais de novo, ser uma pessoa normal de novo, e não uma escritora de viagens em um país estrangeiro empolgante. Aparentemente, era sim possível enjoar de uma coisa boa.

O telefone dela vibrou em seu bolso quando ela começou a subir as escadas até o apartamento de Bryn. Era uma mensagem de Zach. Ela mordeu o lábio em antecipação, lendo em seguida o que ele tinha escrito.

Bonjour, Keira! Estou na França a trabalho. Uma conferência de uma semana começando amanhã! Podemos falar sobre $ quando eu voltar?

Ela suspirou em frustração. Seria mais uma semana até que eles pudessem falar sobre isso, não que ela ao menos pudesse entender o que havia para falar! Deveria ser um simples caso de transferir a parte dela do dinheiro para o banco, mas é claro que ele não tornaria as coisas fáceis para ela.

Com os olhos ainda no celular, Keira entrou no apartamento de Bryn. Imediatamente, foi surpreendida com o som de risadas, e olhou para cima.

Tudo havia mudado. As cortinas estavam abertas, as luzes acesas, a máquina de café borbulhando, e lá estava Bryn na cozinha, mais desperta do que uma pessoa que passou o dia anterior bebendo deveria parecer. Empoleirado com as costas no balcão estava Cristiano, seu torso nu refletindo gotas de água, nada além de uma toalha amarrada em volta de sua cintura para proteger sua intimidade.

– O que está acontecendo? – Keira exclamou, assustada.

Bryn olhou para ela e franziu a testa, divertindo-se com o tom paranoico de Keira. – Estou fazendo café – ela disse, afirmando o óbvio. – Onde você estava?

– Fui até a lavanderia – Keira falou, erguendo sua sacola pesada de roupas úmidas. – Eu só saí por dois minutos.

Dois minutos, claramente, era o que bastava para Bryn se aproveitar da chance de deleitar seus olhos com o corpo afiado de Cristiano.

– Querido – Keira disse forçadamente, olhando para ele. – Melhor nós nos *vestirmos*. Temos que ir.

– Dá tempo de um café, não? – ele perguntou. – Enquanto você pendura suas roupas para secar?

Keira soltou a sacola no chão, casualmente, tentando soar despreocupada ao se aproximar dele e o dirigir pelos ombros em direção ao quarto.

– Mas eu quero te levar para o melhor café de toda Nova Iorque – ela disse. – Lote pequeno. Moído na hora. Muito mais gostoso que o café de máquina da Bryn.

– Oh. Está bem... – Cristiano disse, sem resistir. – Mas... Suas roupas?

Conforme ela o guiou para a segurança do quarto, Keira olhou por cima dos ombros para Bryn. Ela estava assistindo, sorrindo com malícia, visivelmente se divertindo com a pressa afobada de sua irmã. Keira mostrou

a ela uma expressão séria, um aviso com o olhar para deixar Cristiano em paz.

– Eu posso pendurar suas roupas – Bryn disse com um sorriso doce e esperto.

– Obrigada – Keira respondeu, seca.

Ela ia fechar a porta, mas Bryn não tinha acabado.

– Se você pensa que eu sou má... – ela riu – Espere só até você sair com ele por aí – ela apontou para a janela. – Existem muitas piores do que eu. Pode acreditar.

Com seu corpo todo tenso, Keira fechou a porta.

CAPÍTULO QUATRO

A primeira parada foi o Upper West Side, onde eles apanharam bagels e café para comer enquanto se moviam. Estava muito longe das refeições longas e preguiçosas que eles tinham dividido na Itália, mas Keira queria que Cristiano realmente sentisse como era a vida em Nova Iorque.

– Então esse é o melhor café em Nova Iorque, é? – Cristiano perguntou, dando golinhos em seu copo de papel com cuidadosa consideração. Ele não parecia convencido.

– Ah, sim, o melhor – Keira lhe contou, recordando-se da mentira que tinha soltado essa manhã. Era bom, mas não o café moído na hora e de pequeno lote que ela havia prometido. – É minha opinião, de qualquer maneira.

Cristiano apenas deu de ombros.

Eles passearam pela calçada de mãos dadas em direção ao Rio Hudson. Keira estava agudamente consciente da quantidade de encaradas que Cristiano acumulava. Ela sabia que havia uma discrepância entre suas respectivas belezas, mas ela se sentia ainda mais como uma simples mulher comum em Nova Iorque, porque aqui Cristiano era mais do que um bom partido, ele era uma criatura rara. Bryn estava certa. Tinha muito pior do que ela nessa cidade. Estar com ele aqui seria exaustivo.

– O que você achou da minha irmã? – ela perguntou.

Cristiano riu. – Ela é interessante.

– Interessante como?

Fez-se uma pausa, durante a qual Cristiano estava claramente tentando escolher suas palavras com muito cuidado. Finalmente ele escolheu – *Pazza*.

– O que isso significa? – Keira perguntou, sua mente conjurando várias opções: linda, maravilhosa, atraente, hipnotizante.

– Louca – Cristiano disse.

Keira riu. Foi um alívio ouvi-lo dizer aquilo. A não ser que ele tivesse uma atração secreta por loucas, ela provavelmente estava a salvo. De Bryn, pelo menos. Ainda havia o resto da população feminina de Nova Iorque para rivalizar com ela.

Eles atravessaram o Riverside Park, observando o lindo rio, e depois se direcionaram para o Central Park. No momento em que Cristiano tinha o

notado do alto enquanto a aeronave deles tinha o sobrevoado, Keira tinha deduzido que ele também gostaria de vê-lo do chão.

– Isso é tão incrível – ele disse, observando os distantes arranha-céus que os cercavam. – Nem parece real.

Keira sorriu, lembrando-se de como ela havia dito a ele algo parecido sobre a Itália. Era legal vê-lo tão fascinado por sua cidade, vê-lo maravilhado por coisas que ela há muito tempo já tinha se esquecido de se inspirar.

Eles foram em direção ao leste, até o Museu Metropolitano de Arte. A cultura na Itália tinha sido impressionante, mas Keira era competitiva por natureza e não queria que Cristiano pensasse que seu antigo país europeu tinha mais coisas ao seu favor do que Nova Iorque! Mas eles tinham tantas coisas para encaixar no dia que só ficaram cerca de uma hora lá dentro antes que Cristiano pedisse para ver mais da cidade.

Eles pegaram um metrô até a quinta avenida para que Keira pudesse lhe mostrar a Times Square, seguindo depois para a décima primeira avenida para um passeio pela High Line, para que ele absorvesse de verdade a vista do horizonte de Manhattan. Eles compraram mais café de um dos vendedores ao longo da ponte.

À medida que a tarde foi se desenhando, Keira levou Cristiano ao SOHO, onde almoçaram em um dos cafés. Cristiano pareceu gostar dessa parte da cidade em particular, principalmente dos fashionistas e das interessantes lojas de roupas. De fato, ele se encaixava muito bem com suas roupas italianas e encontrou uma jaqueta nova, notavelmente similar à que eles tinham comprado na loja em promoção depois do aeroporto, a maior diferença sendo que essa custava cinquenta dólares ao invés de dez.

Enquanto eles almoçavam, o telefone de Keira começou a tocar. Seu primeiro instinto foi achar que era Bryn tentando encontrar uma maneira de atrai-los de volta para o apartamento. Mas quando Keira olhou para seu telefone, viu que era sua mãe ligando. Ela atendeu a ligação.

– Querida, acabei de falar com a sua irmã – sua mãe anunciou. – Você precisa trazer o Cristiano para o jantar hoje à noite.

– Não, mãe – Keira disse, estremecida. – Queremos passar o dia juntos. Está tudo planejado.

– Mas eu já fui às compras – Mallory respondeu com um triste lamento na voz. – Comprei tudo para fazer lasanha.

– Por quê? – Keira chiou. – Você nem me perguntou.

Ela sabia por que. Se sua mãe tivesse lhe perguntando antes, ela não teria nenhuma vantagem, nenhuma barganha e nada para fazer Keira se sentir culpada. Dessa forma, ela tinha a vantagem. A recusa de Keira a fazia parecer mimada e ingrata.

Do outro lado da mesa, Cristiano parecia preocupado. – Está tudo bem? – ele perguntou.

Keira assentiu, tentando fingir calma. Ela falou ao telefone de novo – Mãe, tenho que ir agora. Marcamos o jantar outra hora.

Sua mãe suspirou alto. – Você ao menos perguntou ao Cristiano se ele gostaria de me conhecer? Porque não parece que você lhe deu escolha.

Keira rangeu os dentes. Revirando os olhos, ela levantou o olhar para Cristiano. – Minha mãe quer nos receber para jantar hoje à noite. Mas estávamos planejando ir ao restaurante da almôndega, não era? Então estou dizendo a ela que deixamos para outra hora.

Mas ao contrário da resposta que ela estava esperando tirar dele, Cristiano pareceu animado pela perspectiva de conhecer a mãe de Keira.

– Podemos comer as almôndegas qualquer outra hora – ele disse, dando de ombros. – Se sua mãe quer cozinhar para nós, realmente deveríamos deixar. Eu adoraria conhecê-la.

Keira largou a cabeça em suas mãos. Com um suspiro, ela cedeu.

– Está bem – ela disse ao telefone. – Você venceu, mãe. Nós vamos chegar às oito.

– Sete – sua mãe corrigiu.

– Sete – Keira repetiu com mau-humor.

– Que maravilha! – sua mãe irrompeu. Mas Keira encerrou a ligação antes mesmo que ela acabasse de falar. Ela olhou para Cristiano. – Você não precisa ser tão educado, sabe.

Ele riu. – Ser educado não é meu motivo, Keira. Eu gostaria muito de conhecer sua mãe.

– Ela vai fazer lasanha. – Keira adicionou em voz seca. – Só posso presumir que é porque você é italiano.

– Isso é perfeito – ele respondeu. – Porque eu amo lasanha.

Keira suspirou. Cristiano podia estar preparado para conhecer mais membros de sua família *pazza*, mas ela não estava. Tê-lo aqui estava se tornando mais e mais estressante para ela a cada segundo.

CAPÍTULO CINCO

Mallory Swanson ainda morava no mesmo apartamento em que havia criado suas duas filhas. Keira sempre sentia uma estranha sensação de nostalgia quando voltava para casa. Apesar de sua infância ter sido cheia de amor e risadas, a ausência de seu pai estava sempre presente. O fato de ele ter morado naquela casa com sua mãe e Bryn antes dela ter nascido era algo que estava sempre no fundo de sua mente, porque logo após ela ter nascido ele abandonara a família. Ela tinha crescido sempre sentindo que as sombras dele espreitavam pela casa, como se as coisas não estivessem exatamente como elas deveriam.

Ela e Cristiano pegaram um táxi direto do centro. Keira não quis voltar ao apartamento de Bryn primeiro e ter que aguentar a viagem com os três em condições apertadas, então tinha dito a sua irmã para encontrá-los lá. Pelo menos a capacidade de Bryn em ser pontual era nula, portanto eles teriam um pouco de espaço para respirar depois de chegar.

Eles subiram os degraus do prédio de tijolos vermelhos. O apartamento do porão ainda tinha a mesma proprietária, uma mulher que havia vivido lá sua vida toda. Seus inúmeros gatos deitavam na calçada ou se empoleiravam no corrimão, miando para eles.

Keira tocou a campainha e, no momento seguinte, sua mãe apareceu à porta. Ela vestia um avental manchado por cima das roupas e seu cabelo estava em desalinho.

– Aqui está ela! Minha filha nômade ambulante! – Mallory exclamou. Ela lançou os braços ao redor de Keira e a apertou bem. Em seguida, soltou-a e olhou para Cristiano. – Olhe só, como você é bonito! – ela aclamou. Ela o abraçou também. – Agora, rápido, todos para dentro. Eu deixei a lasanha no forno e não quero que queime.

Ela os conduziu para dentro. Keira subiu a escadaria sombria que levava ao apartamento no primeiro andar. Parecia mais estreita que o normal, as paredes verde-escuras mais manchadas do que ela se lembrava. Não ajudava que a maior parte das lâmpadas do corredor tinha queimado. Dava ao corredor uma atmosfera de filme de terror.

Eles chegaram ao apartamento e foram acometidos de imediato pelo calor irradiando do forno. O cheiro de queijo forte permeava o ar.

– Então aqui é onde você cresceu? – Cristiano perguntou, olhando educadamente o entorno do modesto apartamento de Mallory.

Keira assentiu. Estava muito distante da casa dos pais dele nas encostas de Florença. Não havia um único móvel na casa que parecia pertencer às páginas de uma revista de decoração. Nem mesmo podia ser afirmado que a casa era um estilo rústico-chique. Era só rústico.

Keira sentiu o peso do constrangimento pressionando-a para baixo. Ela tinha se esforçado tanto na escola e na faculdade justamente para deixar esse tipo de vida para trás. Estava preocupada que a impressão que Cristiano estava tendo dela estivesse milhões de quilômetros de distância do que ele estivera esperando quando concordou em entrar no avião com ela. Lá se vai a imagem da repórter de Nova Iorque que voa alto. Não tinha como esconder que ela tinha origens humildes agora.

– Por que não se sentam? – Mallory gritou por cima dos ombros enquanto se ocupava na cozinha.

Keira gesticulou para a mesa. Sua mãe havia a coberto com uma toalha estranha de vinil. Cristiano sentou em uma das cadeiras. Keira notou que ela balançou sob ele, mas claro que ele era educado demais para dizer algo.

Mallory aproximou-se com uma travessa fumegante, colocando-a sobre a mesa. A lasanha parecia uma bagunça: o molho de tomate borbulhava através da massa, o queijo tinha queimado nas bordas. Era provavelmente um mundo de distância do que Cristiano estava acostumado a comer na Itália!

– O que é aquilo? – Keira perguntou, apontando para pequenas bolinhas por cima.

– Avelãs – Mallory disse.

– Em uma lasanha? – Keira perguntou, franzindo a testa.

– Eu li em uma revista – Mallory respondeu de forma ambivalente.

Keira sentiu seu corpo pesando mais e mais.

– Não devíamos esperar a Bryn? – ela perguntou a sua mãe.

– Sete horas, eu falei – Mallory respondeu – Ela sabe ver as horas. É culpa dela se não está aqui a tempo – ela sorriu de lado para Cristiano e serviu uma taça de vinho para ele. – Espero que goste de rosé.

Keira se encurvou em seu lugar, lembrando como Cristiano era conhecedor de vinhos e como ele sabia qual vinho beber com qual prato. Não precisava ser conhecedor para saber que vinho rosé não acompanha nada!

Educadamente, ele pegou a taça de vinho rosado.

– Ao nosso lindo convidado! – Mallory anunciou, e todos brindaram.

Keira estava com tanta vergonha que queria desaparecer.

A porta abriu em seguida e Bryn desfilou sala adentro. Qualquer sinal da ressaca que ela deveria estar sentindo tinha sumido completamente. Os olhos dela estavam brilhando, seu cabelo limpo e reluzente, e ela estava vestida para impressionar.

Keira não podia evitar a inveja que às vezes sentia pela beleza de sua irmã mais velha. Ela tinha anos de memórias de garotos babando por Bryn para comprovar. O único lado bom era que sua irmã estava um pouco mais para o lado instável. Não daria para saber apenas olhando para ela. Ao vê-la, era de se pensar que ela era uma modelo, pura graça e equilíbrio.

Bryn sentou-se à mesa com floreios e se serviu de uma porção grande de lasanha.

– Fiz uma hora e meia de academia hoje – ela alardeou. – Eu mereço me recompensar.

Keira não lembrava a última vez que ela tinha ido à academia. Na verdade, os últimos dois meses tinham sido um borrão de bebida e comida. De toda a cerveja Guinness e frituras no café da manhã na Irlanda às massas e gelatos na Itália, ela estava honestamente surpresa de ainda não ter ficado obesa. Era somente graças a todas aquelas colinas na Itália e aos passeios lamacentos na Irlanda que tinha conseguido ficar mais ou menos em forma.

– Você malha muito? – Cristiano perguntou a Bryn. Ele parecia interessado ao invés de sugestivo, o que aliviou Keira, apesar dela não entender por que ele queria saber.

Bryn assentiu. – *Spinning* é o que eu mais faço. Ah, e escalada. Tem uma parede ótima onde eu faço.

Cristiano se animou – Eu amo escalar!

– Ama? – Keira perguntou, surpresa. De alguma forma, aquilo nunca tinha surgido em conversas.

– Sim – ele disse, assentindo empolgado antes de voltar sua atenção à Bryn. – Você tem que me levar qualquer hora.

– Eu adoraria – Bryn respondeu.

Keira se encolheu. Essa conversa toda estava lhe deixando no limite. Ela queria colocar o máximo de distância possível entre Cristiano e sua irmã.

Mallory pareceu adequadamente impressionada com o histórico de escalada de Cristiano. – Então, o que mais você faz? – ela perguntou. – Fisicamente?

– Mãe – Keira gemeu. – Que tipo de pergunta é essa?

– Eu gosto de nadar – Cristiano respondeu. Então, com uma piscadela para Keira, ele adicionou – E dançar a noite toda.

– É mesmo? – Mallory perguntou. – Você dança flamenco?

– Isso é espanhol, mãe! – Keira exclamou.

Cristiano explodiu em risadas. Bryn também riu baixo. Até Mallory pareceu achar seu erro divertido. Keira era a única que não. Talvez Bryn tivesse razão sobre ela ser rígida?

– Então, como foi sua aventura italiana? – Mallory perguntou a Keira, inclinando-se sobre a mesa para dar batidinhas em sua mão. – Outro sucesso? – os olhos dela se atiraram para Cristiano.

Keira sentiu o rubor subir em suas bochechas. – Foi lindo – ela disse, tentando direcionar a conversa para longe do fato dela ter instigado *outro* romance, e mais para o país em si. – A paisagem é de outro mundo. A comida é incrível. E a cultura, então!

– Não se esqueça dos homens – Bryn adicionou, mexendo as sobrancelhas.

Keira lhe deu um olhar fulminante. – Sim, as *pessoas* são maravilhosas também. Cristiano me levou para conhecer os pais dele em Florença. Eles foram super amigáveis.

Mallory olhou para Cristiano, impressionada. – Você é próximo da sua família?

Ele sorriu e assentiu. – Muito. Tirando quando estou viajando a trabalho, eu os vejo no mínimo uma vez por semana.

– Isso é tão legal – Mallory disse, abaixando o olhar contemplativamente para sua lasanha. – Minhas meninas estão sempre muito ocupadas para me ver. Estou a apenas uma viagem de táxi de distância, mas parece que vivo no Canadá.

Bryn revirou os olhos. – Somos mulheres modernas, mãe. Nós trabalhamos.

– Eu passei mais ou menos 48 horas em Nova Iorque nos últimos dois meses! – Keira adicionou.

Mallory apenas deu de ombros, mantendo a expressão ferida em seu rosto para obter o efeito máximo. Bryn parecia ser imune àquele tipo de coisa, mas isso sempre irritava Keira. Ela sentia que seu relacionamento com sua mãe era muito bom. E dificilmente era como se Mallory fosse uma velha solitária que ficava sentada em casa o dia todo! Ela podia estar

aposentada agora, mas tinha muitas amizades e todo tipo de hobbies com que se ocupar.

– Como está sua lasanha? – Mallory perguntou a Cristiano em seguida. – Suponho que não se compare à receita da sua supermãe, não é?

Bryn apenas riu do tom de abandono de sua mãe. Keira não estava a fim de paparicá-la. Ela respondeu antes que Cristiano ao menos tivesse a chance, na tentativa de aliviá-lo da estranha interação social.

– Claro que não se compara – ela disse. – Nossa comida é completamente diferente. A maior parte é importada. Quer dizer, os ingredientes italianos são tão frescos e nutritivos – ela cutucou sua massa emborrachada com o garfo. – Até os tomates têm sabor diferente na Itália.

– Mas comida americana é boa também – Cristiano adicionou, diplomaticamente. – Keira e eu comemos bagels no café da manhã hoje cedo. Foi muito empolgante.

Bryn fez uma cara que indicava que ela achava a empolgação de Cristiano por um bagel adorável. Keira não suportou a forma como ela olhava para Cristiano, como se ele fosse um cachorrinho fofo.

– E por quanto tempo você vai ficar em Nova Iorque? – Mallory perguntou.

Ótimo, Keira pensou. De novo essa pergunta.

– Eu ainda não sei – Cristiano respondeu. – Mas não tenho nenhuma razão para sair correndo.

Uma pequena ranhura apareceu na testa de Mallory. – Não? Você não tem que voltar para casa para trabalhar?

Cristiano meneou a cabeça, desprendido. – Meu trabalho é só casual, e a maior parte durante o verão. Guia turístico. Garçom. Essas coisas.

Keira notou que a ruga na testa de sua mãe se aprofundou.

– Trabalho casual? – ela repetiu, o tom de sua voz revelando seu desgosto.

– As coisas são diferentes lá – Keira explicou. – A cultura é diferente. As pessoas não passam uma por cima da outra por uma promoção como fazem aqui.

– Mas ele não é mais uma criança – Mallory disse a Keira, exasperada. – Ele não devia ter alguma ideia do que quer fazer com a vida dele?

– Mãe! – Keira exclamou.

Cristiano apenas riu, de alguma forma encontrando humor na situação. – Eu vou encontrar meu caminho um dia, Mallory – ele a tranquilizou. – Não

estou com pressa.

Ele baixou o olhar sereno para sua lasanha. Por cima da cabeça dele, Mallory disparou uma expressão dolorida a Keira. Se ela pensava que Keira estava deixando para casar e ter filhos muito tarde, o que ela devia pensar sobre o fato de Cristiano não ter encontrado uma carreira ainda?

Com os pratos vazios, Mallory foi buscar a sobremesa. Sorvete. Keira tinha comido tanto gelato na Itália que aquela era a última coisa que queria, especialmente o péssimo substituto americano que sua mãe tinha comprado. Mas Cristiano foi educado como sempre e produziu todos os sons apropriados enquanto comia.

– Vocês estão todos espremidos no apartamento da Bryn por enquanto? – Mallory perguntou.

– Eu estou deixando que eles fiquem com a cama – Bryn disse, aparentando estar orgulhosa de si mesma por realmente colocar as necessidades dos outros antes das dela, possivelmente pela primeira vez em sua vida.

– Por que vocês não ficam aqui? – Mallory sugeriu. – Keira tem o quarto dela.

– Você tem? – Cristiano perguntou, franzindo o cenho levemente, como se não entendesse por que Keira tinha escolhido o sofá de sua irmã ao invés de seu próprio quarto.

Keira sacudiu a cabeça. – Não é uma boa ideia – ela disse a ele em voz baixa. – Ir para o trabalho daqui é uma dor de cabeça.

– O que ela está falando? – Mallory perguntou a Cristiano em voz alta. – Deixe-me adivinhar. O trajeto. É sempre o trajeto. Quando ela se mudou do apartamento dela com Zach, foi direto para Bryn! Como se eu nem existisse. E quando eu pergunto por que, ah, é sempre o trajeto.

– Mãe, eu demoro mais de uma hora para chegar ao trabalho daqui – Keira disse a ela pela que deveria ser a milionésima vez.

– Uma hora é o normal – Bryn respondeu. – Antes você tinha sorte com a localização do seu apartamento. E só porque o Zach pagava a maior parte.

– Bryn! – Keira a repreendeu. Então, cruzando os braços com teimosia, ela acrescentou em voz baixa. – Era do primo dele. Nós dois pagávamos um aluguel barato.

Cristiano parecia muito confuso. – Quem é Zach?

– Ninguém – Keira o contou. Ela lançou olhares apelativos para sua mãe e sua irmã, desejando que elas mantivessem as bocas grandes fechadas para

variar.

Mallory sorriu para Cristiano. – Você gostaria de passar um tempo aqui, não gostaria, querido? Eu posso te mostrar os arredores amanhã.

Os olhos de Keira se arregalaram. – De jeito nenhum, mãe. Cristiano tem coisas melhores para fazer com o tempo dele. – Só de pensar em sua mãe passando o dia todo com ele a enchia de pavor.

– Que coisas? – Bryn a desafio com uma risada. – Alguém tem que leva-lo para dar uma volta. Distraí-lo. Pode até ser eu – ela cruzou uma de suas pernas torneadas sobre a outra.

– Não! – Keira disse com mais força. Ela não confiava em nenhuma delas perto de Cristiano!

– Na verdade, eu gosto de explorar sozinho – Cristiano disse, finalmente tendo a chance de ter sua voz ouvida. – Pelo menos quando estou em uma cidade nova. Tudo bem, Mallory?

– Claro – ela riu. Então, sorrindo, adicionou para ninguém em particular – Ele é *tão* educado.

– Mas eu acho, sim, que seria bom aceitar sua oferta para ficar aqui – ele acrescentou. – Keira pôde ver minha casa e eu adoraria ver o quarto antigo dela também.

Keira enterrou a cabeça entre as mãos. Essa era praticamente a última coisa que ela queria que acontecesse! Mas então pensou na completa falta de privacidade que eles tinham na casa de Bryn. Mesmo com ela oferecendo sua cama para eles, ainda estava muito lotado. Sem mencionar bagunçado e barulhento. Aqui, pelo menos Mallory iria para a cama cedo e eles teriam um pouco de espaço e privacidade.

– Está bem – Keira enfim respondeu. Não conseguia lembrar a última vez que dormira na casa de sua mãe. Mas, graças a Cristiano, isso aconteceria pela primeira vez em anos. – Vamos ficar.

– Maravilha! – Mallory exclamou, preenchendo as taças de todos com mais do desagradável vinho rosa.

*

Keira e Cristiano dividiram um táxi com Bryn até o apartamento dela para que pudessem buscar algumas coisas. Cristiano enfiou suas roupas em sua bolsa de couro e Keira recolheu coisas de higiene pessoal, roupas íntimas limpas, sua maquiagem, perfume e roupas para o trabalho,

incluindo sapatos de salto, algo que ela não tinha usado durante todo o tempo que estivera na Itália!

Quando saíram, Keira ficou aliviada por estarem só os dois novamente.

– Sinto muito por hoje – Keira disse a Cristiano, enrolando-se ao lado dele no banco de trás do táxi.

– Sente muito? – ele perguntou. – Por quê?

– Pela minha família. Elas são loucas.

Ele riu. – Na verdade, eu gosto bastante delas.

Keira ponderou se ele quis dizer que ele gostava de *Bryn*, mas tentou não se estender nisso.

– E tem certeza que você vai ficar bem sozinho amanhã? – ela adicionou. – Eu poderia ver se uma das minhas amigas vai estar por perto para te encontrar?

Conforme falava, ela pensou em Shelby, que estava em um seguro noivado. Mas Shelby definitivamente estaria trabalhando. Maxine estaria livre, mas era solteira. Keira simplesmente ainda não confiava nesse relacionamento o suficiente para soltar as rédeas.

– Tenho certeza – Cristiano falou a ela, decisivamente. – Eu já disse que gosto de explorar. Eu fiz disso meu trabalho, não fiz?

– Sim – Keira admitiu. – Mas Nova Iorque é um pouco diferente da Itália.

Cristiano colocou a mão sobre seu coração – Sou um menino crescido – ele disse a ela. – Posso me cuidar. Até mesmo em Nova Iorque – ele a beijou de leve.

Eles chegaram ao apartamento de Mallory e, após pagarem o taxista, entraram, aconchegando-se para uma noite tranquila no sofá assistindo TV. Pouco depois das nove da noite, o plano de Keira compensou – Mallory de fato se retirou para sua cama.

Então, pela primeira vez em muito tempo, Keira finalmente se permitiu relaxar. Ela tinha estado bem tensa desde que pousara de volta. Entre a loucura de Bryn, a loucura de sua mãe e o passeio de parada em parada pela cidade, sentia que mal tinha tido tempo de respirar. Finalmente ela podia fazer um balanço das coisas realmente, de Cristiano e o fato dele ter viajado meio mundo para estar com ela.

Ela o beijou, saboreando seu gosto. Havia algo diferente nos beijos deles agora. Uma intensidade maior. Agora que estava no território dela, tudo

tinha se tornado muito real. Ele tinha se comprometido e aquilo mudava as coisas para melhor.

– Suponho que vá querer ver meu quarto em breve? – ela perguntou, usando sua voz sensual.

Cristiano pegou o tom dela de imediato, erguendo as sobrancelhas em empolgada antecipação. – Eu definitivamente quero.

Ela se levantou do sofá e se inclinou, oferecendo sua mão.

– Então é melhor você me seguir – ela ronronou.

Com cara de quem tinha tirado a sorte grande, Cristiano fez exatamente o que ela disse.

CAPÍTULO SEIS

Keira acordou na manhã seguinte sentindo-se grogue. Mas, no momento em que virou de lado e avistou o rosto lindo de Cristiano, ela suspirou em contentamento. A noite anterior tinha sido maravilhosa, pondo os medos dela de lado. Só era uma pena ter que deixá-lo e ir trabalhar!

Ela deslizou para fora da cama, com cuidado para não acordá-lo, e saiu para o corredor. Estava tudo escuro conforme ela pisou leve pelo chão em direção ao banheiro.

Tomar banho na casa da mãe dela era estranho. Keira não conseguia lembrar a última vez que tinha tido motivo para passar a noite aqui. Certamente não tinha acontecido nos últimos dois anos, porque ela morava com Zachary.

Enquanto a água morna corria por sua pele, Keira se perguntou se sua mãe estava certa. Talvez ela não lhe desse tanta atenção quanto deveria. O relacionamento de Cristiano com os pais dele era admirável. Era só pelo fato de Keira colocar sua carreira no primeiro plano de tudo que ela não compartilhava um relacionamento similar com sua própria mãe. Havia muito que aprender com ele, ela percebeu.

Ela terminou de tomar banho rapidamente e emergiu com os cabelos encharcados, enrolando-se em seguida em uma das toalhas de bambu de sua mãe antes de voltar para o corredor. Conforme ela vacilou pelo apartamento, um barulho chamou sua atenção, vindo da cozinha. Curiosa, ela andou até lá e espiou com a cabeça pela porta.

– Mãe? – ela perguntou ao ver sua mãe parada em seu roupão.

Sua mãe bocejou. – Bom dia, querida. Café?

Keira sorriu para sua mãe. – Você acordou cedo só para me fazer café? – ela perguntou, tocada. Ela tinha planejado apenas apanhar um no caminho para o trabalho.

– Não é todo dia que eu tenho a chance – Mallory respondeu.

Keira entrou na cozinha e beijou sua mãe na bochecha. – Seria ótimo. Obrigada.

Mallory pareceu surpresa. – Acho que Cristiano é uma boa influência para você.

– Acho que você está certa – Keira respondeu.

Ela voltou ao seu quarto e se vestiu no escuro enquanto o cheiro de café começava a se infiltrar por debaixo da porta. Quando ela saiu de novo, a luz

do dia já estava começando a sair.

– Ele ainda está dormindo? – Mallory perguntou assim que Keira voltou para a cozinha.

– Sim – ela confirmou, pegando o café que sua mãe a oferecia. Ela deu um gole. Estava um pouco amargo, mas ela não podia esperar que sua mãe fizesse uma xícara perfeita de café a essa hora da manhã! – Você não vai bombardeá-lo com perguntas quando ele acordar, vai?

Mallory fez um som de *tsc*. – Querida, precisamos saber quem ele é. Você não pode simplesmente declarar seu amor por um homem novo a cada mês e esperar que não suspeitemos nem um pouquinho.

Keira suspirou, um pouco exasperada. – Está bem, mãe. Eu entendo. Tenho agido como louca ultimamente. Só não vá assustá-lo para longe. – Ela virou seu café e então beijou sua mãe na bochecha outra vez. – Eu te amo. Obrigada pelo jantar.

Então, ela se apressou para pegar o metrô para o trabalho.

*

Uma hora dentro do metrô nunca era a melhor forma de começar o dia. Quando Keira finalmente desembarcou, ela sentia-se imunda, tão oleosa quanto se não tivesse tomado banho naquela manhã. E as roupas dela estavam amassadas. Não era o tipo de impressão que ela queria passar em seu primeiro dia de volta ao escritório.

Mas quando entrou pelas grandes portas de vidro da *Viatorum,* ela nem precisou se preocupar com sua aparência de forma alguma. Seus colegas pularam de suas cadeiras ao vê-la e correram em sua direção.

– Keira – Denise exclamou, abraçando-a apertado. – Você conseguiu.

– Consegui o quê? – Keira perguntou.

– Salvar o emprego de todos! – Denise respondeu. – Agora que estamos lucrando bem, Lance não acha que algo precise ser mudado. Sem colunas de conselhos ou de receitas – ela fez careta.

– Bem, que ótimo – Keira respondeu, sorrindo sem ter certeza se realmente seu único artigo podia ser inteiramente responsável.

– Quando vamos conhecê-lo, então? – Denise perguntou, soando animada e empolgada.

– Ele? – Keira perguntou.

– Cristiano! – Denise exclamou.

Keira notou a forma como ela se derreteu ao falar.

– Bem, eu não estava planejando trazê-lo ao escritório – ela gracejou, um pouco confusa.

Denise franziu o cenho. – Mas você precisar trazer! Você não pode nos deixar apaixonadas pelo cara e depois não nos deixar conhecê-lo! Quer dizer, pela sua descrição ele parece muito bonito. Ele é bonito?

– Bem, é, mas... – Keira começou.

– Então você *tem* que nos deixar conhecê-lo! – Denise continuou. – Por favor, Keira!

Keira franziu a testa. Cristiano não era apenas um artifício para seu artigo. Ele era seu amante na vida real. Ela sentia que Denise tinha misturado fantasia e realidade. Será que Keira tinha acidentalmente transformado Cristiano em algum tipo de protagonista de romance?

Nesse instante, ela notou Nina em sua mesa, digitando em seu teclado, e acenou. Nina terminou o que estava fazendo e veio até ela. Elas se abraçaram.

– Bom trabalho no artigo, Keira – Nina disse. – De novo.

Keira corou. – Obrigada.

– É bom te ter de volta.

– É bom estar de volta – Keira sorriu de lado. – Faz tanto tempo que eu até curti lavar minhas roupas.

Ela foi em direção ao seu escritório, mas Nina segurou seu braço, impedindo-a.

– Não tão rápido – ela disse. – Elliot quer te ver.

– Ah é? – Keira perguntou, olhando para a porta aberta do escritório dele. Ela não pôde evitar a ansiedade. Mesmo que ela e Elliot estivessem em bons termos, ele ainda era uma figura imponente, e muito graças a sua enorme estrutura de um metro e oitenta. – Agora?

– É, agora – Nina disse, sorrindo.

Tinha algo em seu olhar, um segredo que ela estava guardando de Keira. Isso só fez aumentar a sensação de trepidação de Keira.

Tomando uma respiração, ela mudou de rumo e se dirigiu para o escritório de Elliot.

Quando ela entrou pela porta, ele levantou o olhar. Para a surpresa de Keira, ele se levantou e abriu os braços para abraçá-la. Keira moveu-se sem jeito para o abraço, sentindo-se como uma criança abraçando um tio distante. Ser amigável não combinava com ele.

– Minha heroína retornou – Elliot disse, sentando-se de novo. – Com certeza você já ouviu a novidade?

– Que novidade, exatamente? – Keira perguntou.

– Sobre o aumento das assinaturas.

– Não... – Keira admitiu.

Elliot continuou. – Estão nas alturas. Lance está vibrando. Ele disse que, enquanto mantivermos isso, ele não tem necessidade nenhuma de intervir na direção da revista. Tudo pode ficar exatamente como está. Enquanto você continuar o que está fazendo.

Keira não estava inteiramente certa de como interpretar aquilo. – De que maneira?

– Os artigos de amor – Elliot disse. – A Guru do Romance.

Keira sentiu um repentino peso em seu peito. Elliot havia de fato lido seu último artigo? Ela estava apaixonada agora. Amor genuíno com um homem humano de verdade que queria estar com ela. Não como Shane, que tinha outras prioridades. Dessa vez, Cristiano tinha viajado o mundo por ela, deixando sua casa, sua família, seu trabalho e seu país para trás. Não tinha mais Guru do Romance, não se isso exigisse que ela se apaixonasse de novo!

– Desculpe – Keira começou. – Está dizendo que quer que eu escreva outro artigo da Guru do Romance?

– É claro – Elliot respondeu, parecendo confuso. – É só isso que todo mundo quer. Nossos leitores. Eles adoram. Não conseguem enjoar. Insaciáveis. E nós precisamos manter o ritmo. Então vamos ter que te enviar de novo imediatamente.

O peso em Keira se tornou pânico. – Não – ela arfou. – Você não pode. Só estou de volta faz duas noites!

Quanto tempo demoraria até que Bryn colocasse as garras em Cristiano? Para Maxine começar a rodear? Para que sua mãe o aterrorizasse até que ele fosse embora? Ela não podia pegar e sair de novo!

Elliot parecia confuso. – Keira, está tudo planejado – ele disse, sem emoção. – Heather já reservou os voos. Paris, Keira. PARIS. Essa é a melhor tarefa até agora e estamos te entregando de bandeja. O resto da equipe aí fora mataria por isso.

– Desculpe... – Keira gaguejou. – Mas eu não posso. Eu realmente amo Cristiano. Não é um jogo para mim. Não quero deixá-lo. E não quero ir para

outro lugar procurar o amor – ela respirou fundo. – Se é isso que você quer que eu faça, eu prefiro me demitir.

Elliot estava balançando a cabeça, olhos desviados. Para a surpresa de Keira, os ombros dele começaram a chacoalhar. Ele estava chorando? Ela sabia como as coisas tinham chegado perto de implodir na revista, e sabia o quanto Elliot tinha sacrificado pela *Viatorum*, o quanto significava para ele. Mas era a vida dela também. Certamente alguém podia assumir o manto de Guru do Romance? Podiam até fingir ser ela, ela não se importava! Que diferença faria para os leitores, afinal?

Mas, então, ela percebeu que os ombros dele não tremiam por conta de lágrimas, e sim de riso. Ela franziu a testa, irritada, incapaz de entender o que poderia ser tão divertido para ele.

– Keira – Elliot finalmente disse. – Não estou pedindo para deixar o Cristiano. Eu quero que vocês vão juntos.

Keira fez uma pausa, atônita com a revelação. – Juntos?

– Sim – Elliot exclamou. – Nossos leitores o *adoram*. As pessoas estão fazendo desenhos dele e postando na internet! Todo mundo só fala dele nos fóruns.

– Fóruns? – Keira repetiu.

Ela não podia acreditar no que estava escutando. Suas descrições haviam mesmo pintado uma imagem tão boa de seu guia italiano que ela tinha o tornado uma espécie de herói inadvertidamente?

– Eu não entendo – ela disse. – Quer que a gente vá, juntos?

– Sua história de amor é um sucesso, Keira – Elliot a contou. – As pessoas querem saber como vai desenrolar. *Hashtag* Time Shane ou *Hashtag* Time Cristiano. Com quem ela vai casar?

– CASAR? – Keira exclamou. – O que está acontecendo? Eu acho que vocês estão se precipitando. Eu conheço Cristiano só faz algumas semanas. Não estou pensando em casamento. E ele também não! – ela cruzou os braços, sentindo-se na defensiva, como em um espetáculo.

Elliot suavizou sua voz, claramente enfim percebendo a aflição dela. – Keira, o que queremos ver é mais de você e ele. Como seria isso em Paris? Seu amor vai durar em um novo lugar? É claro que na Itália, no território dele, funcionou. E aqui, rodeada por tudo que lhe é confortável, funciona. Mas em um lugar novo? E então? Território igual, neutro. O amor pode durar em um lugar estranho?

Keira piscou diante dele, atordoada ao silêncio. – Você quer... Colocar meu relacionamento sob estresse para ver se ele quebra?

Elliot inclinou a cabeça de lado. Ficou claro que ele não tinha pensado dessa forma. – Bem, quer dizer, eu não estava *esperando* que terminasse. Só curioso.

– Curioso – Keira repetiu, sentindo-se mais e mais anestesiada. – Isso é a minha vida, Elliot. Minha vida real, de verdade. Não sou um rato de laboratório.

Elliot balançou a cabeça – Estou me expressando errado – ele disse. – Olhe, a ideia toda é que vocês vão poder passar um mês em Paris. A coisa da viagem, a coisa do romance. Escreva sobre tudo isso. Os leitores estão felizes. Vocês dois estão felizes. Eu estou feliz. Ponto final. Acabou.

– Só que não acaba aí, não é? – Keira desafiou. – Porque você quer algum tipo de conflito. Você quer aumentar as apostas.

– É apenas o melhor ângulo – Elliot a contou, calmamente. – Para ver se você consegue voltar com seu amor ainda forte.

Keira não tinha dúvidas que um mês em Paris não desfaria seu relacionamento. Ele permaneceria forte, ela estava certa. O que ela se opunha era ao modo como Elliot falava disso. Como se ela fosse parte de um experimento ou de um livro de histórias ao invés de uma pessoa real com emoções reais.

Elliot apoiou os braços na mesa em uma postura mais aberta. – Keira, como está sua vida em Nova Iorque nesse momento? Sem apartamento próprio. Ficando na casa da sua mãe.

– Como você sabe disso? – Keira gaguejou.

– Eu tenho meus meios – ele disse, dando de ombros.

Ela lembrou-se da vez que sua mãe tinha ligado para ela na Itália para convencê-la a permanecer na revista. Elliot tinha induzido aquela ligação.

– Você andou falando com a minha mãe? – ela perguntou, suspeitosamente.

Ele pareceu culpado, mas respondeu com inocência suficiente. – Mallory e eu conversamos ocasionalmente.

Keira inalou uma respiração aguda. Por que a mãe dela sentia a necessidade de interferir tanto em sua vida?

– Então – Elliot continuou, varrendo a sujeira para debaixo do tapete. – De fato, estar em Paris te daria a privacidade que você precisa. Um mês inteiro, só vocês dois. Sem irmã no caminho, sem mãe interferindo.

Parecia bom, Keira pensou. Que diferença faria se eles embarcassem no relacionamento em Nova Iorque ou Paris? A não ser pelo fato de que aqui estava abarrotado de pessoas ansiosas para conhecer Cristiano. Pelo menos em Paris seriam apenas eles. Estariam anônimos outra vez.

– Depois desse artigo – Elliot adicionou – Eu talvez consiga soltar as rédeas um pouco aqui na *Viatorum.* Promover você. Então, você vai escolher suas próprias atribuições. Se der certo, e conseguirmos o ângulo certo para a Guru do Romance, vou deixar você tomar o controle de tudo. Sem mais correspondências de última hora. Nada de Antônios.

Keira fez uma careta ao se lembrar do primeiro guia turístico que fora lhe dado na Itália, Antônio, com sua pança, seu cheiro de queijo e sua grosseria perpétua.

– Você está falando sério? – ela perguntou. – Mais uma tarefa, com Cristiano, e então eu vou poder direcionar a Guru do Romance como eu escolher?

– Desde que você ainda viaje para o exterior e escreva os artigos de viagem – Elliot disse. – Não me importo onde.

Keira quis testar a teoria, só um pouco – Austrália? – ela perguntou.

– Por que não?

– China?

– Se for seu desejo.

– Antártica?

– Desde que esteja apaixonada, é só isso que me importa. É só isso que importa aos leitores. E quem sabe, talvez depois possamos juntar todos os artigos e transformamos em um livro?

Keira recostou-se, remoendo a perspectiva propriamente pela primeira vez. Se ela acertasse isso, as coisas seriam significativamente mais fáceis para ela daqui para frente. Mais uma tarefa sob o controle de Elliot, depois estaria no volante, livre. E virar autora de um livro era um grande atrativo! Ela e Cristiano poderiam viajar o mundo juntos. Sem mais truques para conseguir relacionamentos ou testar o amor. Ela realmente poderia escrever a história de amor deles.

Além disso, as coisas em Nova Iorque estavam mesmo um pouco tensas, com suas opções sendo o apartamento de Bryn ou seu velho quarto de infância. Não havia nada romântico em nenhum dos cenários. Mas Paris. Paris! Pela primeira vez, ela sentiu um formigamento de ansiedade com a ideia de Cristiano e ela na cidade mais romântica do mundo. Imaginou

janelas francesas e cortinas de renda ondulando, beijos debaixo da Torre Eiffel, calçadas respingadas de chuva, croissants em antigos cafés com vista para o Sena, museus, arte, cultura e arquitetura. E então, uma imagem mental forçou caminho por sua mente com velocidade feroz: Cristiano ajoelhado, um lindo anel brilhante levantado para ela.

Ela não tinha pensado em casamento até que Elliot tinha mencionado. Mas, e se um mês em Paris terminasse com um anel? Certamente não faria mal.

– Está bem – ela disse, por fim. – Eu vou.

CAPÍTULO SETE

Assim que sua reunião com Elliot acabou, Keira pegou seu celular e apressou-se para fora para ligar para Cristiano. As ruas estavam movimentadas com o trânsito e as pessoas ocupadas como sempre. O pensamento de deixar tudo isso para trás deixou Keira empolgada.

Ela chamou o número dele e, depois de um instante, ele atendeu.

– Tenho uma notícia – ela anunciou.

– Ah é? – ele perguntou. – Você não está grávida, está?

– Não! – Keira exclamou, rindo. – Nós vamos para Paris!

– Vamos? – ele soou animado.

– Sim. Meu novo artigo. Acontece que os leitores te amam tanto que eles querem que você vá junto. O que você acha?

– Acho isso incrível! – ele respondeu. – Mal posso esperar. Quando nós vamos?

– Amanhã.

Ela mordeu os lábios, preocupada com a resposta dele. Ela não precisava ter se incomodado.

– Uau! – Cristiano exclamou. – Maravilha!

No fundo, ela ouviu o som das buzinas e sirenes de ambulância.

– Como está indo seu tour solo por Nova Iorque? – ela perguntou a ele.

– Ótimo – ele respondeu com entusiasmo de criança. – Andei de metrô por vários lugares, caminhei por alguns parques. Agora estou ao lado de um lugar chamado Teardrop Park.

Keira ficou atônita. – Você está bem na esquina do meu escritório!

– Estou? – Cristiano perguntou, surpreso.

– Sim! Você deveria vir me ver – ela adicionou, pensando em como todos na revista queriam conhecê-lo. – Posso te apresentar para algumas pessoas.

– Eu adoraria – ele respondeu.

Keira lhe deu instruções para caminhar pela curta distância até onde o escritório dela estava localizado. Alguns minutos depois, ela o viu virando a esquina ao longe. Sua beleza a deixava atônita, fazendo seu coração palpitar.

Quando ele a alcançou, ela jogou os braços ao redor de seu pescoço e o beijou. Em seguida, pegou sua mão e o conduziu para dentro.

– Pessoal – ela anunciou. – Esse é Cristiano.

Todos se apressaram para conhecê-lo. Denise parecia estar cara a cara com uma celebridade. Lisa parecia estar prestes a desmaiar. Pela primeira vez, Keira sentiu a emoção de estar com alguém a quem todos adoravam, ao invés do medo dele ser roubado dela.

Elliot saiu de seu escritório, avaliando Cristiano com os olhos. Ele claramente aprovou o que viu e veio apertar a mão de Cristiano.

– Keira te contou a novidade? – ele perguntou.

– Sobre Paris? – Cristiano respondeu com um aceno de cabeça. – Sim, e eu mal posso esperar. Muito obrigado por providenciar para que eu também fosse. É um sonho realizado viajar o mundo com a mulher que eu amo.

Ele abraçou Keira, apertando-a contra si. Denise e Lisa visivelmente se derreteram.

Nina foi a próxima a vir conhecer Cristiano. Ao menos ela foi respeitosa o suficiente em não deixar seu queixo cair até o chão. Ela apenas apertou sua mão cordialmente. Mas havia um brilho por trás de seus olhos que fez Keira suspeitar.

– Você sabia que a Stella está vindo hoje? – ela perguntou a Keira.

– Stella, a designer da capa? – Keira respondeu. – Não, por quê?

O olhar de Nina estava atentamente fixo em Cristiano, como que o avaliando. – Estou só pensando em tirar uma foto de perfil de vocês dois. Uma que possamos colocar na assinatura.

Keira franziu a testa. No momento, era seu rosto e biografia na linha de assinatura. Ela era a escritora, no fim das contas. Eram as palavras dela, não de Cristiano.

– Não sei – ela disse, soando um pouco afetada.

– Você está certa – Nina concordou. – A assinatura é muito pequena. Vocês deveriam ser as estrelas da capa.

Elliot começou a aplaudir, animado com a perspectiva.

– Esperem um minuto – Keira exclamou, seus olhos arregalados de choque. Ela olhou para Cristiano. – Não podemos estar na capa.

Cristiano claramente não estava vivenciando o mesmo pavor de Keira. Ele não parecia minimamente intimidado pela sugestão.

Nina e Elliot ignoraram seus protestos, ocupados depois conversando entre si, repassando os detalhes, batendo os dedos nos queixos enquanto examinavam Cristiano como se ele fosse um dos modelos que Stella havia contratado para suas sessões de fotos.

– Pessoal! – Keira exclamou, tentando chamar atenção. – Não vamos fazer isso.

Elliot virou-se para ela finalmente e franziu o cenho. – Seus artigos são os mais populares. É por isso que a maioria dos leitores assina a *Viatorum*.

Ele falou aquilo com simplicidade, como se não passasse de uma decisão de negócios lógica.

– Nina, talvez devêssemos mostrar a ela o gráfico da pesquisa de mercado? – ele adicionou.

– Não preciso de um gráfico para tomar minha decisão – Keira gaguejou. – Eu não quero estar na capa, ponto final. Não sou atraente o bastante. Existe uma razão para algumas pessoas decidirem passar seus dias escondidas atrás de um computador!

– Não seja boba, Keira – Cristiano exclamou. – Você é linda. Você só não vê. Talvez uma sessão de fotos profissionais fosse a coisa certa para aumentar sua confiança.

Keira chacoalhou a cabeça, atônita, em choque. Isso não podia estar acontecendo. Esse era seu pesadelo, sair dos bastidores para os holofotes. Ela pensou em Bryn, que era realmente bonita. Ela não pareceria comum ao lado de Cristiano como Keira ficaria.

Nesse momento, as portas se abriram e Stella entrou com seu grande estojo de câmera preto pendurado em seus ombros. Era intimidador demais para Keira.

Nina acenou para que ela se aproximasse.

– Estávamos acabando de contar a Keira e Cristiano sobre a foto de capa – ela disse a Stella. – Você tem tempo para fazer isso hoje?

– Com certeza – Stella disse, seu olhar fixo em Cristiano com aprovação.

Keira sentiu-se ainda pior. Ele era tudo o que todos queriam ver, não ela. Ela só iria arruinar as fotos.

– Vamos, meu amor – Cristiano disse a ela gentilmente. – É só um pouco de diversão. Uma memória para olhar para trás. Algo para mostrar para os nossos pais. E nossos filhos, um dia.

Keira não pôde evitar deixar que a gentil adulação dele acalmasse seus medos. Se Cristiano estava pensando em futuros filhos, então ao menos estava esperando estar com ela no longo prazo. Talvez capturar algumas imagens do amor deles enquanto eram jovens e sem rugas não fosse a pior ideia do mundo.

– O que eu teria que fazer? – ela perguntou a Stella, cedendo só um pouquinho.

– É a França – Stella disse. – Então vamos fazer um tema romântico de filme em preto e branco. Telhados. Paisagem com a Torre Eiffel ao fundo. Vestido bonito. Um beijo romântico.

– Beijo? – Keira gemeu, sua ansiedade retornando.

– Mas em preto e branco – Cristiano disse, com um sorriso maroto. – Todo mundo fica perfeito em preto e branco.

Ele pegou a mão dela e puxou gentilmente. Ela o deixou guiá-la até a área de fotos, onde havia luzes brilhantes apontadas para uma grande tela branca, com duas telas similares de cada lado fazendo uma espécie de caixa de três lados. Também havia uma maquiadora lá, trabalhando em uma linda modelo, e um cabideiro de roupas.

– Ai, Deus – Keira murmurou.

Stella foi falar com a maquiadora. A conversa delas ficou fora do alcance de voz de Keira, mas ambas olhavam para ela. Claro que ela precisaria ser maquiada para a foto, ao contrário de Cristiano, que basicamente acordava pronto para a câmera.

A maquiadora falou com a modelo, que se levantou e foi até o sofá, parecendo um pouco chateada por ter sido interrompida no meio de sua maquiagem. Keira assistiu enquanto ela andava, olhando para sua figura incrível e suas pernas longas e finas. Ela era tão alta, ao contrário de Keira, cuja altura era um pouco abaixo da média.

Stella veio com rapidez e pegou a mão de Keira.

– Transformação profissional grátis – Cristiano disse, dando de ombros. – Vale a pena só por isso.

Keira cerrou seus dentes e permitiu que Stella a colocasse na cadeira de maquiagem.

– Não vou precisar fazer muita coisa – a maquiadora contou a Keira. – Essa sessão é para parecer clássica. Estilo filme em preto e branco. Só um pouco de rímel e batom, na verdade.

Keira sentia não ter escolha a não ser concordar. Após ter seus cabelos e maquiagem feitos, ela colocou um bonito vestido azul de renda ondulada.

– É muito comprido para mim – Keira disse, olhando para a pilha de tecido aos seus pés.

– Está ótimo – Stella disse – Você vai subir aqui.

Keira olhou, vendo então que havia uma chaminé de mentira saliente no cenário de telhados. Portanto, nessa sessão eles estariam se beijando nos telhados de Paris. Aquilo se tornava mais e mais intimidador a cada momento.

Keira reuniu-se outra vez com Cristiano, que tinha sido vestido em calças pretas e uma camisa listrada, seu cabelo penteado para um lado no estilo das antigas estrelas de cinema. Ele estava deslumbrante, como de costume. Se havia algo de bom para ser retirado de todo esse martírio, seria a imagem mental de Cristiano!

Eles pisaram no cenário e ouviram as instruções de Stella. Keira ficaria de pé na chaminé, uma perna dobrada, beijando Cristiano.

A coisa toda era mortificante para ela. Ela sentia-se muito autoconsciente conforme torcia seu corpo na posição desconfortável, beijando por encomenda. Cristiano, por outro lado, parecia estar amando aquilo.

– Como você está curtindo tanto isso? – ela perguntou a ele.

– Posso te beijar de novo e de novo – ele disse. – Como não amar?

Uma audiência de admiradoras se derretia enquanto assistia. A ideia de sair de Nova Iorque não podia chegar rápido o bastante à Keira. Ela queria que tudo fosse como tinha sido antes, quando eram apenas os dois, ao invés de todos tentando tirar um pedaço de Cristiano.

Finalmente, os flashes pararam.

– Acho que conseguimos – Stella disse.

Cristiano a ajudou a descer o degrau da chaminé e eles se encaminharam para ver as imagens digitalizadas do rolo de câmera de Stella.

– Imaginem o horizonte de Paris – Stella disse. – Vamos adicionar no Photoshop.

Se Keira não tivesse estado na foto, provavelmente a amaria. Era romântica e a química entre ela e Cristiano era bem real. Mesmo que ela não tivesse sentido outra coisa que não constrangimento durante a sessão, de alguma forma Stella tinha conseguido capturar um momento perfeito. Mas o problema é que era ela na foto. Não apenas Cristiano, que parecia a estrela do cinema francês que ele estava retratando.

– Vocês não estão amando? – Stella disse – Vocês serão celebridades num piscar de olhos!

Talvez Cristiano, Keira pensou. Ele era claramente a estrela das fotos, e a estrela do artigo, pelo que ela ouviu dizer. E se ele encontrasse alguém melhor como resultado de tudo isso? Ela não conseguia evitar se perguntar

o que aconteceria se eles se separassem. Essas fotos seriam uma lembrança horrível. E seria estranho para ela estar na capa de uma revista declarando seu amor por um cara que já tinha lhe abandonado por alguém melhor.

Então, Elliot puxou Keira para o lado.

– Estive pensando no que você disse no meu escritório – ele disse. – Sobre isso ser sua vida. Acho que talvez te demos um cronograma exaustivo. Por que você não tira o resto do dia de folga? Não tem necessidade de você estar no escritório e seria melhor ter um tempo para organizar as coisas, se despedir da sua família, esse tipo de coisa.

– Você só está preocupado se eu vou ficar com saudades de casa de novo, e querer pedir demissão – Keira disse, vendo através das intenções de Elliot.

– Só quero que você esteja feliz e relaxada – ele disse, de forma pouco convincente.

Mas Keira não iria discutir. Ela tinha tido mais pessoas rodeando Cristiano do que ela era capaz de aguentar. Ela foi até onde ele estava cercado por um grupo de redatores se derretendo por causa da foto, e o pegou pelo braço.

– Nós temos o resto do dia para aproveitar juntos – ela o contou. – Vamos sair daqui.

– Ah, está bem – Cristiano disse, dando-lhe um puxão suave. Ele acenou para a equipe da *Viatorum*. – Acho que vejo vocês todos alguma outra hora. Foi um prazer conhecê-los! Tchau!

Eles o observaram por todo o caminho até a porta.

Assim que estavam do lado de fora, Keira tomou uma respiração profunda. Aquela situação toda tinha sido tão estressante, ela sentia que precisava do resto do dia só para se recuperar.

Eles se dirigiram ao metrô. Mas mal tinham chegado ao fim da rua antes de Keira receber o primeiro de uma sucessão de e-mails, alguns de Nina, outros de Elliot, outros de Heather com o itinerário de Paris, horários dos voos, código do cartão de embarque, detalhes do hotel. Lá se foi o seu dia de folga!

Eles tinham acabado de chegar às escadas e estavam prestes a descer para o metrô quando o telefone de Keira tocou de novo, dessa vez com uma mensagem de texto. Para a surpresa de Keira, era de Zachary. Por um breve segundo ela se permitiu sentir animação, porque poderia ser a confirmação

que ele tinha devolvido o dinheiro dela, mas essas esperanças foram imediatamente desfeitas quando ela leu.

Ei K. Más notícias. Meu primo disse que tem muitas reformas a fazer no nosso antigo apartamento, então ele vai ter que ficar com o depósito. Sinto muito. Vamos sair para uma bebida quando eu estiver de volta à Nova Iorque, ok?

Keira exasperou-se ao ler a mensagem. Que atrevimento! Ela estava dependendo daquele dinheiro para arranjar um novo apartamento e Zach sabia disso. De jeito nenhum eles tinham causado estragos ao apartamento no valor de milhares de dólares; ou Zach estava mentindo ou seu primo estava dando um golpe. Além disso, aquele modo como ele tão casualmente lhe contou que ela não recuperaria nada, como se fosse apenas um inconveniente. E então chamá-la para tomar uma bebida depois!

Irada, Keira digitou uma resposta rápida e áspera.

Sair para beber com você é a última coisa que eu quero. Saia da minha vida.

Um instante depois, Zachary respondeu.

Você não precisa ser tão megera quanto a isso. Eu devia saber que a única coisa que importava para você era o $.

Keira atirou o celular em sua bolsa, furiosa.

– O que foi? – Cristiano perguntou a ela, soando preocupado.

– Nada. Só meu ex desgraçado.

– Zachary – ele perguntou.

– Sim – ela balbuciou.

– Ele fez alguma coisa que te machucou? Precisa que eu bata nele?

– Deus, não! – Keira exclamou. – Não quero falar sobre ele. Ou pensar sobre ele.

Na realidade, tudo o que ela queria era sair dessa cidade – não, esse maldito país inteiro – e ter Cristiano só para ela outra vez!

CAPÍTULO OITO

Cristiano e Keira passaram o resto do dia abarrotando o máximo que podiam de Nova Iorque antes de voltar ao apartamento de Bryn para arrumar seus pertences. Por sorte, Bryn ainda estava no trabalho quando eles voltaram, então eles ficaram à vontade.

Para Cristiano, fazer as malas era relativamente rápido e fácil. Ele tinha apenas uma mochila de couro, afinal de contas, e mais uma jaqueta que ele tinha comprado ao chegar à Nova Iorque e descobrir o quão mais frio era que a Itália, e uma versão de grife quase idêntica.

Para Keira, a tarefa não era tão mais difícil. Ela não tinha nem tido a oportunidade de desfazer sua mala completamente. Seu passaporte, seus euros e cheques internacionais ainda estavam na sua carteira plástica, os sapatos dela e itens de higiene pessoal em suas bolsas de zíper separadas. Tudo o que teve que fazer foi recolher suas roupas limpas de onde Bryn as tinha pendurado pela casa, dobrá-las e devolvê-las à mala. Sabendo que o clima em Paris nessa época do ano não estaria ótimo, ela deixou de fora alguns dos vestidos mais de verão e adicionou alguns suéteres, e então terminou com um guarda-chuva.

Uma vez de malas feitas, Keira organizou o quarto de Bryn, deixando-o em um estado mais limpo do que quando ela tinha o oferecido a eles, e depois se dirigiu para a sala.

– Então vamos voar pela manhã – Cristiano disse quando ela entrava. Ele estava observando o itinerário de Heather, que estava espalhado diante dele na mesa de centro. – Teremos tempo de pegar bagels para o café da manhã?

Keira sorriu. – Não se preocupe, nós arranjaremos tempo. – Ela se sentou ao lado dele no sofá, empurrando o travesseiro e a coberta de Bryn para abrir espaço. Ela esfregou as costas de Cristiano. – Sinto muito por estarmos indo embora tão cedo. Você teve a chance de ver a cidade?

Cristiano virou-se para ela e segurou suas mãos na dele. – Não me importa onde estivermos desde que estejamos juntos – ele a contou. – Além disso, não é como se nunca mais terei outra chance de ver Nova Iorque. Vamos estar de volta em um mês.

– É claro – Keira disse.

Mas sua mente estava girando. Mais uma viagem ao exterior significava mais uma pausa na realidade. Mais tempo para não pensar sobre o futuro ou

qualquer coisa prática. Cristiano estava planejando segui-la onde quer que ela fosse agora? Ele não tinha intenções de retornar à Itália? Não é que ela queria que ele voltasse, necessariamente, mas a pressão de ser a líder era mais do que ela podia suportar.

Eles ouviram o som da chave girando na fechadura e olharam para Bryn enquanto ela abriu caminho para dentro do apartamento. Ela estava rindo sozinha.

– Eu não sabia que vocês estariam aqui hoje à noite – ela disse, repentinamente parecendo perturbada, fechando a porta atrás de si rapidamente. Do outro lado veio o som distinto de uma batida na porta. Bryn sorriu inocentemente, como se ela não tivesse ouvido nada.

– Estamos indo para Paris amanhã – Keira disse, estreitando os olhos com suspeita. – Então viemos arrumar nossas coisas e nos despedir. Não precisamos ficar se você tiver planos.

– Ufa – Bryn disse. Em seguida, rapidamente retrocedeu. – Eu só quero dizer que eu ia sair agora mesmo e não queria que vocês tivessem desperdiçado a viagem.

– Ah – Keira disse, um pouco mordida. – Bem, nossas malas estão prontas, então vamos agora se você está com pressa.

A maçaneta da porta começou a chacoalhar.

– Sim – Bryn disse, sorrindo cheia de culpa. – Provavelmente é melhor. Só me dê... Um segundo. – Ela virou e abriu a porta, em seguida se esgueirando para o corredor, fechando a porta atrás de si.

Keira olhou para Cristiano, confusa. Sentindo-se um pouco abatida pelo comportamento de Bryn, ela recolheu sua mala e foi em direção à porta.

– Nós vamos sem dizer adeus? – Cristiano a perguntou.

– Eu não vou ficar aqui sentada esperando por ela – Keira respondeu. – Podemos ir para a casa da mamãe.

Porém, quando ela abriu a porta ficou surpresa ao ver Bryn do outro lado, em um abraço romântico com um homem. Não era típico de Bryn ficar constrangida com essas coisas. Mas quando eles se afastaram, interrompidos pelo ruído da porta abrindo, Keira viu por que. O cara era *velho*. Tipo “velho suficiente para ser seu pai”.

Bryn parecia envergonhada. Mas o homem não parecia nem um pouco. Ele puxou as lapelas de seu terno, em seguida disparando um sorriso diabólico para Keira.

– Essa deve ser a irmã de quem ouço tanto? – ele disse.

Bryn ajustou sua saia e seu cabelo, então limpou a garganta. – Sim. Keira. E esse é...

– Felix – ele disse, estendendo a mão para que ela apertasse. – Felix Shawcross.

Keira não pôde evitar notar as rugas na mão dele enquanto a balançava. – Desculpe interromper a noite de vocês – ela balbuciou. – Eu estava de saída.

– De jeito nenhum – Felix disse com uma risadinha que só podia ser descrita como de um avô. – Eu esperava te conhecer em algum momento, mas você está sempre viajando. Itália. Irlanda. Que vida emocionante você vive!

Os olhos de Keira se arregalaram enquanto ela absorvia a informação. Se Bryn estava com Felix desde a Irlanda, então fazia pelo menos dois meses que ela tinha mantido o caso em segredo! E ela definitivamente não tinha lhe dado exclusividade durante aquele período. Keira a vira saindo com outros homens. Tinha até mesmo estado em um encontro duplo com ela!

Naquele momento, Cristiano apareceu na porta. – Está tudo bem? – ele perguntou.

Perto de Felix, ele parecia tão jovial e mais atraente do que nunca. Keira não podia evitar achar que, entre os quatro, eram Bryn e Cristiano que pareciam o casal.

– Eu estava sendo apresentada ao Felix – Keira disse a Cristiano. – Ele e minha irmã são...

– Parceiros – ele completou. – Namorado é um termo tão juvenil.

Ele apertou a mão de Cristiano. Como sempre, Cristiano sorriu educadamente. Típico dele, Keira pensou, não abrigar nenhum preconceito.

– De qualquer forma, nós realmente deveríamos ir – Keira disse – Nós vamos para Paris amanhã e temos que ir para a casa da mamãe antes da hora de ela ir para a cama.

Felix sorriu com bom humor. – Bem, espero que possamos nos falar direito quando você voltar da França. É um país maravilhoso, aliás. Eu casei com a minha primeira esposa lá. De todo modo, eu adoraria um jantar em família com vocês todos, incluindo Mallory.

– Isso seria ótimo – Keira sorriu. Ela abraçou Bryn e murmurou em seu ouvido – Precisamos conversar – e então soltou sua irmã e refez seu rosto em um sorriso de novo. – Vou sentir sua falta, irmã.

– Outro mês sem você – Bryn lamentou, claramente muito tensa com a situação. Ela então abraçou Cristiano, suas mãos um pouco perto demais de seu traseiro para o gosto de Keira. – Divirtam-se muito.

Eles despediram-se de Felix, em seguida saindo do apartamento. Assim que chegaram à rua, Keira virou-se para Cristiano e deixou seu queixo cair.

– Eu não acredito no que acabou de acontecer – ela disse.

Ele pareceu confuso e franziu a testa.

– Felix! – Keira exclamou.

– Ah – Cristiano disse. Mas ele ainda estava de rosto franzido. – Não entendi. O que você não acredita? O fato de Bryn ter um namorado?

– Bem, sim, isso. Mas também o fato dele ser tão velho!

Cristiano claramente não achava que havia nada de estranho naquilo. – Ambos são adultos – ele disse.

– Isso é discutível – ela riu. – Bryn é basicamente uma criança.

Cristiano fez um som de desaprovação. – Deixe sua irmã ser feliz.

Ele estava certo. Ela não deveria julgá-los.

Keira cedeu. – Claro.

Eles se dirigiram ao metrô e pegaram o trem para o apartamento de Mallory.

– Não posso acreditar que vocês estão indo embora de novo – ela disse, abraçando Keira conforme eles entraram no apartamento.

– Eu sei – Keira disse com um suspiro.

Sua empolgação estava começando a diminuir de novo agora que a realidade estava batendo. Mais um longo voo através do mundo. Mais um novo país. Mais um mês de bloqueio de escrita.

Um pensamento repentino acertou Keira, então. Ela arfou em voz alta, surpresa por não ter pensado nisso antes.

– Eu vou perder o Dia de Ação de Graças! – ela lamentou. – Ah, mãe, sinto muito. Eu sei que você tinha planos.

Mallory pareceu desanimada. – Eu nunca pensei que você fosse conseguir, para ser sincera – ela disse. – Eu presumi que algo ia surgir e sei quão importante sua carreira é para você.

Keira sentiu imensa culpa. Ela tinha perdido de vista as coisas importantes da vida ultimamente. Sua mãe tinha confirmado sua presença no Dia de Ação de Graças há tempos. Ela estava triste por perder.

– Talvez o Felix queira tomar seu lugar? – Cristiano sugeriu.

– Felix? – Mallory perguntou.

– Então você também não sabia dele? – Keira disse. Então, ela deu a notícia surpreendente. – Bryn está com alguém. Uma pessoa mais velha.

Mallory pareceu aturdida. – Deve ser sério se nós não ouvimos falar dele.

Keira riu. Era um bom argumento. Bryn era geralmente muito falante a respeito de suas conquistas, até em frente à sua mãe!

Eles todos se sentaram à mesa.

– O que vocês querem para o jantar? – Mallory perguntou.

Houve um repentino brilho no olhar de Cristiano.

– Deixe-nos cozinhar para você – ele disse.

– Eu não poderia – Mallory respondeu. – Vocês são meus convidados. Não seria certo.

– Vamos comer fora um mês – ele disse. – Amo cozinhar. Por favor. Vai me fazer um favor.

Mallory fez uma pausa ao deliberar. Finalmente, assentiu – Não precisa pedir duas vezes!

Cristiano e Keira cozinharam para a mãe dela, e isso fez com que ela se sentisse melhor a respeito de perder o Dia de Ação de Graças. Mas assim que eles estavam de volta à mesa, Cristiano trouxe o assunto de volta novamente.

– Será que Elliot pensou no Dia de Ação de Graças quando reservou a viagem a Paris? – ele perguntou a Keira, servindo a tigela dela de ensopado de grão de bico usando uma concha.

– Elliot? Duvido. Ele só pensa em trabalho. Mas isso não teria escapado de Heather. Ela adora atenção.

Cristiano mudou para a tigela de Mallory. Ela sorriu, grata, conforme ele a servia do clássico e caloroso ensopado italiano de cheiro delicioso. – E ela não teria mencionado isso a ele?

Keira deu de ombros. – Provavelmente não. O trabalho dela é fazer tudo o que ele pede. Mesmo que estivesse ciente de estarem me fazendo trabalhar em um feriado, ela não o desafiaria.

– Não parece justo – Mallory disse, suspirando. Ela assoprou uma colher cheia de ensopado diante dos lábios. – Eu sei que você ama seu trabalho, mas não deve deixar sua firma te explorar.

Keira balançou a cabeça. – Não é bem assim – ela começou.

Mas ela foi rapidamente interrompida por Mallory, que havia dado a primeira bocada do ensopado de Cristiano.

– AÍ, MEU DEUS! Isso está INCRÍVEL! Querida, case com esse homem imediatamente. Um homem que cozinha tão bem é para casar. Cristiano, você precisa treinar para ser um chef – ela então ruborizou e os observou piscando em choque diante dela. – Desculpe, Keira, o que estava dizendo?

Keira limpou a garganta. – Estava dizendo que de todos os redatores na equipe, a *Viatorum* está me dando as melhores atribuições. Eu seria ingrata em não aceitar. Sem mencionar as possíveis promoções.

– Eu acho que algumas empresas fazem você pensar que eles estão te fazendo um favor ao te fazerem trabalhar demais.

Keira ficou dividida. Ela realmente colocava seu trabalho em primeiro lugar. Ela sempre fez isso. Trabalhar era a maneira dela de fazer mais com sua vida do que sua mãe tinha sido feito depois que seu pai a deixara em ruínas, sozinha para criar duas crianças. Mas, até agora, o plano de Keira não tinha exatamente sido bem sucedido. Ela nem sequer tinha seu próprio apartamento. Estava vivendo a partir de malas. Talvez ela *estivesse* deixando a *Viatorum* explorá-la.

– Aposto que você ainda está usando aquele laptop velho, não está? – ele adicionou.

Keira pensou em seu laptop fiel, que mais parecia um tijolo. Ela o teve desde a faculdade. A empresa nunca providenciara um novo. Nem tinha passado por sua mente que eles deveriam.

– Talvez eu devesse negociar da próxima vez – ela murmurou.

Mas ela se lembrou da conversa que teve com Elliot. Não seria preciso nenhuma negociação. Após essa tarefa, as coisas seriam diferentes. Ela teria mais controle. As coisas seriam nos seus termos. Era uma questão de sofrimento de curto prazo para ganho de longo prazo. A única coisa era que o sofrimento de curto prazo dela tinha durado os últimos vinte e oito anos, e contando...

Eles terminaram a refeição e Keira estava contente por ter passado mais um tempo com sua mãe. Graças a Cristiano, ela estava percebendo o quanto deveria apreciar sua família. Shane também era próximo da família dele. Ambos estavam tendo um efeito positivo em Keira.

Mallory levantou para recolher os pratos em seguida, mas Keira interferiu.

– Mãe, por que você não coloca os pés para cima? – ela disse, tomando o prato de suas mãos. – Deixa com a gente.

Pela expressão de seu rosto, Mallory ficou claramente tocada. Ela foi assistir TV com uma taça renovada de seu amado vinho rosé.

Quando Keira e Cristiano tinham terminado de esfregar a louça e limpado a cozinha, Mallory estava roncando suavemente. Keira enrolou um cobertor nela e beijou sua testa. Então, ela e Cristiano se recolheram para a cama. Eles tinham que levantar muito cedo amanhã e queriam o máximo de descanso possível antes do que estava fadado a ser mais um mês corrido em um país estrangeiro para os dois.

CAPÍTULO NOVE

Logo cedo na manhã seguinte, Keira se levantou primeiro e deixou seu quarto para tomar um banho. Ela viu que sua mãe tinha saído do sofá. O cobertor repousava descartado; sua taça de vinho deixada na mesa de centro.

Keira tomou banho e voltou ao seu quarto, acordando Cristiano. Ele estava grogue como de costume pela manhã, e parecia um sonâmbulo ao caminhar até o chuveiro. Enquanto ele estava fora, Keira vestiu-se em roupas confortáveis para viajar, secou o cabelo com secador e aplicou pouca maquiagem. Então, escreveu um bilhete para sua mãe dizendo adeus, agradecendo-a por sua hospitalidade e a depositou sobre a mesa de centro.

Então, Cristiano entrou na sala, deixando um rastro de gotas atrás de si enquanto ele corria para dentro do quarto dela. Diferente de Keira, ele levou cerca de cinco minutos para ficar pronto após o banho, o tempo perfeito, já que o táxi devia chegar a qualquer minuto agora.

Ela espiou pela janela e viu o táxi amarelo parar.

– Cristiano – ela chamou, suavemente. – Está aqui.

Ele apareceu na porta, sua aparência meticulosamente transformada de uma bagunça encharcada e sonolenta para um ator de Hollywood. Eles saíram do apartamento – Cristiano carregando a mala pesada dela – e subiram no banco de trás do táxi.

Eles dirigiram-se para o aeroporto JFK. Apesar da hora adiantada, o aeroporto estava incrivelmente movimentado quando eles chegaram lá. Eles teceram seu caminho, passando por famílias sonolentas e empresários estressados, em seguida ficando na fila de segurança por um longo tempo. Demorou tanto para fazer o check-in no voo que o número do portão deles já estava aparecendo no display de embarque.

– Não tem tempo para o café da manhã? – Cristiano disse com um beicinho falso. – Você me prometeu bagels e café.

Keira checou a hora. Tinham quinze minutos antes do portão se fechar. Ela abaixou a bolsa.

– Se meu amor quer bagels no café da manhã, meu amor vai ter bagels no café da manhã.

Então, ela correu, atirando-se através das multidões para o vendedor mais próximo. Ela comprou a mesma coisa para eles dois: bagels tostados com recheio de ovo, queijo, bacon, guacamole e molho de sriracha, e dois

cappuccinos duplos. Conseguiu voltar para o lado de Cristiano com apenas cinco minutos sobrando.

– Tã-dã!

Eles entraram na fila cada vez menor no portão e embarcaram bem rapidamente.

Keira sentia-se muito grogue pela falta de descanso e não estava prestando muita atenção ao se acomodar em seu assento na janela. Só depois de um minuto percebeu que havia uma criança na fileira da frente, espremendo o rosto no vão entre os assentos. Seu rosto estava esmagado de um jeito engraçado. Ela tinha lindos olhos castanhos e pele morena, lembrando-a de Cristiano. Ela se perguntou se seu filho seria assim caso eles tivessem um. Nunca antes em sua vida ela dera muita atenção à ideia de começar sua própria família, mas Cristiano tinha mencionado isso na sessão de fotos, e todos ficavam falando em casamento. As sementes tinham claramente sido plantadas em sua mente...

Ela mastigou seu bagel, amando cada mordida, e percebendo que, quando estivessem em Paris, as opções deles de fast food seriam incrivelmente limitadas. Mas ela estava empolgada para experimentar a culinária francesa também, senão um pouco nervosa. Tudo que ela sabia sobre comida francesa era que tinha uma porção de carnes e peixes, e que eles não eram enjoados com quais partes dos animais eles comiam. Ou qual animal comiam, e ponto!

A tripulação do voo passou pelos anúncios de segurança enquanto a aeronave taxiava pela pista. Então, Cristiano colocou sua mão sobre a de Keira.

– Hora de outra aventura – ele sorriu.

– Eu não iria querer fazer isso com mais ninguém – ela murmurou de volta.

Eles se beijaram enquanto os motores do avião rugiram alto. Então, eles estavam trovejando pela pista, ganhando velocidade. Menos de um minuto depois, saíram do chão e foram ao ar. Era uma sensação que estava se tornando bem familiar para Keira, mais familiar até mesmo que a sensação de sua própria cama! Ela estava contente por essa ser sua última tarefa antes das coisas mudarem, porque não tinha certeza por quanto tempo podia continuar se submetendo a esse tipo de estresse. Por mais empolgante que fosse conhecer o mundo e ganhar a vida escrevendo, como ela tinha sonhado em fazer por tanto tempo, havia um lado negativo. Era tudo muito

cansativo e disruptivo, e ela não queria viver a partir de uma mala para sempre.

Conforme Keira ponderava esses pensamentos, ela começou a se sentir extremamente sonolenta. Claramente, duas doses de café em seu cappuccino não eram suficientes para combater os efeitos de acordar cedo.

– Você se importa se eu tirar um cochilo? – ela disse, olhando para Cristiano.

Para sua surpresa, ela descobriu que ele já estava adormecido. Ela sorriu ao olhar para ele. Ele sempre era tão lindo e tranquilo enquanto dormia. Às vezes, ela não acreditava que era real. Aconchegou-se perto dele, deixando o som de sua respiração suave embalá-la até dormir, para uma terra de sonhos feita de nuvens.

Em seu sonho, Keira estava vestida em um lindo vestido branco enquanto planava pelo céu. Cristiano flutuava ao seu lado, seus braços estendidos como o de um pássaro ou uma águia branca. Keira olhou para a esquerda e viu uma menina com a cor de Cristiano; cabelo escuro, olhos escuros, pele naturalmente bronzeada. Keira sabia sem questionar que era a filha deles. Os três subiam através das nuvens com um sol brilhante esquentando suas peles, sentindo-se calmos e totalmente em paz.

As nuvens começaram a ficar cinzentas e Keira soube que iria chover. Ela gesticulou para que sua família ideal descesse através das nuvens, sentindo o estômago girando conforme caíam em direção a terra. Assim que irromperam através das nuvens, o mundo apareceu debaixo deles. Keira viu a Torre Eiffel, a pirâmide de vidro do Louvre e ouviu o som da chuva.

Ela acordou de sobressalto, percebendo estar no avião. Estava escuro graças à chuva martelando contra as janelas. Então, virou-se e viu Cristiano ainda adormecido. Nos assentos à sua frente, a garotinha que tinha aparecido em seus sonhos estava pressionando o rosto entre as cadeiras. Keira riu de si mesma, recordando-se do sonho.

Ela pegou o laptop de sua bolsa e abriu um novo documento. Então, escreveu o título de seu novo artigo.

O amor pode durar na Cidade do Amor?

CAPÍTULO DEZ

Keira e Cristiano pisaram para fora do aeroporto Charles de Gaulle de mãos dadas, animados para sua próxima aventura juntos. O céu estava um tom de cinza agourento e a chuva caía em camadas, mas o clima fez pouco para amortecer a empolgação deles.

O táxi que Heather arranjara para eles parou no meio-fio e os dois pularam para dentro para sair da chuva.

– Vocês estão ficando no Marais? – o motorista perguntou por cima de seu ombro.

Keira checou seu itinerário feito por Heather. – Sim, no Hotel St. Martin.

O motorista assentiu em afirmação. – Esse é um ótimo bairro para ficar. Nós os chamamos de *arrondissements*. Existem vinte em Paris, irradiando em sentido horário a partir do centro. Marais é o terceiro e quarto *arrondissement*. Seu hotel é bem ao lado do rio Sena.

Keira sentiu uma emoção do ímpeto de antecipação passando através dela.

A via expressa parecia pouco chamativa, mas elas sempre eram assim. Foi quando chegaram aos arredores de Paris, cerca de trinta minutos depois, que Keira realmente começou a ter a sensação de estar em um país novo.

Paris tinha um horizonte notavelmente plano, sendo a Torre Eiffel a única estrutura alta. Não havia arranha-céus ou rodas-gigantes, nem viadutos, torres de observação ou construções de arquitetura maluca. Era como se o trabalho de construção de Paris tivesse cessado há cem anos.

– Como não tem nenhum arranha-céu? – Keira perguntou ao motorista. – Estou tão acostumada com cidades cheias de vidro.

O motorista riu. – Não aqui. Há uma lei que proíbe que sejam construídos prédios com mais de seis andares dentro de Paris. É com o objetivo de preservar a característica da cidade. Só nas áreas urbanas afastadas a construção de arranha-céus é permitida. Você vai vê-los em breve.

Conforme ele dirigia, passando do limite da cidade, levando-os para dentro de Paris propriamente, Keira começou a entender por que. O caráter da cidade tinha, de fato, sido bem preservado. Os arranha-céus que o motorista tinha mencionado estavam ao longe, quatorze no total, e estavam perfeitamente alinhados de um jeito que adicionava um senso de organização ao sentimento da cidade. De onde eles estavam posicionados

no momento, parecia para Keira como se ela estivesse no passado olhando para o futuro.

Inevitavelmente, eles atingiram trânsito. Em seguida, estavam engatinhando através de um longo túnel escuro que bloqueava toda sua visão. Mas finalmente emergiram do outro lado, no centro de Paris. O céu ainda estava cinza, a chuva ainda chicoteando, mas não diminuía a beleza do que podiam ver.

– Não é incrível? – Cristiano irrompeu, espremendo a mão de Keira.

Ela assentiu, sentindo-se tão maravilhada quando ele parecia. A maioria dos prédios era feitos de lindos calcários cor de creme. Eram altos e estreitos, todos com quatro ou cinco andares de altura, todos com o mesmo telhado empenado e sacadas de ferro forjado preto. Isso criava uma verdadeira sensação de uniformidade e harmonia. As calçadas eram muito largas, pavimentadas e alinhadas com árvores. A chuva tinha criado uma camada espelhada em sua superfície, refletindo as lâmpadas de rua em orbe.

Eles alcançaram o Sena, que era mais largo do que Keira tinha antecipado, então dirigiram pela rua lateral antes de pararem diante do hotel deles. Keira olhou para o alto, para o prédio de seis andares, maravilhando-se com a história em sua arquitetura.

Cristiano trouxe a mala dela do porta-malas, então agradeceram ao motorista e entraram.

Elliot deve ter se sentido muito culpado com o que tinha acontecido com Keira em Nápoles, porque esse lugar era literalmente o oposto. O saguão do hotel parecia algo saído de um filme; elegante e decorado com requinte. Era mais um salão de baile do que uma recepção de hotel! O teto era alto, pintado com a mesma cor creme das paredes e holofotes combinando. O chão de mármore tinha um padrão em formato de diamante, levando até uma mesa de mármore similar. Até as portas do elevador combinavam, projetadas para parecer madeira polida.

Keira realizou o check-in com a recepcionista, coletou suas chaves e retornou a Cristiano.

– Estamos no quinto andar – ela sorriu com malícia, acenando com as chaves para ele. – Isso significa... Vista!

Eles pegaram o elevador – que tinha um carpete vermelho grosso e botões no estilo Art Decô – e emergiram no patamar do quinto andar. Quando encontraram o quarto, Keira mal podia conter sua empolgação. A *Viatorum* tinha sido extravagante com esse lugar!

Cristiano abriu a porta com o braço, permitindo a Keira uma visão desobstruída do interior do quarto. Olhando para dentro, ela ficou tão atônita que praticamente parou de respirar.

O quarto era pintado na mesma cor creme calmante e a cama era em dossel de madeira com luxuosos lençóis e travesseiros de seda. As janelas – que se estendiam pelo comprimento do quarto, e do chão ao teto – eram emolduradas por elegantes cortinas cinza. Keira podia até mesmo vislumbrar, do outro lado do vidro, mesas e cadeiras de bistrô na varanda respingada de chuva. As paredes eram adornadas com fotos emolduradas de Paris em preto e branco.

Keira apressou-se para dentro e pulou para a cama. – Isso é incrível! – ela berrou.

Cristiano riu. Ela lhe assistiu puxando a mala pelas rodas, depois fechando a porta atrás de si.

Ela moveu-se para ficar sentada e repousou o queixo em seu punho. – Você não está amando? Não é a coisa mais linda que você já viu?

Cristiano sorriu para ela enquanto dava passadas em direção à cama. – Eu posso pensar em uma coisa que é mais linda – ele ronronou.

Keira sentiu uma chama de desejo lamber seu interior. Cristiano sentou ao lado dela e tomou seu rosto gentilmente em suas mãos. Então, ele pressionou seus lábios nos dela, daquele jeito suave, mas ainda apaixonado, que era único de Cristiano. Quando se afastou, ela sentiu a ausência dele com uma dor e ansiou por mais.

– Temos o resto da noite para passear, não temos? – Keira perguntou. – Nós não precisamos sair nesse exato segundo?

Cristiano levantou as sobrancelhas. – Acho que podemos passar um tempinho nos ajeitando.

Keira sorriu com malícia. Eles subiram na cama, levantando as cobertas antes de caírem nelas, emaranhados juntos.

*

Estava escuro do lado de fora quando Keira e Cristiano emergiram de seu quarto de hotel, ansiosos para ver o que Paris tinha a oferecer.

Eles dirigiram-se direto para o rio Sena. Com todas as brilhantes luzes da rua, a água negra parecia estar salpicada de ouro. A Torre Eiffel, a uma

pequena distância na margem oposta, era como um farol reluzindo. Era uma visão deslumbrante de se ter.

– Deveríamos encontrar um restaurante – Keira disse, percebendo pela primeira vez quão faminta estava.

– Deveríamos ir a um que tenha um autêntico *menu* francês – Cristiano adicionou.

Não havia nenhum ao longo do Sena, as ruas reservadas para árvores e pessoas caminhando lentamente, então eles se dirigiram por uma das ruas laterais para a movimentada Rue de Rivoli.

Eles pisaram para dentro de um restaurante chamado *Maison Rouge*, que era decorado em um estilo tradicional e pitoresco de um café parisiense. O garçom deles mostrou-lhes uma pequena mesa redonda ao lado de uma janela grande. Keira estava muito feliz por poder observar as pessoas durante sua refeição.

Havia uma vela na mesa e uma única rosa em um vaso de vidro. Era bem íntimo e romântico.

Keira estudou o cardápio, lendo através das complicadas palavras em francês.

– Tem algo aí que te inspire? – Cristiano perguntou.

– Na verdade, é tudo um pouco assustador – Keira respondeu – *Soup a l'oignon*.

– Sopa de cebola francesa – Cristiano traduziu, com risos. – O que é tão aterrorizante nisso?

– Mau hálito – Keira sussurrou.

Cristiano riu com vontade. – Está bem, e que tal *Coquilles Saint-Jacques*? São vieiras. Você ama frutos do mar.

– Isso parece bom – Keira respondeu, com água na boca. Ela olhou por cima de seu cardápio para Cristiano. – É ruim que eu esteja tentada pelo camembert assado?

– Claro que não!

– Mas um queijo inteiro no jantar. É um pouco excessivo. Eu vou engordar.

Cristiano não conseguia parar de rir, balançando a cabeça divertidamente. – Minha Keira.

O garçom veio e Keira escolheu as vieiras, afinal. Cristiano pediu *Blanquette de Veau*, ragu de vitela, e um vinho tinto Bordeaux como

complemento. Ele recomendou que Keira tomasse um Chablis com sua refeição e ela concordou.

Antes que o garçom saísse, Cristiano adicionou – E um camembert para dividir.

Keira arregalou os olhos para Cristiano – O jantar *e* o camembert. Eu definitivamente vou engordar.

Suprimindo um sorriso divertido, o garçom coletou os cardápios e foi embora.

– Você parece bem à vontade aqui – Keira comentou, observando o rosto de Cristiano, iluminado pelas velas do outro lado da mesa.

Ele assentiu. – Há muitas similaridades em muitos países europeus. Comida, idioma, ritmo de vida. Eu me encaixo mais aqui do que em Nova Iorque. Mas você também não fica de fora. Você não é como os turistas comuns.

Keira deu de ombros. – Suponho que é porque não sou uma turista de verdade. Estou aqui a trabalho. E estou me acostumando à Europa. Ou, pelo menos, ao modo europeu de fazer as coisas.

– É muito bom ouvir isso – ele respondeu. – Talvez queira se estabelecer na Europa um dia.

Keira sentiu sua própria hesitação nesse momento. Seu humor despreocupado não se prestava a pensar em coisas como se estabelecer. Eles tinham finalmente voltado a viver no presente. Sua mente estava finalmente se acalmando, qualquer ansiedade que a normalidade de estar de volta à Nova Iorque tinha causado tinha finalmente sido reprimida pela aventura de estar em um novo país. A última coisa que queria era convidar aquelas preocupações de volta à sua mente.

– Eu disse algo errado? – Cristiano perguntou, claramente compreendendo seu silêncio.

– Não, de jeito nenhum – ela disse, sorrindo. – Eu só não quero pensar em criar raízes em nenhum lugar ainda. Não enquanto minha vida está em tanto fluxo.

– Ah – Cristiano respondeu, com um sorriso conhecedor. – A palavra estabelecer te assustou.

Ela ruborizou ao perceber como seus pensamentos tinham sido transparentes. – Talvez. A última vez que me estabeleci foi com meu ex, Zach, e aquilo terminou bastante mal.

Cristiano chacoalhou a cabeça. – Agora tocamos em um assunto que prefiro não falar.

Ele mexeu com os utensílios à sua frente, alinhando-os como se estivesse constrangido, de repente.

– Você quer dizer o Zach? Meu ex idiota?

O maxilar dele cerrou. – Keira, por favor. Eu sei que você esteve com homens no passado. Eu prefiro não ser lembrado disso.

Keira não pode evitar erguer suas sobrancelhas. Cristiano geralmente era tão descontraído. Esse era o primeiro traço que ela tinha visto de seu ciúme italiano.

Ela apertou seus lábios e deixou a conversa cair no silêncio.

A comida chegou a seguir, providenciando a eles uma distração necessária. Cheirava tão deliciosa quanto parecia, e os olhos de Keira se arregalaram de fome.

– Saúde – Cristiano disse, levantando sua taça para brindar com ela.

– Saúde – ela disse.

Enquanto ela bateu a borda de sua taça de vinho na dele, encarou seus olhos. O momento de ciúme parecia haver passado. Era quase como se nunca tivesse existido. Não que ele tivesse superado, Keira pensou, mas parecia mais que ele enterrara seus sentimentos.

Keira tomou um gole do vinho dela, seguindo para suas vieiras. Sua primeira bocada foi incrível. Ela nunca tinha comido algo tão saboroso!

– Eu não tinha ideia que vieiras podiam ser tão boas – ela murmurou.

Cristiano sorriu. Ele parecia extrair prazer meramente por assistir a ela sentindo prazer, como se ele gostasse de saber que ela estava contente. O pensamento a fez sentir aquecida por dentro.

– Você gostou da sua comida? – ela perguntou a ele, sentindo-se repentinamente quente abaixo do colarinho.

– Sim – ele respondeu. – Mas prefiro a companhia.

Ela engoliu duro, sentindo o calor subindo até suas orelhas.

Eles terminaram seus pratos principais e o garçom perguntou se queriam a sobremesa.

– Não, obrigada – Keira disse, espalmando seu estômago cheio de camembert.

Mas exatamente ao mesmo tempo, Cristiano disse – Sim, por favor – com um sorriso diabólico.

O garçom trouxe o cardápio de volta para que eles examinassem de novo.

– Vou chutar que *creme* significa creme – Keira disse.

Cristiano assentiu. – Sim.

– Certo. Bem, parece que a maior parte desses pratos tem creme neles.

– E por que isso é um problema? – ele perguntou.

Ela espalmou seu estômago de novo. – É muito forte. Não posso lidar com mais laticínios!

– Que tal os éclairs? – ele sugeriu.

Ela deu a ele um olhar. – Chocolate é laticínio!

Ele soltou risos. – Está bem, a torta de maçã, então.

Ela lançou outro olhar. – Você realmente acha que a torta francesa pode competir com a torta americana?

– Já sei – Cristiano disse em fim. – *Canelés*. São pequenos bolos sabor baunilha e rum.

– Pequeno quanto? – ela perguntou.

– Minúsculos – ele disse, rindo.

Keira fez o pedido dos *canelés* enquanto Cristiano optou por um tradicional *gateaux*. Quando ambos os pratos chegaram, em pratinhos de porcelana branca, eles estavam apresentados de maneira requintada, e seu sabor era tão maravilhoso quanto parecia.

Keira notou Cristiano com o canto dos olhos, observando-a enquanto ela comia.

– Por que está fazendo isso? – ela perguntou, sentindo o rubor retornar.

– Você fica linda quando está comendo – ele disse a ela.

Keira quase roncou sua risada. – Eu fico? Que engraçado ouvir isso. Disseram que sou desleixada para comer.

Era algo que Zach dizia a ela frequentemente, que ela não mastigava baixo o suficiente.

– Bem – Cristiano disse, seu sorriso diminuindo. – Isso é o que acontece quando você perde seu tempo com garotinhos ao invés de homens.

O queixo de Keira caiu, tal sua surpresa com o comentário de Cristiano. Pela segunda vez naquela noite ela havia involuntariamente despertado seu lado ciumento. Perguntou-se o que era que estava o deixando, de repente, tão incomodado com qualquer menção dos relacionamentos passados dela. Algo havia mudado entre eles, um aprofundamento do vínculo que tinha o desagradável efeito colateral de deixá-lo com ciúmes. Ela jurou não

mencionar nenhum de seus antigos parceiros de forma tão descuidada de novo. Cristiano precisaria ser abordado de forma levemente mais delicada no futuro.

– Você gostaria de passear mais um pouco antes de ir para a cama? – ela perguntou, mudando o assunto. – Eu estou muito interessada em fazer um cruzeiro noturno pelo rio. Ouvi dizer que Paris está no seu melhor quando vista do rio à noite. Podemos assimilar todos os monumentos e ainda voltar a tempo.

– A tempo de que? – Cristiano perguntou, erguendo uma sobrancelha.

O rubor de Keira a única resposta que eles precisavam.

Eles pagaram por suas refeições e saíram do restaurante, de volta ao Sena. Não demorou até que eles encontrassem um dos barcos menores que oferecia passeios ao longo do rio.

Eles embarcaram na pequena balsa, cheia de dezenas de outros casais, e ficaram boquiabertos juntamente com todos os outros ao passarem pelo Louvre, Notre Dame, Ópera, Madeleine, Concorde, Champs-Élysées, Arco do Triunfo, Torre Eiffel e, finalmente, o Moulin Rouge, com seus infames moinhos vermelhos.

– Você gostaria de parar para um pouco de cabaré? – Cristiano perguntou a Keira. – Subir a temperatura antes de voltarmos para o nosso quarto do hotel?

Ela riu, seus olhos brilhando de empolgação. Ela estava tão envolvida na animação que soltou – Tudo bem!

Eles desembarcaram da balsa e foram ao local. Era claramente muito popular já que as filas eram longas, mas se moviam rapidamente e eles logo estavam sendo conduzidos para dentro.

O interior era notável, como um antigo teatro com um balcão atrás deles. As paredes e carpetes eram vermelhos. As fileiras de mesas, das quais havia muitas, tinham toalhas brancas sobre elas, e luzes vermelhas. Tecidos ondulavam no teto, oferecendo um ar de tenda de circo. O lugar estava cheio de gente, alguns jantando, outros apenas tomando champanhe.

Cristiano e Keira foram até sua mesa e pediram champanhe.

O palco estava coberto por uma cortina brilhante e, quando as luzes diminuíram para indicar que o show estava prestes a começar, a cortina caiu. O palco se encheu de dançarinas de cancã em fantasias coloridas, chamativas. A habilidade de dança coordenada era incrível. Keira estava totalmente entusiasmada ao assistir. O talento era incrível de ver. E o show

era muito mais do que ela antecipara; não apenas dançarinas, mas cavalos em miniatura, acrobacias, até uma sereia em um tanque de água! Era um vendaval de visões e sons, luzes, brilho e penas. Era espantoso, de tirar o fôlego. Quando a plateia aplaudiu, Keira se encontrou de pé assoviando junto com ela.

– Você curtiu isso – Cristiano comentou uma vez que o show terminou e as luzes se acenderam de novo.

– Foi impressionante! – Keira exclamou, de repente sentindo-se cheia de energia.

Cristiano enrolou a cintura dela com um braço enquanto eles voltaram ao Sena para pegar a balsa para casa. Keira não podia parar de sorrir ao se recostar nele, vendo Paris passar, escutando o barulho da água contra o barco. Estava certa de que seu amor não apenas sobreviveria aqui, mas sim floresceria!

*

De volta ao hotel, Cristiano caiu direto na cama, parecendo exausto. Ele estendeu os braços para Keira.

– Venha para mim, minha princesa – ele murmurou.

– Acho que você precisa dormir um pouco – ela rebateu. – E eu estou tão inspirada pela minha noite, eu bem que gostaria de escrever um pouco.

Cristiano fez biquinho, mas Keira sabia que ele só estava brincando. Ela foi até a cama e puxou o cobertor pesado por cima dele, então beijou sua testa.

– Haverá muitas oportunidades para esse tipo de coisa – ela disse com uma piscada.

Cristiano sorriu com malícia. Depois, ele bocejou.

– Talvez você esteja certa – ele admitiu, virando de lado e deixando seus olhos se fecharem.

Keira o observou por um momento, até que sua respiração ficou mais lenta. Ela se impressionou com a rapidez com que ele adormeceu.

Talvez por causa do fuso horário, talvez pela adrenalina induzida pela empolgação, Keira não estava nem remotamente cansada. Ao contrário, ela limpou a maquiagem de seu rosto e passou hidratante, depois se sentou diante da linda mesa de mogno ao lado da janela. Puxou as cortinas para

abri-las, vendo toda a vista do Sena e das ruas respingadas de chuva de Paris. O cenário era mais que inspirador.

Ela buscou seu laptop e começou a digitar, sua mente recordando a noite romântica com Cristiano. Sentia como se estivesse no paraíso. Tinha sido uma ideia tão boa vir para cá. Cristiano estava muito mais relaxado na Europa e, sem a família dela interferindo o tempo todo, ela também. De fato, ela se sentia mais livre aqui do que em qualquer outro lugar. Talvez eles devessem mudar para Paris? Ela realmente podia imaginá-los se estabelecendo aqui.

Ela sorriu para si mesma ao perceber o que estava fazendo. Não estava se apaixonando por alguém novo, mas sim por um lugar novo. Paris.

CAPÍTULO ONZE

Keira sentou-se na varanda iluminada cedo na manhã seguinte, observando o mundo passar. Ainda não estava chovendo, mas o céu estava cheio de nuvens escuras que claramente irromperiam em breve.

Ela virou-se com o som de Cristiano passando pelas portas. Ele estava sem camisa, segurando uma caneca de café em cada mão. Ele entregou uma a Keira enquanto se sentava oposto a ela.

– Essa é a vida, hã? – ele disse, alongando os braços acima da cabeça.

– Você não está com frio? – Keira perguntou. Ela estava tremendo, a despeito do macio roupão branco fornecido pelo hotel enrolado em torno de si.

– Só um pouco – ele disse. – E de um jeito bom.

Keira balançou a cabeça, jovial. – Eu não achava que existia um jeito bom – ela brincou.

Cristiano apontou para o mapa espalhado sobre a mesa à frente deles. – Está planejando nosso dia?

Keira assentiu em confirmação. – Decidi que, já que estamos em Paris, deveríamos ver alguns museus. Mas estava considerando ir a alguns dos menos conhecidos.

– Como assim? – Cristiano perguntou. – Você não quer entrar no Louvre? Ver a famosa Mona Lisa?

– Claro, mas não hoje – Keira o disse. – Nós vimos todos os pontos principais ontem no passeio de barca.

Cristiano ofereceu-lhe uma de suas expressões meio divertidas, meio confusas. – Só do lado de fora.

Keira girou o mapa de frente para ele. – Só estou dizendo que não quero seguir o mesmo percurso do Sena por dois dias consecutivos – ela apontou para a cruz vermelha que adicionara ao mapa, indicando o hotel. Então, ela desenhou uma linha invisível com o dedo em direção ao nordeste. – Aqui tem um museu da Edith Piaf que eu adoraria ir ver.

– Você gosta da música dela?

Keira corou a seguir, sentindo-se como uma antiga romântica que tinha sido flagrada. – Amo.

– Bem, por que você não disse? – Cristiano riu. – Claro que podemos ir ao seu museu! Eu não sabia que você gostava de cantoras francesas antigas.

Keira sentiu o calor subindo em suas bochechas. – Acho que tenho uma alma antiga.

– É adorável – Cristiano disse.

Então, ele debruçou-se sobre a mesa e começou a cantar para ela em italiano. Apesar de ele claramente estar sendo teatral, com uma mão pressionada contra seu peito nu, Keira sentiu seu próprio tremulando em resposta. Cristiano, na verdade, era um ótimo cantor, mesmo adotando uma voz estilo Pavarotti!

Ele finalizou a música, recostando-se com um sorriso satisfeito. Keira aplaudiu.

– Isso foi maravilhoso, de verdade – ela lhe contou, tocando suas bochechas quentes com as costas de uma mão gelada.

Cristiano riu com abandono. – Uma canção popular tradicional italiana – ele disse. – "Amuri, amuri".

– Que significa o que? – ela perguntou, sonhadora, repousando seus cotovelos e o encarando.

Cristiano inclinou-se lentamente em direção a ela, sua voz caindo para um tom sedutor. – Significa "meu amor, meu amor".

Ele pressionou os lábios nos dela e Keira sentiu seu corpo inteiro ondular de alegria. Quando ele se afastou, ela sentiu que havia sido deixada em transe.

– Vamos precisar parar para o café da manhã – Cristiano disse, abruptamente lhe trazendo de volta para a terra. Ele olhou para o mapa, franzindo a testa em contemplação. – O café da manhã, é claro, é a refeição que os franceses fazem melhor, então podemos parar em qualquer um desses bistrôs no mapa – ele apontou aleatoriamente para um ponto no meio do caminho entre o hotel e o destino deles. – Chama-se *Bisous* – ele disse, rindo. – Significa beijos.

– Parece delicioso – Keira murmurou, ainda sentindo sua cabeça enevoada pela toxicidade do beijo de Cristiano.

Cristiano levantou-se em seguida, alongando seu torso. – É melhor levarmos um guarda-chuva – ele disse. – Vai chover a qualquer segundo.

Fez-se um momento de silêncio em que Keira encarou seu maravilhoso peito, completamente perdida em admiração.

– Keira – Cristiano disse, rindo. – Você está aí?

Ela finalmente deixou seu olhar subir até os olhos dele, mas isso foi ainda pior! Cristiano era hipnoticamente lindo da cabeça aos pés. Era quase

dolorido.

Ela ficou de pé. – Guarda-chuva – ela repetiu, sorrindo. – Eu ouvi cada palavra que você disse.

Ela entrou, dando a Cristiano uma piscadela atrevida ao passar.

*

Keira e Cristiano saíram do hotel justamente enquanto começava um aguaceiro torrencial. Apesar do clima infeliz, de jeito nenhum isso poderia diminuir os ânimos de Keira e Cristiano. Keira pensou que poderia passar um vendaval atirando-lhe granizo, e ela ainda sentiria que estava andando nas nuvens. Todo o estresse que repentinamente sentira com seu retorno à Nova Iorque parecia ter desaparecido.

Eles seguiram para o nordeste, em direção à fronteira entre o décimo primeiro e o vigésimo *arrondissements*, onde alguns dos museus menos conhecidos se localizavam, incluindo o de Edith Piaf. A caminhada deveria levar cerca de quarenta e cinco minutos, com sua parada programada para o café da manhã no meio.

Eles chegaram ao café, um bistrô cafona cheio de espelhos de moldura dourada de mau gosto e luzes de fadas. Todas as cadeiras e mesas do lado de dentro eram de madeira reaproveitada de carteiras escolares, que, apesar de manter o tema rústico-chique, não seriam a escolha pessoal de Keira. A escola não era exatamente uma época que ela gostava de relembrar.

Cristiano, por outro lado, parecia achar a decoração encantadora. Ele encontrou um sofá de couro vermelho-escuro para sentarem, que estava bem ao lado de uma lareira cheia de rosas brancas e velas. Keira admitia; o ambiente no cantinho deles era muito romântico.

O garçom veio fazer seus pedidos para o café da manhã – café e croissants –, desaparecendo em seguida para buscá-los na cozinha. Keira tirou seu caderno da bolsa.

– O que você vai escrever? – Cristiano disse.

– Só tomar algumas notas desse lugar – ela o contou.

Ele olhou por cima do ombro dela. – Esfarrapado? – ele leu em voz alta.

– Ei – Keira riu, protegendo seu bloco de notas da vista dele. – Você sabe que minhas anotações e rascunhos são particulares. Você não tem permissão para ler nada até que esteja finalizado. Senão, vai reprimir meu processo criativo.

Cristiano fez uma cara – Mas aqui não é esfarrapado. É rústico. Único. Peculiar. Esfarrapado faz parecer desleixado. Tudo aqui foi escolhido com uma estética particular em mente.

– Eu sei – Keira disse a ele. – Mas não é uma estética que eu particularmente gosto. Só isso. E ninguém quer ler um artigo que só fala sobre como tudo é maravilhoso. É dissimulado. As pessoas gostam do que escrevo *porque* eu falo das coisas ruins tanto quanto das coisas boas.

Cristiano pareceu um pouco perplexo, mas por sorte o café da manhã deles chegou a seguir, e Keira não teve que se explicar mais.

Croissants parisienses autênticos, sem surpresa, era uma experiência completamente diferente dos que Keira tinha comido antes. A massa era tão crocante e amanteigada, os sabores suntuosos.

– Oh, meu Deus, isso é divino – ela murmurou, pequenos flocos de massa caindo de seus lábios.

– Não gostei tanto do café – Cristiano disse. – Os italianos definitivamente fazem melhor.

Keira riu. – Acho que ninguém no mundo discordaria disso.

Eles acabaram de comer, em seguida pagando pela comida antes de saírem para as ruas encharcadas de chuva. Keira agasalhou-se com sua jaqueta firmemente, sentindo o calafrio se infiltrando em seus ossos. Cristiano estava tão insuficientemente vestido para a chuva de Paris quanto tinha estado para o frio de Nova Iorque.

– Devíamos ir às compras amanhã – ela o disse. – Se a chuva não der trégua. Comprar um guarda-chuva de força industrial.

Cristiano riu e pegou a mão dela.

Eles continuaram a pé pelas ruas, passando por prédios no mesmo estilo arquitetônico de tudo o que tinham visto até agora. Keira pensou que nunca poderia se cansar da visão, da beleza da cidade. Até mesmo os sinais de metrô, as lâmpadas e os corrimãos estavam em perfeita harmonia com a área, e nenhuma das lojas tinham fachada de vidro, o que significava que se misturavam com as casas. A única coisa que subtraía da beleza de Paris, Keira pensou – tirando a total falta de sol – era o fato de algumas ruas serem muito estreitas, apenas com espaço suficiente para o tráfego de sentido único. E havia muito! As ruas estavam constantemente congestionadas.

– Você acha que Paris é sempre tão movimentada? – Keira devaneou enquanto caminhavam.

– Acho que sim – Cristiano respondeu. – É a cidade mais visitada no mundo.

– Isso não me surpreende – Keira respondeu. Ela podia compreender totalmente de onde Paris tinha recebido a reputação de ser a cidade do amor. Não era necessariamente que as pessoas vinham para cá para encontrar o amor; era pela cidade em si que uma pessoa podia facilmente se apaixonar.

Eles chegaram ao seu destino: o Museu Edith Piaf. Estava localizado em outra rua que parecia todas as demais ruas, e eles de fato quase passaram reto por ele, já que não havia nenhum alarde, nenhum sinal ou indício real de que ele existia. Um museu, Keira pensou, para locais ao invés de turistas.

Eles entraram ao som de um toca-discos estalando e tocando *La Vie En Rose*. Um recorte em tamanho real da cantora estava bem diante da porta.

– Ela era tão minúscula – Keira exclamou. Mesmo sendo mais baixa que a média, ela parecia se elevar diante da figura.

As paredes estavam cobertas com inúmeras pinturas da famosa cantora, alguns detalhados retratos a óleo, outros mais como caricaturas esboçadas, e eles tomavam as paredes por completo.

Eles adentraram mais, observando o interior do minúsculo apartamento, a decoração preservada da forma como fora quando Edith Piaf morava aqui. Keira realmente sentiu como se tivesse voltado no tempo, como se realmente estivesse de pé na casa de Edith Piaf. Estava cheia de seus icônicos vestidos pretos, bugigangas como um urso de pelúcia com o qual seu marido a presenteara, uma fileira de seus sapatos em tamanho minúsculo, livros e cartas, itens que haviam pertencido à cantora. Era íntimo, quase invasivo, e havia certa melancolia no lugar.

Uma vez que viram tudo que o pequeno museu tinha a oferecer, voltaram às ruas chuvosas.

– O Museu de Montmartre é o próximo na nossa lista – Cristiano disse, consultando a lista de locações que Heather tinha elaborado para eles. – Mais um museu, depois podemos parar para almoçar.

Keira se amontoou em sua jaqueta, tentando ficar fora da chuva torrencial.

– Eu sei que isso não condiz com o romance de Paris, – ela disse – mas você acha que podemos pegar o metrô? Não tenho certeza de quão entusiástica me sinto com a ideia de andar por uma hora desse jeito.

Cristiano sorriu. – Está sugerindo que não tem nada de romântico no metrô? – Então, ele agarrou sua mão e lhe puxou ao longo da rua em

direção ao letreiro luminoso mais próximo – Permita-me provar que está errada.

Keira o seguiu, rindo, ofegante por ter que correr para acompanhá-lo. Ela amava o ânimo de Cristiano. Ele era sempre tão alegre, tão empolgado. Isso a complementava tão perfeitamente, já que ela tinha a tendência a ficar excessivamente estressada.

Eles chegaram à entrada do metrô e desceram os degraus molhados fazendo barulho. Cristiano andou com confiança até uma das máquinas eletrônicas de bilhetes e os comprou para que os dois passassem pelas catracas. Depois, atravessaram, tecendo pelos corredores, descendo lances de escadas, e ao longo de ainda mais corredores.

À medida que andavam, Keira ouviu o som de música flutuando pela estação, ficando mais e mais alta.

– Que instrumento é esse? – ela perguntou, incapaz de se orientar graças ao modo que a acústica distorcia o som.

Então, eles viraram uma esquina e descobriram a artista de rua que era a fonte da música; uma linda mulher loira em um vestido verde de seda. Ela tocava um violoncelo. Keira arfou, surpresa. Aquilo não era o que esperava encontrar nos corredores subterrâneos sujos e empoeirados.

Cristiano puxou algumas moedas de seu bolso e depositou na pequena caixa ao lado dela enquanto eles passavam, em seguida virando para Keira e dizendo, cheio de alegria – Eu te disse que o metrô era tão romântico quanto o resto de Paris.

Keira riu, deslizando sua mão para a dele. Então, eles pularam em uníssono para dentro do trem que esperava.

*

Trinta minutos depois, Keira e Cristiano saíram na estação de metrô de Anvers, agora na fronteira entre o nono e o décimo oitavo *arrondissements*. Eles foram em direção ao norte por uma rua de paralelepípedos para pedestres, ladeada por lojas. Parecia qualquer outra rua parisiense, até que eles chegassem ao fim e a visão se abrisse de repente, revelando uma enorme igreja em uma colina. Era rodeada de árvores, e havia um carrossel na parte de baixo.

– Eu não estava esperando isso! – Keira exclamou.

Cristiano checou o mapa. – É a *Saint-Pierre* – ele disse a ela. – Ah, e podemos pegar o funicular!

Keira lembrou-se do trem maluco que cortava as colinas inclinadas em Capri, na Itália, e de como ele tinha induzido um ataque de vertigem nela. Ela não tinha muito desejo de repetir a experiência.

– Que tal nós apenas caminharmos? – ela disse.

Eles subiram uma série de degraus de pedra íngremes que corriam paralelos ao funicular, ao longo da igreja em forma de palácio. Do outro lado, havia fileiras de apartamentos inclinando-se na subida de forma íngreme.

– Consegue imaginar morar aqui? – Keira exclamou. – Com vista para isso?

– Subindo essas escadas todos os dias – Cristiano adicionou, ofegando.

As pernas de Keira estavam começando a doer. – Bom argumento – ela respondeu.

Eles chegaram ao topo dos degraus, passando pela estação final do funicular, e se encontraram em uma encosta calçada. A vista se abriu à direita deles e ambos pausaram, absorvendo a vista de Paris de cima. Atrás deles, mais degraus levavam à linda igreja branca.

– A *Sacré-Cœur* – Cristiano a contou.

– É incrível – Keira respondeu, sem fôlego. Havia muita beleza a ser vista. Das igrejas ao horizonte, era simplesmente espantoso. – Podemos entrar?

– É claro – Cristiano respondeu. – É uma igreja em funcionamento.

Subiram os degraus e atravessaram as portas. Keira estremeceu ao entrar, sentindo a história infiltrar-se nela. Havia turistas dentro, mas também pessoas locais rezando e freiras andando por aí. Acima, estava um enorme mosaico representando Jesus, seu coração feito de ouro.

– Uau – Keira murmurou, maravilhada.

Eles continuaram andando através da grande igreja, absorvendo a visão de um órgão antigo, antes de saírem.

– Isso foi ótimo – Keira disse, sorrindo de orelha a orelha.

Eles prosseguiram ao longo das ruas de paralelepípedos. A área era arquitetonicamente muito bonita, limpa e bem organizada. Todas as lojas eram tradicionais, vendendo arte, café e livros. Havia um pouco de tráfego, mas nem de perto a quantidade que eles tinham lidado no centro de Paris.

Aqui, os pedestres pareciam reinar ainda mais. Eles vagavam pelas ruas, fazendo os carros engatinharem atrás deles.

Era tão lindo que Keira desejou estar usando um longo vestido flutuante e um chapéu para que ela pudesse brincar de ser alguém durante a *belle époque.*

Finalmente, eles chegaram ao Museu de Montmartre e passaram as próximas horas observando sua arte e seus jardins. Uma vez saciados culturalmente, Keira percebeu que seu estômago estava estrondando de fome.

– Nós precisamos comer! – ela exclamou.

Eles decidiram por um bistrô chamado *La Bohemian*, ansiosos para continuar em sua missão de consumir a tradicional culinária francesa. Era mais um café em estilo vintage, porém não tão esfarrapado quanto aquele em que tinham tomado café da manhã. No entanto, a decoração e os móveis eram incrivelmente ecléticos. Ao invés de arte nas paredes, havia artigos de jornal emoldurados e propagandas antigas.

– Você está gostando de Montmartre? – Cristiano perguntou a Keira quando se ajeitaram em uma das mesas.

– Estou amando – ela respondeu. – Essa parte de Paris é tão linda. Tem tanta história e cultura. Faz eu me sentir em um cenário de filme.

Eles examinaram o cardápio.

– Ainda não comemos crepes – Cristiano disse. – Eles têm uns apetitosos.

– Esse de queijo de cabra, espinafre e prosciutto parece incrível – Keira concordou. – Mas acho que preciso de algo mais substancial. Uh, tipo truta salteada.

– Já que você vai com tudo, eu também vou – Cristiano disse, dobrando seu cardápio.

O garçom chegou e tomou o pedido. Para a surpresa de Keira, Cristiano pediu uma costela de carneiro assada e uma garrafa de vinho.

– Achei que era o almoço! – ela exclamou.

Ele apenas deu de ombros. Keira pediu sua truta e o garçom foi embora.

– Sinceramente, não entendo como você está tão em forma – ela deu risadinhas. – Estou começando a ficar mole aqui – ela esfregou seu estômago.

– Eu faço exercício – Cristiano respondeu.

Keira lembrou-se da conversa que ele tivera com Bryn ao redor da mesa de jantar de sua mãe. Aparentemente, ele gostava de escalar e nadar, apesar de ela não ter visto evidência de nenhum dos dois.

– Eu acho que você está mentindo – ela provocou. – Eu nunca te vi malhar.

– Bem, isso é porque você me levou embora para outro país – ele disse. – Estou de férias.

– Bem, eu não – ela respondeu, lembrando-se pela primeira vez que ela estava aqui, na verdade, para trabalhar. Ela estava se deixando levar por Paris. – Vou precisar escrever um pouco esta tarde.

– Claro – ele disse.

O vinho deles chegou e Cristiano serviu ambas as taças. Keira amava o jeito como ele sempre sabia qual vinho acompanhava quais pratos. Fazia tudo um pouco mais delicioso. Aquilo, e o rosto lindo dele!

– É uma pena estar chovendo tanto – Cristiano adicionou, tomando um gole de seu vinho. – Eu adoraria ver Paris no verão.

– Mas é tão romântico – Keira irrompeu. – Os guarda-chuvas. O frio. O jeito como os paralelepípedos refletem as luzes das lâmpadas.

Cristiano riu. – E é por isso que você é escritora por profissão!

Keira perguntou-se, então, como realmente era para Cristiano ter sido arrancado de seu país, levado através de meio mundo para Nova Iorque, por quase tempo nenhum, antes de ser levado de volta à Europa. Sua rotina tinha sido completamente quebrada. Ele nem mesmo sabia quando iria para casa. Se iria para casa. Ela se perguntou se ele achava isso perturbador, não saber o que estava pela frente em seu futuro.

Então, ela se lembrou da expressão preocupada de sua mãe durante o jantar, quando Cristiano tinha sido tão desprendido quanto à sua carreira. Será que sua atitude relaxada perante a vida era porque ele não sabia o que queria fazer com ela? Ser um espírito livre era um de seus maiores atrativos, mas Keira sabia que esse tipo de estilo de vida não podia durar para sempre. Especialmente se eles fossem ficar juntos. Caso fossem ter algum tipo de futuro juntos, Cristiano precisaria tomar uma decisão.

– Você já pensou sobre qual trabalho você pode querer um dia? – Keira perguntou.

Cristiano baixou sua taça e ofereceu a ela um olhar confuso. – Por que pergunta?

– Só estava me perguntando.

– Isso é uma coisa séria demais para se perguntar durante o almoço – ele contestou.

– Acho que sim. Mas isso não te incomoda, não saber o que quer fazer ou ser? Você não tem sonhos?

Se a pergunta dela tinha sido insensível, Cristiano não demonstrou em seu rosto. Ele deu de ombros do jeito ambivalente dele.

– Na verdade, não. Eu gosto de viver a vida como ela vier.

– E tudo bem com isso – Keira respondeu. – Mas você também pode direcioná-la.

– Eu direciono – ele riu. – Fui para Nova Iorque com você. Depois vim para Paris com você.

– Você seguiu meu caminho – ela contestou.

– Você pode ver assim, se quiser – ele respondeu, com um pequeno sorriso maroto.

Keira sentiu-se um pouco frustrada pela falta de direcionamento dele. – O que acontece se minha próxima correspondência for, sei lá, na Tailândia?

– Então, irei aproveitar um ótimo *Tom Yum Goong* e meditar todos os dias.

Ela riu, contra a própria vontade, e em seguida redirecionou a conversa para o assunto sério. – Você sabe o que eu quero dizer – ela respondeu.

Cristiano finalmente deixou sua fachada brincalhona desaparecer. Ele pegou as mãos dela. – Honestamente, não. Eu não vejo o que há de errado em como estou vivendo minha vida e como estou abordando meu futuro.

– Mas como você se dispõe a planejá-lo se não sabe o que quer dele?

– Deixe-me te contar uma história – Cristiano disse. As mãos quentes dele ainda formavam uma concha sobre as dela. Ele a encarou por cima da mesa, seu foco unicamente nela, de uma forma que a fez sentir como se eles fossem o único casal do mundo. – Quando minha irmã, Pippa, era mais nova, estava treinando para ser ginasta. Todo dia, ela passava ao menos quatro horas no ginásio depois da escola. Ela tinha talento para isso, e também ambição, e queria chegar às Olimpíadas um dia. Nós até nos mudamos para que ela pudesse ter o melhor técnico do país. Então, ela foi selecionada para competir no torneio júnior italiano. Era uma coisa importante. Pouco antes, ela ficou muito, muito doente.

– Ah – Keira disse. – Eu não sabia.

– Não, você não poderia. Eu não falo disso com frequência. Ela teve meningite e passou um longo tempo no hospital. Todos temiam o pior, que

ainda que ela sobrevivesse poderia ter dano cerebral ou ficar incapacitada pelo resto da vida. Qualquer que fosse o resultado, ela nunca mais seria capaz de competir como ginasta outra vez – Ele esticou suas mãos. – Mas não era a hora dela de morrer e ela sobreviveu, saudável. Sem qualquer efeito duradouro.

– Ela conseguiu competir?

– Esse é o ponto – ele respondeu. – Ela vinha treinando tão duro por um objetivo futuro que tinha se esquecido de aproveitar a vida. Tudo que ela vinha se importando era competir. Ela só pensava sobre o momento em que, cinco ou seis anos no futuro, seria uma atleta olímpica. Porém, depois da doença, ela ainda praticava a ginástica, só que pela diversão ao invés da competição. Ela percebeu que não era só porque ela estava buscando uma meta que tinha o poder de chegar lá ou não. Cabia ao Universo. Então, ao invés de focar sua vida inteira em uma única coisa, ela decidiu aproveitar cada dia, cada momento. E essa época me marcou. Moldou quem sou hoje.

Keira ficou tocada com a história. Ela certamente podia ver como Cristiano tinha se tornado quem era depois de quase perder a irmã. Ela se perguntou, então, por que ela mesma tinha se tornado quem era.

– Acho que talvez a razão para que eu seja tão focada na carreira é por causa do meu pai – ela disse.

– Você nunca fala dele – Cristiano respondeu. – Eu não quis me intrometer.

– Ele não está morto – Keira disse. – Bem, ele pode estar agora, eu não saberia. Ele não faz parte das nossas vidas. Ele foi embora quando eu ainda era um bebê.

– Sinto muito. Isso deve ter sido difícil.

– Na verdade, não foi, porque eu não conheci outra coisa. Mas vi minha mãe se esforçar todos os dias. Duas crianças, ninguém para ajudar. Foi muito duro para ela. Ela trabalhou muito para nos manter. Eu peguei isso dela, sabe? A garra de continuar trabalhando, de me empenhar pelo melhor.

– É uma qualidade admirável.

Quanto mais ela falava, mais ela sentia seu entendimento de si mesma se aprofundar. Por mais doloroso que fosse recontar as dificuldades de sua infância, também era terapêutico. Particularmente porque Cristiano era um ouvinte tão bom e tão compreensivo. Discutir suas diferenças trazia a ela uma sensação de paz pela qual ela não tinha percebido que ansiava. Mais que nunca, sentia estar exatamente onde deveria estar, e com a pessoa certa

com a qual ela deveria estar. Nunca antes ela tivera conversas tão profundas e introspectivas com um homem.

– Você é bom nisso – ela disse.

– No que? – ele indagou.

– Ouvir. Não é algo ao qual estou acostumada em um relacionamento.

No momento em que ela o disse, ela se lembrou de sua resolução de não trazer à tona seus antigos romances com tanta irreverência.

Cristiano ergueu uma sobrancelha. O ciúme que ela tinha visto nele antes estava ali, mas à espreita, sob a superfície ao invés de estar na cara. – Eu presto atenção em você porque te respeito. Você merece ser respeitada.

Ela lembrou-se da mensagem mais recente de Zach, onde ele tinha a chamado de megera. Ela merecia, sim, ser respeitava, mas deixava pessoas como ele pisarem nela. Ela decidiu abordar o assunto com Cristiano, mas se sentiu cautelosa ao fazê-lo.

– Meu ex me chamou de megera outro dia – ela explicou. – É por isso que eu fiquei brava e atirei meu telefone na bolsa.

Cristiano pressionou seus lábios. – E você não disse nada? Permitiu que ele te tratasse assim?

– Sim. Permiti. Só deixei para lá.

– Só que não deixou – ele contestou. – Porque eu ainda consigo ver a mágoa que você carrega. Você não "deixou para lá", como você diz, apenas escolheu não o confrontar. Da próxima vez que um ex... – ele enrugou o nariz ao dizer a palavra, Keira notou, como em desgosto – Tratar você desse jeito, você pode repassar para mim. Deixe que eu lido com isso.

Ela riu. – Não, querido. Não preciso de nenhum tipo de cavalheirismo em demonstração de masculinidade.

Mas enquanto dava risadinhas, ela viu que Cristiano estava absolutamente sério. Mais uma vez, ficou claro para ela que desde que vieram à Paris algo tinha alterado a percepção dele sobre o relacionamento, um aprofundamento que o tornou mais protetor quanto a ela. Era alarmante, e ao mesmo tempo emocionante. Nunca antes ela tinha despertado tanta paixão em um homem.

À medida que esse novo entendimento ficou claro, ela percebeu que algo estava se aprofundando nela também. S eus sentimentos por ele estava ficando mais intensos, ainda mais poderosos. Isso a aterrorizava. Mas, mais que isso, a inspirava. Com Cristiano ao seu lado, qualquer coisa parecia possível.

CAPÍTULO DOZE

Cedo na manhã seguinte, Keira deixou Cristiano dormindo e sentou-se à mesa. Ela estava achando sua escrita muito mais fácil nesta tarefa. Seu amor e de Cristiano parecia sólido, inabalável, e tecer sua história no romance de Paris vinha naturalmente. Na verdade, revisar suas anotações a deixava atônita. Aquelas palavras eloquentes tinham mesmo saído de sua mente?

Ela se perdeu em seu trabalho, digitando em seu laptop como em um transe.

Paris tem uma reputação que a precede. Eu a vi no cinema, li sobre ela nas páginas de obras-primas literárias. A Cidade do Amor. A Cidade das Luzes. Estou totalmente preparada para que a realidade não corresponda à fama. Mas Paris não apenas faz jus à sua reputação, ela a ultrapassa. Nenhuma outra cidade tem a capacidade de tornar chuva torrencial algo romântico, mas Paris sim.

No nosso primeiro dia, a chuva cai em cascatas frias como gelo. Mas isso não consegue eclipsar a mentalidade romântica que o nosso passeio iluminado de balsa ao longo do Sena, ou que os dançarinos chamativos do Moulin Rouge evocaram em nós. Na realidade, o que poderia ser mais romântico do que nos unirmos debaixo de um guarda-chuva enquanto estamos no topo das encostas de Montmartre, com a Sacre Coeur às nossas costas, e as ruas ensopadas de Paris abaixo? Espiar através da camada de chuva cinzenta dá à cidade uma qualidade adicional de sonho, algo que nós dois estamos mais do que dispostos a permitir que nos carregue.

Keira pausou, olhando pela janela para as ruas de Paris e o Sena. De repente, Cristiano surgiu atrás dela, embrulhando-a com os braços, envolvendo-a de calor. Ele beijou sua cabeça.

– Bom dia, meu amor – ele disse.

Ela virou-se em sua cadeira e ergueu o olhar para ele. – Bom dia.

– Está trabalhando? – ele perguntou.

– Eu não preciso estar – ela respondeu. – Quer sair para o café da manhã?

– Quero – ele confirmou. – O que está no nosso itinerário do dia?

– Estava pensando em ir às catacumbas – Keira o contou. – Um pouco assustador, eu sei, mas quero tentar fazer coisas não românticas.

Cristiano riu. – Uma escritora de viagens românticas que quer fazer coisas não românticas?

– Não quero que seja tão óbvio. Qualquer um pode se apaixonar por essa cidade. É fácil. Quero um desafio – ela sorriu.

– E você quer provar nosso amor? – Cristiano indagou.

Ela fez uma pausa, contemplando a indagação. – Acho que sim.

Cristiano não parecia ofendido de forma alguma. Ele deu de ombros. – Se meu amor quer passar o dia em um túnel subterrâneo, cercada de cadáveres, quem sou eu para impedir?

Ela riu. – Quando você coloca dessa forma...

Cristiano embrulhou-a mais forte em seus braços. – Eu só tenho um pedido.

– E o que é?

– Podemos contrariar seu passeio assustador com algo calmo e tranquilo?

– É justo – Keira respondeu. – Ainda não vimos muito do *Marais*, apesar de estarmos aqui. Além disso, eu também gostaria de ver o *Promenade Plantée*.

– Igual aquele onde caminhamos em Nova Iorque?

– Exatamente. Mas vai ser francês, então muito mais romântico.

Cristiano riu. – Tudo bem, vamos passar a manhã no bairro, então. Podemos ir à galeria *Beaubourg* entre o café da manhã e o almoço, depois passar a tarde nas suas catacumbas.

Eles se lavaram e se vestiram para o dia, depois foram a um bistrô nas proximidades. Era mobiliado com poltronas confortáveis de couro e exalava uma atmosfera calma. Keira rapidamente tomou notas enquanto dava goles em seu café e mordiscava seu pão de passas.

Quando terminaram, eles caminharam para o *arrondissement* vizinho, Beaubourg, e entraram no complexo de arte metropolitana, o Centre Pompidou. Banquetearam seus olhos em vários andares de arte contendo alguns dos maiores artistas do mundo, de Picasso a Kandinsky. Keira maravilhou-se com o talento artístico ao seu redor, justaposto ao interior moderno da galeria, que era toda de canos expostos e salas com eco.

Logo em seguida, Keira notou uma placa declarando haver um terraço na cobertura.

– Não consigo enjoar da vista – ela disse a Cristiano. – Vamos?

Cristiano balançou o confiável guarda-chuva. – Claro.

Eles foram ao telhado e toda Paris se espalhou diante dos olhos de Keira. Sua vista antes tinha sido das colinas de Montmartre, mas essa paisagem incluía Montmartre também, com a cúpula brilhante da Sacre Coeur. A vista daqui era tão boa que podiam ver até mesmo os modernos arranha-céus de vidro à distância.

– Lá está a Notre Dame – Cristiano disse, apontando para as torres góticas ornamentadas.

– Temos que ir amanhã – Keira disse, percebendo que ainda não tinham visitado as partes mais turísticas da cidade. – E ao Louvre.

– Seremos turistas amanhã – Cristiano confirmou.

Saíram da galeria e percorreram a distância de trinta minutos até onde o Promenade Plantée começava.

– Uau, isso é simplesmente glorioso – Cristiano disse ao atingirem o degrau mais alto, todo o parque se abrindo diante deles.

Eles demoraram-se andando pela longa via da ponte, maravilhados com as árvores e plantas ao redor, as ruas abaixo deles, ao longe.

– É como estar em um livro de fantasia – Keira disse. – Você não acha?

– É claro – Cristiano respondeu. – Ou um filme.

– Eu posso ser Audrey Hepburn – Keira disse, dando risinhos.

– "Paris é sempre uma boa ideia" – Cristiano respondeu, citando a famosa frase dela.

Eles passearam de mãos dadas e Keira deixou sua mente vagar, dando espaço para conjurar a narrativa sobre a qual escreveria mais tarde naquela noite. Preocupou-se com a leve possibilidade de estar apenas se juntando à miríade de escritores que já haviam jorrado entusiasmo por Paris. Havia o suficiente para séculos. O que ela tinha a acrescentar a esse vasto corpo de trabalho?

O Promenade terminou no oitavo *arrondissement* e eles desceram de volta ao nível da rua.

– Devíamos ver o Arc de Triomphe enquanto estamos aqui – Cristiano disse.

Keira sorriu. Era isso que Paris fazia. Permitia que você formulasse um plano para o dia, mas depois te aliciava com seus encantos, com todas as suas construções, galerias de arte, parques e palácios incríveis. Havia muito a ver, a fazer. Era preciso uma vida inteira aqui para ver tudo.

Eles pegaram a Avenida Champs-Elysées, caminhando por todo o comprimento até chegar ao famoso marco. Para a surpresa de Keira, era

cercado por ruas, doze no total, todas convergindo naquele ponto. Mas as ruas não tinham marcação para mostrar aos carros por onde deveriam dirigir, e eles teciam para dentro e para fora, buzinando e dirigindo rápido demais. Era outra cena inesperada. Keira tinha esperado algo tranquilo. Mas, é claro, Paris era a cidade mais visitada do mundo.

– Acho que os carros arruínam Paris um pouquinho – Keira disse, franzindo a testa. – Quero dizer, de jeito nenhum vamos conseguir atravessar esse trânsito.

– Deixa para lá – Cristiano respondeu. – Estou faminto.

Mais uma vez, a manhã deles fora tão repleta de atividades que já era fim de tarde e ainda não tinham se sentado para almoçar. Pegaram uma das doze ruas saindo do Arc de Triomphe e encontraram um bistrô que era adequadamente pequeno e íntimo. Era decorado com pôsteres de música e filmes, e músicas antigas dos anos 40 tocavam ao fundo, acrescendo à atmosfera.

Keira pediu bacalhau com purê de batatas, cozido à perfeição, e Cristiano optou por um steak tartare. E, claro, também pediram uma garrafa de vinho para complementar a comida.

Era final da tarde quando eles terminaram de comer e se dirigiram para a estação de metrô mais próxima. As catacumbas ficavam no lado sul do rio. Foi a primeira vez que eles estiveram na outra margem do Sena.

A viagem de metrô demorou apenas pouco mais de vinte minutos, mas eles chegaram bem perto de seu destino: as catacumbas de Paris.

O coração de Keira saltou conforme desceram pelas catacumbas escuras. O ar estava úmido e a temperatura congelante.

Quando Keira espiou através da escuridão lá dentro, instantaneamente questionou sua decisão de vir. Era sem sombra de dúvida o lugar mais assustador em que já estivera em sua vida. Estava esperando criptas e túmulos dispostos em uma espécie de caverna, mas as paredes das catacumbas em si eram feitas de ossos, e o lugar era cheio de arte macabra feita de caveiras.

Seu primeiro instinto foi sentir-se constrangida pela sua reação. O que havia realmente esperado? Odiava coisas assustadoras! Fora tola por querer se provar para seus leitores.

Tremendo, ela agarrou Cristiano.

– Isso é apavorante – ela admitiu.

– Eu sei – ele sussurrou de volta.

Algo naquele lugar fez com que os dois sentissem vontade de baixar a voz. Ele a trouxe para perto enquanto juntos davam pequenos e vacilantes passos para dentro.

Diante deles havia um pilar estendendo-se do chão ao teto, feito inteiramente de caveiras, e atrás dele um crucifixo construído de ossos; mais adiante no corredor, encontraram uma série de crânios em formato de coração.

– Eu não gosto disso – Keira disse a Cristiano. – Está me assustando.

– Quer ir embora? – ele perguntou, carinhosamente.

Porém, estar ao lado dele fez com que ela se sentisse corajosa o suficiente para continuar.

Eles chegaram a uma parede de pedras e Keira gritou de terror ao ver inúmeros rostos gritando gravados na superfície. Nesse instante, Cristiano começou a rir. Ela virou-se para encará-lo, pensando que ele ria de seu medo, mas ele estava olhando para algo ao longe.

Keira olhou adiante e viu do que ele estava rindo. Era a escultura de uma privada.

Seguiram em frente e encontraram um poço subterrâneo com água turquesa e outra escultura, dessa vez uma replica em miniatura de um palácio entalhado nas paredes.

A seguir, Keira deu-se conta de que o chão estava se inclinando. Estavam saindo. Já não era sem tempo! Ela estava começando a ficar incrivelmente claustrofóbica nos túneis mórbidos.

Ao chegar à superfície, Keira virou-se para Cristiano, sentindo um frio congelante, mas triunfante.

– Bem, de jeito nenhum você vai conseguir transformar isso em algo romântico – Cristiano disse, balançando a cabeça. – Foi mórbido.

Mas Keira sorriu para si mesma. Ela sabia exatamente o que escreveria sobre o passeio deles pelas catacumbas; aquele momento em que Cristiano tinha lhe puxado para perto, o modo como tinham caminhado em conjunto, unidos por seus medos, apoiando um ao outro. Na verdade, não havia em sua mente nada mais romântico do que isso.

*

Felizmente, a viagem de Keira às entranhas de Paris não tinha a dissuadido do jantar. Eles encontraram um maravilhoso e romântico

restaurante nas proximidades.

– Quero algo louco para o jantar – Keira disse por cima do cardápio. – Estou me sentindo aventureira.

Cristiano sorriu para ela, seus olhos brilhando à luz das velas. – Posso dizer. Você está com esse olhar desde que saímos dos túneis.

– Acho que é orgulho – Keira disse, rindo da sensação levemente estranha. – Por ter atravessado as catacumbas até o fim.

– Foi um feito notável – ele respondeu.

– Estou orgulhosa de nós – Keira disse a Cristiano.

O orgulho dela não era apenas porque terem conseguido, mas porque tinham conseguido juntos. E, além disso, porque tinham estado na companhia um do outro dia após dia e só tinham se aproximado mais. Ainda não tinham tido nem a primeira insinuação de uma briga.

Keira pensou em Zach, em seu relacionamento carregado. Ela nunca tinha sentido como se ele estivesse do lado dela. Tudo o que ela fazia era medido contra o impacto negativo que teria em Zach. Ele tinha estado à espreita por trás de todas as suas decisões.

Então, houve Shane. Apesar de ela ter se apaixonado perdidamente por ele, a relação deles tinha sido fundada em provocações e disputas. Na realidade, era assim que tinham conduzido cada uma de suas conversas!

As coisas eram diferentes com Cristiano. Ela nem tinha percebido o quanto precisava do que ele oferecia até estar recebendo. Eles se encaixavam melhor do que ela jamais imaginara. Nada podia afetar o amor que haviam encontrado.

– Terrine de coelho – Keira disse em voz alta.

Cristiano franziu o cenho. – O quê?

– Vou querer terrine de coelho de entrada – ela disse. – E... Acho que mexilhões para o principal.

Cristiano sorriu largamente. – Então você não me deixa outra opção senão a língua de vitela.

Os olhos de Keira se arregalaram. – Não. Você não faria isso.

– Por que não? – ele disse com um sorriso malicioso. – Língua de vitela para começar e... Ensopado de faisão para o principal.

Keira dissolveu-se em risadas. Apesar de a comida francesa ser incrível, era preciso coragem para pedir a metade dos pratos, colocar o garfo nos lábios sabendo estar colocando coelho ou vitela na boca.

– Ainda não comemos caramujos – Keira disse. – Ou pernas de rã.

– Amanhã – Cristiano disse com uma piscadela.

Keira sorriu para ele, sentindo-se mais apaixonada do que nunca. Com Cristiano, sentia-se destemida.

CAPÍTULO TREZE

Nossos dias se tornam um borrão de cultura e cores, luzes e música. Na segunda-feira de manhã, vemos a icônica Notre Dame, seu exterior fascinante adornado com esculturas de reis da França, seu interior iluminado pelo arco-íris de luz irradiando através das janelas de vidro colorido. Naquela tarde, vamos ao Louvre e passamos o resto do dia absorvendo as famosas obras de arte e tetos primorosos. Ao fim do dia, ainda estamos apaixonados? Sim. Muito.

Na terça-feira, a chuva cessa, então vamos ao cemitério Pére Lachaise. O cemitério é tão grande que tem suas próprias placas, nos guiando por uma miríade de caminhos. É também o local mais quieto de Paris. De alguma forma, os sons das ruas e do mercado agitado fora dos portões são mascarados pelo canto dos pássaros, absorvidos pelos mausoléus e arcos góticos.

Mantendo a temática, passamos à tarde no Le Pantheon, cujas criptas subterrâneas contêm túmulos de revolucionários franceses.

Keira parou de digitar e se virou, vendo que Cristiano estava se mexendo na cama.

– Bom dia, abelha trabalhadora – ele disse.

Keira sorriu. Cristiano agora tinha se acostumado a acordar ao som dela digitando. Eles estavam em Paris há dez dias e tinham caído em uma rotina; trabalho de manhã, arte e cultura pelo resto do dia, comendo quando tivessem a chance no intermédio. Era a felicidade completa.

Porém, Keira tinha uma preocupação – a de que não estivesse dando à revista *Viatorum,* e por consequência aos seus leitores, o que eles queriam. Não houvera nenhum drama. Nenhum conflito. Sua história de amor era perfeita demais.

– Aonde você quer ir hoje? – Keira perguntou a Cristiano, levando o joelho até seu queixo e olhando para ele com adoração.

– Sabe, nós não passamos um dia na cama ainda – ele respondeu.

Os olhos de Keira se arregalaram. – Não posso desperdiçar um dia na cama quando Paris inteira está nos esperando para explorá-la!

– Por que você não vem aqui e eu te mostro o desperdício que vai ser? – Cristiano disse, dando tapinhas no espaço ao seu lado.

Sentindo um arrepio de excitação correndo por ela, Keira levantou-se de seu lugar e se juntou a Cristiano. Mas foi interrompida antes de chegar à cama por um som desconhecido. Seu celular. Ela nem se lembrava da última vez que tinha recebido uma ligação.

Ela encontrou seu telefone na gaveta da mesa de cabeceira e o retirou.

– Adivinhe só – Cristiano disse, caindo com peso no travesseiro, exalando. – Trabalho.

Mas Keira viu que o número em seu telefone não era do trabalho, ou mesmo de casa. Apesar do número não estar identificado, ela conhecia bem o código de área. Estava vindo da Irlanda.

– Preciso atender – Keira disse, levantando o olhar para Cristiano, sentindo-se incomodada.

Ela apressou-se para o corredor e atendeu a ligação.

– Shane?

Mas não foi a voz de Shane que ouviu do outro lado. Era feminina. Jovem.

– Não, é a Hannah.

A irmã mais nova de Shane. A garota de dezesseis anos doce e de ar angélico. Mas o que será que ela estava fazendo ligando para Keira? Ela soava chateada.

– O que há de errado? Aconteceu alguma coisa com Shane?

Keira ouviu-a fungando do outro lado. Hannah estava chorando.

– Shane, não – ela disse, finalmente. – Papai.

Keira lembrou-se do infarto de Calum há um mês. Havia catalisado seu término com Shane.

– O que aconteceu com Calum? – ela perguntou, sentindo o terror tomar conta.

– Ele… - Hannah começou, sua voz quebrando. – Ele faleceu.

Keira ofegou e usou a parede para se firmar. – Hannah, eu sinto muito. Obrigada por me contar. Você sabe o quanto eu amava seu pai. Todos vocês.

– Achei que você deveria saber. Sinto sua falta, Keira.

– Também sinto a sua, querida.

O coração de Keira afundou ainda mais. A família de Shane tinha se tornado importante para ela no breve período que passara com eles na Irlanda, Hannah em particular. Elas tinham uma conexão verdadeira, uma amizade fácil. Hannah foi a primeira pessoa na vida de Keira que parecia se inspirar nela como uma mentora, e ela sentiu uma espécie de chamado para

acolher a garota sob suas asas. Mas as circunstâncias tinham impedido que elas estivessem na vida uma da outra. Agora, perguntava-se se Hannah realmente ligou apenas para dar a notícia, ou se havia algo a mais, se ela precisava de Keira para desabafar. Fora da família Lawder, ela não tinha certeza se a jovem tinha muitas pessoas a quem recorrer.

– Você quer conversar? – Keira perguntou suavemente.

– Não quero tomar seu tempo.

– Hannah – Keira disse em tom de aviso. – Eu tenho todo o tempo do mundo para você. Sempre. Só porque as coisas não deram certo entre Shane e eu, por favor, não pense que isso significa que você tem que se afastar.

Ela escutou a inalação de Hannah. Em seguida, veio a voz tensa da garota.

– Eu só não sei com quem mais conversar.

Ela começou a chorar, e o som partiu o coração de Keira.

– Fale comigo – Keira disse com suavidade. Ela se agachou contra a parede e se sentou no chão frio de mármore do lado de fora de seu quarto de hotel.

– Você ficou sabendo do infarto mês passado, não ficou? – Hannah perguntou. – Bem, papai estava melhorando depois daquilo. Não podia trabalhar na fazenda como antes, mas achei que era normal demorar um pouco para recuperar a saúde completa. Pensei que tudo ia ficar bem. Mas o coração dele cedeu de novo, e dessa vez... Dessa vez, não conseguiram trazê-lo de volta – ela chorou, com lamento, o som de uma criança chamando por seu pai.

– Eu sinto muito mesmo, querida – Keira disse. – Você deve sentir muita falta dele.

Hannah só tinha dezesseis anos. Não parecia justo ela crescer sem seu pai por perto.

– Vocês estão todos juntos? – Keira perguntou. – Suas irmãs, sua mãe, Shane?

– Sim – Hannah respondeu, humilde. Soava exausta. – Mas todos estão chorando e é demais. Eu sinto que tenho que ser a mais forte.

– Você não precisa – Keira disse a ela suavemente. – Você não precisa fazer nem ser nada. O que quer que esteja sentindo, é normal. Dói, mas você tem que se permitir sentir isso.

Fez-se um longo silêncio. Finalmente, Hannah respondeu – Então não faz mal que agora eu só queira ouvir sobre o que você está fazendo? Li seu

artigo sobre a Itália.

– Você leu? – Keira perguntou, tocada.

– Ficou muito bom. Mas era verdade? Você realmente se apaixonou pelo seu guia turístico?

– Ah – Keira respondeu, seu coração caindo, sabendo quão decepcionada a garota deveria estar. – Sim.

– Você já esqueceu o Shane?

Keira sentiu seu estômago apertando. – É complicado.

– Por quê? – Hannah perguntou. – Vocês dois eram perfeitos um para o outro.

– Eu sei – Keira disse a ela. – Mas nem sempre isso é o bastante. A vida atrapalha. Trabalho. Família. Oceanos que nos dividem. Talvez em outra hora e lugar, mas não agora. Agora tenho um caminho diferente para percorrer.

– Eu queria que você fosse minha cunhada.

Keira suspirou. – Eu sei. Eu também queria.

Houve outra pausa antes de Hannah perguntar na voz doce e angelical. – Onde está agora?

– Estou em Paris.

– Está? – Hannah exclamou. – Você está tão perto! Talvez possa voltar para o funeral?

O pedido fez Keira congelar. Voos de Paris para Cork eram rápidos e baratos. Não havia razão para não ir. Poderia estar lá em um piscar de olhos para apoiar Hannah e o resto dos Lawders. Exceto por haver uma grande, gritante razão pela qual não podia. Shane. Não podia vê-lo novamente, não agora que estava embarcando neste caso de amor com Cristiano. Se visse Shane de novo, todos aqueles antigos sentimentos voltariam. Sabia que ainda não tinha o esquecido completamente, que apenas tinha se forçado a parar de pensar nele, e que expulsá-lo de sua mente tinha permitido que se apaixonasse por Cristiano. Mas havia um pedaço de seu coração que ainda pertencia a Shane.

Nesse momento, ela ouviu uma voz ao fundo vindo da linha de Hannah. Mesmo estando abafada, ela sabia que era Shane. Uma arrancada de dor a atingiu.

Hannah falou novamente. – Hum, Shane quer falar com você.

Antes que Keira pudesse protestar, ou dizer qualquer outra coisa, Hannah desapareceu da linha. Um momento depois, ouviu o ruído de alguém

pegando o telefone.

– Keira… – ele disse.

Ouvir a voz dele trouxe uma corrente de emoções para frente da mente de Keira. Não só mental, mas fisicamente. Sentiu-as no peito, na garganta, nas mãos que começaram a tremer de repente. Só ouvir a voz de Shane trouxe de volta sentimentos que ela esquecera já ter sentido.

– Ei – ela chiou.

– Hannah te contou o que aconteceu?

– Sim. Sinto muito. Como você está?

– Já estive melhor – ele respondeu.

Keira encostou-se à parede e fechou os olhos. Podia imaginar Shane agora, sentando na cozinha da casa feliz e calorosa da família, agora escura e fria. Uma lágrima rolou em sua bochecha.

– Obrigada por falar com a Hannah – Shane continuou. – Está sendo muito difícil para ela. Como você pode imaginar.

– Coitadinha – Keira conseguiu dizer. Ela enxugou as lágrimas. – Shane... – ela começou.

Mas, ao mesmo tempo, Shane falou também. – É melhor eu ir.

– Ah, está bem – Keira disse, cortando a frase que estava prestes a dizer. E foi para o melhor. Dizer a Shane que sentia saudades dele seria imprudente a esta altura.

– Adeus, Keira.

A linha ficou muda. Keira sentou lá, piscando, sentindo as lágrimas escorrendo por suas bochechas. Em seguida, notou algo com o canto dos olhos. Olhou rapidamente para a direita e viu que, de pé na soleira da porta, de rosto pálido e contorcido, estava Cristiano.

CAPÍTULO QUATORZE

Keira notou na expressão dele que ele ouvira a parte final da conversa. Levantou-se rapidamente.

– Cristiano.

Ele virou-se e entrou no quarto. Ela o seguiu.

– Deixe-me explicar.

Então, Cristiano virou-se na hora.

– Explicar o quê? – ele rugiu. – Você ainda está falando com ele? Com seu ex?

– Foi a irmã dele quem me ligou – Keira respondeu, balançando a cabeça. – Eu mal troquei duas palavras com Shane.

– Por que está falando com qualquer um deles? – Cristiano gritou.

Ele parecia furioso. Keira nunca tinha visto esse lado dele.

– Eu sei que você está magoado – Keira disse a ele, tentando acalmá-lo com seu tom. – Mas sinceramente não é nada disso. Eu não estou falando com Shane ou nenhuma de suas irmãs. O pai dele faleceu. Eles só ligaram para me dar a notícia.

Cristiano se afastou, passando as mãos pelos cabelos. – Droga! – ele gritou para as paredes.

Keira levou a mão à boca, chocada com a explosão passional de Cristiano. Eles nunca tinham brigado antes. Nunca tinham sequer implicado. Partia seu coração que o histórico perfeito deles estava arruinado. Eles nunca mais poderiam voltar a ser o casal que nunca havia brigado.

– Fale comigo – Keira suplicou. Ela odiava a distância entre eles. O silêncio. Odiava saber que Cristiano estava com raiva e a culpa era dela.

Cristiano estava diante da janela, olhando para as ruas cinzentas. Ele exalou alto, em seguida finalmente voltando o olhar para ela. – Eu preciso de um pouco de espaço para esfriar.

– Não vá – Keira disse. A ideia dele não estar aqui quando ela se sentia tão mal era devastadora.

– Eu só preciso dar uma volta para colocar a cabeça no lugar – ele respondeu, agarrando sua jaqueta e o guarda-chuva.

– Quanto tempo vai demorar?

– Não sei – Cristiano respondeu. Ele mal podia olhar para ela ao passar em direção à porta.

Keira observou suas costas. Ele abriu a porta e saiu de uma vez, não olhando para trás nem mesmo para se despedir. A porta bateu atrás dele, e Keira começou a soluçar seriamente. Ela se arrastou para a cama onde eles haviam planejado fazer amor o dia todo e chorou, sozinha.

CAPÍTULO QUINZE

Uma hora se passou sem sinal de Cristiano. Keira perambulou sozinha pelo quarto de hotel e passou rapidamente pelos canais em francês, ociosa; depois tentou escrever algo para o seu artigo e, ao falhar, preparou um café usando a pequena chaleira no canto do quarto. Ela sentou-se na varanda e bebeu. O clima estava frio, mas a caneca aquecia suas mãos.

Ela tentou se colocar na mentalidade de todos os últimos grandes escritores e poetas que tinham feito justamente isso. Sentado com melancolia observando as ruas de Paris, ansiando por seus amores perdidos.

Precisando de alguém para conversar, mandou mensagem para Bryn.

Tive uma briga grande com C. :(

Um momento depois, seu telefone começou a piscar e vibrar. Bryn estava ligando.

– O que aconteceu? – sua irmã perguntou ao atender. Ela soava talvez um pouco empolgada demais pela fofoca.

– Foi horrível – Keira disse – Ele me ouviu falando com Shane.

– Por que você estava falando com Shane? – Bryn exclamou, soando como se ela tivesse acabado de ouvir a coisa mais escandalosa de sua vida.

– O pai dele morreu – Keira disse com um suspiro cansado. Ela mal tinha tido tempo para processar o fato de que Calum tinha falecido. Tudo foi um borrão. – Hannah me ligou. Ela estava perturbada e precisava de alguém para conversar.

Fez-se uma pausa. – Então, qual o problema do Cris? – ela perguntou.

Keira afastou o cabelo de sua testa. – Eu não tive a chance de explicar direito. Shane tinha acabado de vir ao telefone e eu devo ter dito o nome dele em voz alta, e então Cristiano saiu e me viu chorando. Acho que ele somou dois mais dois.

– Isso realmente parece ruim – Bryn respondeu, com sua habitual falta de tato. – Onde ele está agora?

– Saiu. Há mais ou menos uma hora – Keira sentiu todo o seu corpo se esvaziar. – Estou provavelmente exagerando, mas eu nunca tinha o visto bravo antes, sabe? Foi nossa primeira briga e não posso evitar me sentir como se o encanto tivesse se quebrado um pouco. Faz sentido?

– Ah, mana – Bryn disse. – Você ia ter que aceitar que Cristiano é um ser humano de verdade mais cedo ou mais tarde. E que esse caso de amor que

você está tendo não vai ser perfeito para sempre, só porque o rosto dele é – Então, ela acrescentou após refletir. – E o corpo também.

Keira franziu a testa. – Você acha que ele é só um caso?

Bryn hesitou. – Amada. É um caso. Você sabe disso, certo?

Keira instantaneamente estava fumegando. Como Bryn ousava julgá-la. E bem agora, justo quando ela precisava do seu apoio!

– Bryn, é pra valer – Keira gaguejou. – Não é só um caso. Nós nos amamos.

– Ai, querida... – Bryn disse, soando como uma mãe condescendente. – O que você tinha com Zach era um relacionamento. Vocês moravam na mesma cidade. Vocês saíam para bares, tinham amigos em comum, assistiam porcarias na TV juntos durante a semana, lavavam as meias sujas um do outro. O que você tem com Cris é um caso. Você pode ver isso, certo? Não é real.

– Ele foi para Nova Iorque para estar comigo! – Keira atirou de volta.

– E depois vocês foram embora! – Bryn refutou. – Fizeram as malas e foram para o próximo quarto de hotel. Quero dizer, tem todas as características de um caso.

Keira tinha ouvido o bastante. – O que você sabe sobre isso, Bryn? O único relacionamento que já teve e que durou mais do que uma garrafa de vinho é com um homem velho suficiente para ser seu pai! Quer dizer, você é a definição de problemas com o pai, então não me diga que eu não sei amar.

Ela finalizou a ligação antes que Bryn tivesse a chance de dizer mais nada. Ela estava furiosa. Sua irmã estava lhe dando nos nervos mais do que nunca recentemente, também graças ao fato de estarem dividindo um apartamento. Por que ela ia querer ter com Cristiano o que tivera com Zachary? Tinha sido tedioso. Eles nem eram apaixonados! Ela preferiria Cristiano a qualquer hora, mesmo que significasse brigas passionais.

A chuva começou a cair e Keira entrou, atirando-se dramaticamente na cama. Ela não queria esperar o dia todo por Cristiano, mas se saísse enquanto ele estivesse fora ele poderia pensar que ela tinha ido embora de vez. Ou pior, poderia arrumar as coisas dele e ir embora. Pelo menos, se ela ficasse aqui, eles teriam que se ver novamente; ele teria que voltar eventualmente, mesmo que só pelas coisas dele.

Ela foi até seu laptop e comprou um filme romântico choroso em preto e branco, ambientado na França, é claro. Enquanto o download era feito –

devagar, graças à conexão ruim de Wi-fi do hotel – ela recebeu um e-mail de Nina.

Olá, querida,

Espero que esteja tendo momentos sexys em Paris. A cidade não é maravilhosa? Agora, escute, sua escrita está maravilhosa como sempre. Minha preocupação é que não tenha conflito o bastante. Não se preocupe em misturar um pouco de ficção se precisar. Estou pensando em uma briga ardente em uma das pontes. Em uma tempestade. Deixe os leitores em suspense por um tempo, e então façam as pazes com uma demonstração apaixonada de afeto debaixo da Torre Eiffel. O que você acha?

Bisous,

Nina

Keira não pôde evitar soltar uma risada irônica. Nina estava prestes a receber toda a carga de drama com zero ficção necessária. Porém, quando Keira tentou digitar, nenhuma palavra saiu. Parecia errado colocar a briga particular em domínio público. Ela não gostaria disso se fosse Cristiano. Especialmente quando as coisas já estavam frágeis entre eles.

Ela se lembrou do que disse a Elliot durante a reunião deles, sobre como ela não queria ser um rato de laboratório, que essa era a vida dela, e não um experimento. Talvez vir para cá tinha sido uma má ideia, afinal. Talvez ela tivesse colocado o amor deles sob tensão desnecessária. Pressão indevida. Se estivesse em Nova Iorque quando Hannah ligou, ela teria tido a privacidade de seu escritório para falar com ela e com Shane. Teria sido capaz de explicar calmamente a Cristiano o que estava acontecendo. Ela deu abertura a esse tipo de drama ao vir a outro país.

O laptop dela silvou, indicando que o filme tinha baixado. Keira ficou aliviada. Ela foi até o frigobar e pegou todas as barras de chocolate resfriadas e uma pequena lata de gin tônica. Mesmo quando estava infeliz, sabia como aproveitar ao máximo. Depois, ajeitou-se sob as cobertas quentes e apertou play.

*

Keira devia ter adormecido em algum momento, porque ouviu um ruído estridente à porta repentinamente. Ela virou-se assim que ela abriu, iluminando Cristiano no vão da porta.

Ela sentou-se abruptamente, fazendo as embalagens vazias de doces farfalharem.

– Você voltou.

Ele assentiu, sem dizer nada, e chutou os sapatos. Keira observou, hesitante, enquanto ele vinha e sentava ao lado da cama com peso, olhando para a porta por onde acabara de entrar.

– Me desculpe – ele disse, finalmente, sem olhar para ela.

Keira inclinou-se, tocando as costas dele com sua mão. – Eu também.

Ele virou-se, enfim, e pegou a mão dela. – Não era minha intenção gritar daquele jeito. Eu só ouvi você dizendo o nome dele e algo em mim estourou. Se você precisa falar com eles... –tomou uma respiração profunda – É claro que eu não vou te impedir.

Ela balançou a cabeça. – Eu não preciso. Não preciso ser amiga do meu ex se isso vai te machucar. Foi apenas a circunstância, essa é a única razão para nos falarmos.

Cristiano apertou os dedos dela e assentiu. Ela podia ver a compreensão em seus olhos.

– Posso te beijar agora? – ela pediu. – Por favor?

Ele sorriu, com tristeza. – Não. Porque eu vou te beijar primeiro.

Ele tomou o rosto dela em suas mãos e pressionou os lábios nos dela levemente. Keira sentiu uma onda de alívio varrendo através dela. Estar com Cristiano de novo parecia tão certo.

Ele se afastou e a encarou com profundo arrependimento nos olhos. Não era necessário, Keira pensou. Ele já estava perdoado.

Em seguida, os olhos dele baixaram para as embalagens de doces. – Você estava comendo para compensar?

Ela corou. – Talvez. E assistindo filmes – ela apontou para o laptop e o filme em preto e branco ainda tocando.

Cristiano balançou a cabeça. – Você derrubou migalhas na nossa cama.

Ela riu e enrolou os braços ao redor dele. – Me desculpe – ela respondeu. – Como eu posso te recompensar?

Cristiano mexeu as sobrancelhas, então. – Eu posso pensar em alguma coisa.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Na manhã seguinte, Keira acordou com a visão de Cristiano dormindo ao seu lado. Eles haviam feito as pazes, tecnicamente, mas ela ainda sentia como se algo tivesse mudado. Era aquela perda de perfeição que ela mencionara a Bryn, como se o relacionamento deles agora estivesse manchado. Sabia que estava sendo ridícula por pensar assim. Nada jamais era perfeito. Ao menos não para sempre.

Ela saiu da cama, depois tomou banho e se vestiu para o dia. Com o cabelo ainda molhado, preparou o café e levou até Cristiano para acordá-lo. Ele abriu os olhos, sonolento, disparando-lhe um de seus lindos sorrisos. Se a briga deles surtiu algum efeito duradouro nele, Keira não podia ver isso em seu rosto.

– Obrigado – ele murmurou, com sono, pegando o café e se sentando.

Keira empoleirou-se ao lado dele. – Pensei que seria agradável ter um dia menos cheio hoje – ela disse. – Ainda não estivemos em Saint Germain. O que você acha de apenas vagar por aí?

– Me parece bom – Cristiano respondeu. – Desde que paremos para o café da manhã. E para o almoço. E para o jantar.

– É claro – Keira riu.

Cristiano levantou e se preparou para outro dia caminhando na chuva. Enquanto ele tomava banho, Keira bebeu seu café em goles, pensativa. Cristiano estava agindo completamente normal, mas ela ainda sentia que as coisas estavam um pouco estremecidas entre eles. Esperava que um dia calmo, sem estresse, fosse exatamente o que precisavam para voltar aos trilhos.

Uma vez prontos, eles saíram para o dia com chuviscos. Era apenas uma caminhada de trinta minutos até St. Germain, no sexto *arrondissement*, do outro lado do Sena. Atravessaram o rio por duas pontes, a Pont au Change e a Pont Saint-Michel.

– Essa é a primeira vez que estivemos de fato em uma das pontes de Paris – Keira comentou, surpresa. – Da outra vez que fomos ao sul do rio, pegamos o metrô.

– Tem razão – Cristiano disse. – Devíamos fazer isso com mais frequência. É bem atrativo.

Ela sorriu. Ele estava certo. Essa parte da cidade era linda; a pequena ilha no meio do Sena era alcançada a partir de duas pontes diferentes e

continha um pouco da mais deslumbrante arquitetura que Paris tinha a oferecer.

Chegaram ao Boulevard St. Germain, uma rua longa inundada de lojas de presentes e bistrôs turísticos misturados a boutiques de moda, livrarias, galerias e restaurantes. A avenida era larga, com um ar de juventude, com várias pessoas em idade universitária dispersas entre os turistas.

Eles seguiram pela rua até alcançar a Saint-Germain-des-Prés, uma adorável igreja com prédio de calcário bege como eles tinham visto por toda Paris.

– Que tal olharmos lá dentro? – Cristiano perguntou.

– Seria tolice não fazer isso – Keira respondeu.

Do lado de dentro, o interior era gótico e à luz de velas. Um pôster na parede indicava que um concerto clássico deveria começar a qualquer minuto.

– Deve ser o destino – Keira disse.

– Você quer assistir ao concerto? – Cristiano perguntou, soando surpreso.

Ela assentiu. – Por que não? É lindo aqui, não acha?

– Claro – Cristiano disse. – Mas um concerto? Antes do almoço?

Keira bufou, então. – Tudo bem. Deixa para lá.

Cristiano pareceu chocado por sua pequena explosão. – Nós podemos assistir ao concerto – ele disse. – Eu estava só brincando.

Mas Keira apenas cruzou os braços. Ela sabia que ele estava brincando, como costumava fazer, mas depois da briga de ontem ela não se sentia capaz de aceitar isso da mesma forma. Ela ainda estava se sentindo um pouco desconfiada, como se não pisasse mais em terra firme.

– Desculpe – ela resmungou. – Vamos.

Cristiano não a desafiou e eles voltaram para fora, dessa vez pegando a Rue Bonaparte, outra rua ladeada por restaurantes e bares, bem como lojinhas de arte vendendo reimpressões de Matisse e Picasso juntamente com fotografias em preto e branco da Torre Eiffel. Eles viraram em uma pequena rua e terminaram por chegar à outra igreja, a Saint-Sulpice.

– Você gostaria de entrar aqui? – Cristiano perguntou, com hesitação, como se estivesse preocupado que Keira fosse arrancar sua cabeça de novo. – Tem um órgão.

– Claro – Keira respondeu, tentando soar normal, mas falhando.

Do lado de dentro, a igreja era bem grande e decorada com requinte. Havia cadeiras ao invés dos tradicionais bancos de igreja, mas isso

significava que podiam ver mais do chão de mármore e se mover com facilidade para observar as lindas pinturas religiosas. O órgão só era tocado durante a missa de domingo, mas era lindo de olhar, uma enorme estrutura de madeira de nogueira polida que parecia tão decorativa quanto era prática.

– Vamos parar para o almoço agora? – Cristiano perguntou.

Ele ainda usava sua expressão ligeiramente ferida e sua voz cautelosa.

Ela assentiu, um pouco irritada, e eles seguiram para uma das movimentadas ruas laterais, passando por creperias, bares e restaurantes enquanto buscavam um lugar para parar, comer e tomar café.

Ao contrário do resto de Paris, havia muitas pessoas tentando somar turistas dentro de seus estabelecimentos. Apesar dos sorrisos convidativos, Keira achou desconcertante ter alguém tentando conduzi-la para dentro. Era a primeira vez que se sentia desconfortável em Paris e a sensação foi intensificada pelo vasto número de artistas de rua competindo por atenção.

– Ah, veja – ela exclamou a seguir. – Esse é o café mais antigo na França! – ela apontou para a placa que mostrava a data de construção: 1686. – E não tem ninguém tentando nos forçar para dentro, isso é um bom sinal.

– Está bem agitado – Cristiano disse. – Deve ser muito popular entre os turistas.

Ainda assim, eles entraram. Keira não estava com vontade de ter um de seus enormes almoços aventureiros. Ao invés disso, pediu um crepe. Cristiano pareceu entender de forma discreta, pedindo uma omelete e um café. Sem vinho para acompanhar dessa vez.

– Você está bem, Keira? – Cristiano perguntou uma vez que a garçonete tinha os deixado em paz. – Quer falar sobre o que aconteceu ontem?

– Estou bem – Keira respondeu. – Não tem nada para falar.

Ele se estendeu e segurou as mãos dela. – Você parece tão triste.

Ela balançou a cabeça. – Eu não estou triste. Só não estou pulando por aí de alegria. Estou normal. Você provavelmente ainda não me viu normal.

As palavras de Bryn tinham claramente lhe afetado. Agora ela não podia evitar sentir que Cristiano só tinha visto seu melhor lado, que todo esse relacionamento era baseado, essencialmente, em uma invenção.

Cristiano ficou um tanto confuso. – Eu te vi, Keira – ele insistiu. – E esse não é o seu normal.

Ela olhou para a mesa e suspirou profundamente. – Eu só estou, sei lá, pensando na realidade.

Ele ergueu as sobrancelhas. – Você está tendo uma crise existencial?

Era um dos comentários brincalhões para o qual ela não estava no clima. Estava próximo demais da verdade.

– É só o que aconteceu ontem, com a morte de Calum, e a ligação de Hannah, isso me lembrou de que o mundo real está acontecendo enquanto estamos nos divertindo em Paris – ela tomou uma respiração. – E que as coisas não são alinhadas e perfeitas. São bagunçadas. Eu tenho um ex. Terminou de forma abrupta. E ele ainda não está completamente fora da minha vida, pelo menos não ainda. As coisas são assim. Essa é a verdade. Eu venho com bagagem.

– Eu sei disso – Cristiano disse. – Não sei por que você pensa que seja um choque para mim?

– Por causa do modo como você agiu ontem – ela disse. – Porque ficou horrorizado por eu sequer falar com Shane, como se fosse para eu ter sido uma freira antes de você me encontrar ou algo do tipo.

Cristiano riu nesse momento. Keira mandou-lhe um olhar, mas ele não parou.

– Desculpe, desculpe – ele disse, acenando as mãos. – É uma coisa engraçada de se dizer. Eu não estou esperando que você não tenha um passado. Eu só fiquei com ciúmes. Você deveria tomar como um elogio.

Keira retorceu os lábios. – Não sei, não.

A comida deles chegou e depois eles começaram a comer em silêncio.

– Keira – Cristiano disse a seguir. – Você lembra quando estávamos na casa dos meus pais?

– Sim.

– E você estava perguntando a eles sobre os segredos de um casamento feliz?

– Sim.

Ele ergueu as sobrancelhas. – Ciúme era um deles. É, sei lá, o estilo italiano. Disputar com a concorrência é parte do processo. Eu esperaria que você fizesse o mesmo comigo.

– Isso só parece uma desculpa para paquerar – ela disse friamente.

Cristiano exalou. – Não consigo vencer hoje – ele disse, balançando a cabeça de leve.

Pelo menos ele estava certo quanto a isso. Keira sentia-se terrível. Ela não tinha intenção de estragar o clima. Era apenas o efeito cascata da briga deles, e da pulga que Bryn tinha colocado atrás de sua orelha.

– Desculpe – ela resmungou. – Eu só demoro um pouco para superar as coisas. Brigas e tal. Elas ficam comigo por um tempo. Eu nunca pude ver meus pais em conflito saudável, sabe? Brigas para mim significam o fim de tudo.

Cristiano olhou para ela com empatia, apertando sua mão com a dele. – Prometo a você, esse definitivamente não é o fim de tudo.

Ela sentiu-se um pouco melhor e eles terminaram de comer, depois saindo para a garoa.

– Estamos muito perto dos Jardins de Luxemburgo – Cristiano disse. – Gostaria de passear por eles?

Ela assentiu e pegou a mão dele enquanto eles se dirigiam para mais um dos notáveis palácios parisienses. Os jardins consistiam em maravilhosos gramados de verde vibrante, árvores perfeitamente cultivadas, arbustos, canteiros de flores e fontes. Havia até mesmo uma área para crianças com balanços, um carrossel e passeios de pônei.

Eles alcançaram a saída ao sudeste do parque, onde havia outra linda fonte, dessa vez coberta de heras. Uma abundância de sinais parecia lhes dizer para não tocar, sentar ou jogar dinheiro. Parecia uma pena para Keira, ao ver esse lado ligeiramente mais restritivo de Paris, uma cidade que tinha lhe parecido tão livre e aberta até agora. Porém, ela estava no tipo de humor que notava o copo meio vazio. Pela primeira vez estava se permitindo ver o lado mais escuro de Paris, a parte à qual ela tinha deliberadamente estado cega.

– Você está triste outra vez – Cristiano disse ao seu lado.

Ela olhou para ele, um pouco frustrada. – Você não precisa constantemente comentar o meu humor – ela disse. – Não vai me fazer menos triste mais rápido.

Ele pareceu entristecido pelo tom irritado dela. Mas antes de Keira ter a chance de se desculpar, seus olhos caíram sobre a figura atrás de Cristiano, encarando-a como se ela fosse um fantasma. Ela piscou também, chocada, atordoada, antes de finalmente aceitar a verdade.

Ela estava encarando os olhos de Zach.

CAPÍTULO DEZESSETE

– O que você está fazendo aqui? – Keira gaguejou, seu olhar fixo em Zachary. Ela estava atônita demais para produzir o veneno com o qual geralmente falava com ele.

– Trabalho – ele respondeu, sem ar. – A conferência que te falei. Depois, decidi ficar para umas férias, ver a cidade de verdade em vez de vê-la pelas janelas de uma sala de conferência.

Keira não podia acreditar. Sabia que Zach estaria na França a trabalho, mas ainda era um completo choque vê-lo aqui, na Paris *dela*, a cidade *dela*. Ele tinha se intrometido no mundo perfeito dela. Ficou manchado. Ela se sentia como uma criança teimosa que não queria dividir.

De repente, ela sentiu Cristiano ao seu lado. Ele parecia estar extremamente tenso e, ao olhar, ela viu os tendões de seus braços saltando através da pele.

– Quem é esse? – ele disse para Keira, mas seu olhar nunca saiu de Zachary.

– Tudo bem – Keira começou, gentilmente, como lidando como um animal selvagem que podia atacar a qualquer segundo. – Cristiano, esse é Zachary.

Ele falou por dentes rangidos. – Zachary, seu ex?

– Sim – ela chiou, mansa.

– O que te deve milhares de dólares?

A voz dela estava ainda mais fraca agora. – Esse mesmo...

Se ele fosse um desenho animado, Cristiano teria começado a soltar fumaça pelas orelhas. Mas, infelizmente para Keira, essa era a vida real. A raiva dele era real e palpável. A tensão poderia ser cortada com uma faca.

Zach franziu o cenho para Keira em seguida. – Do que ele está falando? – ele disse. – Eu não te devo milhares de dólares. Você está espalhando mentiras a meu respeito?

– O depósito – Keira o contou. – Lembra? Os milhares de dólares que você decidiu que não vai me devolver.

– Não é *minha* decisão – Zach respondeu, na defensiva. – Eu já te disse que meu primo precisava do dinheiro para consertar os danos ao apartamento. Eu também saí perdendo.

Keira balançou a cabeça. Ela não acreditava por um segundo. Zachary e seu primo obviamente tinham chegado a algum acordo em que ele receberia

o dinheiro do depósito dele, e ela não. Ela cruzou os braços e o encarou.

– De jeito nenhum nós causamos esse estrago todo – ela disse. – Mantivemos o apartamento em condições imaculadas.

Zach ofereceu a ela um olhar incrédulo. – Tirando milhões de manchas de taças de vinho tinto atrás do sofá, ao que eu presumo que temos que agradecer a Bryn. E o puxador quebrado na porta do forno que, se me lembro, foi causado por... Deixe-me pensar... Ah, sim, Bryn. De novo. Sinto muito, Keira, havia uma tonelada de estragos, você aceitando ou não – ele adicionou, com rancor. – Talvez você devesse pedir seu dinheiro do depósito à Bryn.

Keira sentiu-se furiosa instantaneamente. Ela podia repreender sua irmã, mas se alguém mais fizesse isso ela se tornava ferozmente protetora.

– Isso é só um sofá – ela replicou. – E um puxador quebrado! Como isso pode dar direito ao depósito todo?

Zachary parecia tão irado como Keira se sentia. – Você realmente pensa que eu estou mentindo sobre o depósito? Deus, Keira, por que você sempre tem que pensar o pior de mim?

– Eu não sei, talvez porque você me traiu depois de dar um pití por causa do meu trabalho?

– Outra mentira! – Zach exclamou. – Você tinha terminado comigo.

– Não! Não tinha! Eu pensava que ainda estávamos juntos!

Cristiano deu um passo à frente, ficando entre eles. Keira sabia que não tinha nada a ver com seu desconforto com a demonstração pública de fúria, que já atraía passantes empolgados para esticarem os pescoços e ver o que estava acontecendo. Era por causa de seu ciúme. Se Keira falar ao telefone com um de seus ex por míseros cinco segundos tinha sido capaz de inflar seu temperamento italiano, então o que diabo aconteceria com ele estando cara a cara com um deles?

– Keira, vamos embora – Cristiano disse, pegando o braço dela.

Zach pareceu notá-lo pela primeira vez. – Oh, esse é o conquistador sobre quem tenho lido nos seus artigos? Eu não tinha percebido que você tinha uma queda por rapazes bonitos. Achei que você fosse mais esperta do que isso.

– Não é da sua conta – Keira respondeu por dentes rangidos.

Mas Zachary a ignorava agora, sua atenção focada somente em Cristiano. – Eu não sei o que ela te falou para te seduzir, mas me permita poupar seu tempo. Keira só se importa com uma coisa, o seu trabalho. Ela

não tem capacidade de entender as necessidades e desejos de qualquer outra pessoa, só os dela mesma. No instante que tiver qualquer pedido inconveniente, ela vai te jogar na sarjeta.

Keira zombou, emitindo um ruído áspero da parte de trás de sua garganta. – Eu sabia que você era baixo, mas tão baixo a ponto de tentar destruir as coisas para mim mesmo depois de não estarmos mais juntos? Caramba, Zach, você é tão babaca.

– Babaca, é? – Zach exclamou, atirando seus braços com raiva. – Bem, você é uma vagabunda. Dois amantes nesse número de meses? Que superação.

Zach mal tinha tirado as últimas palavras de sua língua quando Cristiano investiu contra ele. Ele bateu direto em seu rosto. Sangue jorrou do nariz dele e Zach tombou para trás, desacordado.

Keira segurou sua boca em choque. – Ai, meu Deus.

Ela correu até Zach, agachando-se ao lado dele. Os olhos dele estavam fechados, seu nariz claramente quebrado.

– Cristiano – ela ofegou, olhando para ele com uma expressão horrorizada. – Que diabos?!

Cristiano estava parado, fumegando, com o punho ainda cerrado, olhando para Zach esparramado no chão.

– Chame uma ambulância – Keira disse a ele. Quando Cristiano não se moveu, ela gritou mais alto. – Chame uma maldita ambulância!

Mas, ao invés de pegar seu celular, Cristiano virou-se e marchou para longe. Completamente atordoada com a virada dos acontecimentos, Keira olhou fixamente para sua figura recuando, boquiaberta enquanto os espectadores adolescentes filmavam a coisa toda em seus celulares.

CAPÍTULO DEZOITO

Keira não teve escolha a não ser esperar com Zach até que os paramédicos chegassem. Ele não tinha ficado desacordado por muito tempo, o que foi um alívio enorme, mas seu nariz estava péssimo e definitivamente precisaria de atenção médica.

Eles sentaram-se à beira da fonte, o nariz de Zach estufado de lenços que rapidamente se tornavam vermelhos.

– Cara legal – ele disse, sarcástico. – Não é difícil ver porque você o quis ao invés de mim.

Ela apenas balançou a cabeça, sem estar no clima para conversar com ele. Ela não podia acreditar no que tinha acabado de suceder. Ver aquele lado de Cristiano abalou suas estruturas. Ela sabia que ele era ciumento, mas violento era algo completamente diferente.

Finalmente, a ambulância chegou, junto a um carro de polícia. Keira sentiu-se péssima conforme um oficial veio em sua direção, afastando-a de Zach.

– Pode nos dizer o que aconteceu? – o oficial perguntou a ela, falando em inglês perfeito com apenas uma insinuação de sotaque francês.

Keira mordeu seu lábio. Ela não queria que Cristiano tivesse problemas, mas não podia mentir. Havia uma tonelada de testemunhas e de evidência em vídeo. Seria pior para todos se ela não contasse a verdade.

– Meu namorado teve um desentendimento com meu ex – ela disse. Ela apontou para Zach. – O ex levou a pior.

O oficial assentiu, tomando notas. – Onde está o seu namorado agora?

Keira deu de ombros, apontando para o caminho. – Ele foi por ali.

Ela se deu conta de que, mais uma vez, Cristiano havia lhe deixado sozinha, indo embora como uma criança birrenta que não tinha conseguido as coisas como queria. Só que, dessa vez, ele tinha lhe abandonado no meio de Paris, em vez da segurança de seu quarto de hotel. Ela estava furiosa com ele; em primeiro lugar, por bater em Zach, depois por sair pisando duro como um pirralho, deixando-a para encarar as consequências. O aviso de Bryn retornou à sua mente, brusca e dolorosamente. Talvez essa coisa toda tivesse sido uma fantasia estúpida, afinal.

– Deixe-me anotar os detalhes – o oficial disse. Ele anotou todas as informações que Keira ofereceu – seu nome, data de nascimento, o nome de Cristiano, o endereço de seu hotel e os números de telefone deles – e

assentiu. – Se Zachary quiser prestar queixas, entraremos em contato – Então, saiu para falar com Zach.

Keira rezou para que ele não levasse isso adiante. Mas ela também sabia que Zach tinha uma veia vingativa. Ela não duvidaria se ele fizesse isso só para machucá-la.

Ela assistiu enquanto ele falava com a polícia, em seguida entrando na parte traseira da ambulância. As portas se fecharam e o burburinho de drama do qual ela tinha sido o centro começou a se desfazer.

Uma vez que a ambulância foi embora e a polícia também, era quase como se nada tivesse acontecido. Todos voltaram aos seus dias, deixando Keira sentada na fonte, estarrecida.

Ela pegou seu telefone e ligou para Cristiano. Foi direto para o correio de voz; ele tinha o desligado. Então, ela ligou para Bryn.

Ela escutou o telefone tocar, tocar e tocar, mas Bryn não atendeu. Quando ela finalmente desligou, levou apenas um ou dois segundos para que seu telefone vibrasse com uma mensagem.

Não estou falando com vc.

A mensagem era de Bryn. Chocada, Keira digitou de volta rapidamente.

Por quê?

A resposta de Bryn veio instantaneamente.

Vc foi muito grossa da última vez.

Keira suspirou. Bryn estava certa. Ela tinha sido bem maldosa da última vez em que se falaram. Sentia-se ainda mais culpada agora que parecia que talvez Bryn tivesse razão.

Desesperada para falar com alguém, Keira rolou por sua lista de contatos. Nina era sempre uma grande fonte de consolo, mas ela estava tão enrolada com o artigo recentemente que Keira não tinha certeza de que ela não ficaria acidentalmente empolgada com a quantidade de drama. Sua mãe nunca dava bons conselhos quando a questão eram relacionamentos, e Shelby estava feliz demais em seu noivado para ser útil. Sobrava Maxine. Keira discou para o número dela.

– *Mon petit pois*! – Maxine exclamou ao atender. – Como está Paris?

De repente, toda a emoção que Keira estivera segurando saiu, como uma represa rompendo. – A pior coisa de todos os tempos acabou de acontecer.

O tom otimista habitual de Maxine desapareceu imediatamente. – Querida, você está bem?

Keira soluçou ao relatar a história. – Nós esbarramos em Zach e começamos a brigar por causa do depósito, e ele me chamou de vagabunda e Cristiano perdeu a cabeça. Socou seu rosto em cheio. Nocauteou-o. Depois, é claro, ele deu as costas e foi embora mal-humorado, me deixando para recolher os cacos. Estou tão abalada. Tipo, eu ainda estou literalmente tremendo. E ver esse lado de Cristiano foi horrível.

Maxine ouviu pacientemente. Então, finalmente, foi sua vez de falar. – Isso deve ter sido realmente alarmante – ela começou. Keira teve a distinta impressão de que um "mas" se aproximava... – Mas... Você não acha que é excitante ele ter defendido sua honra desse jeito?

– Excitante? – Keira repetiu, sem se impressionar.

– Não pretendo diminuir o aborrecimento da sua experiência – Maxine clarificou. – Mas, Keira, seu namorado lindo de morrer acabou de nocautear seu ex horrível, mentiroso, traidor e escorregadio porque ele te chamou de vagabunda!

– Max – Keira disse, suspirando. – Talvez seja excitante na TV, mas na vida real não é. É assustador.

– Eu entendo – Maxine implorou. – Só quero dizer que Cristiano claramente se importa com você profundamente para agir assim.

– Você acha? Eu acho que ele só se importa com seu orgulho. Seu ego.

– Ah, vamos lá, você o conhece melhor do que isso – Maxine disse. – Não deixe esse único erro embaçar tudo.

Keira trouxe a opinião de Maxine a bordo, mas nada podia fazê-la parar de sentir o horrível poço de pavor que havia se aberto dentro dela. Uma das coisas que amava tanto em Cristiano era o fato de ele estar sempre tão calmo, sendo frequentemente o antídoto para o estresse dela com relação a tudo. Saber que ele tinha esse botão extremamente volátil a deixava nervosa.

– Onde você está agora?

– Estou no meio de um jardim lindo em Paris – Keira respondeu. – Não está chovendo pela primeira vez desde que cheguei. Meu rosto está completamente inchado de chorar e minha saia está com o sangue de Zach – ela se lamentou em voz alta. – Argh, por que isso teve que acontecer? Por que Zach não podia simplesmente ter ido para casa depois da conferência estúpida dele!

Maxine ficou em silêncio por um segundo. Então, ela falou – Que conferência?

– Uma que ele tinha a trabalho – Keira respondeu. – Eu sabia que haveria um cruzamento, mas imaginei que ele só ficaria em alguma sala de conferência o dia todo, e eu definitivamente pensava que ele já teria ido embora a essa altura. Eu nunca esperava de fato esbarrar nele!

– Keira – Maxine disse em uma voz deliberada e lenta. – Zach foi despedido. Tipo, duas semanas atrás.

– Ai. Meu. Deus. – Keira respondeu. – Você acha que ele inventou essa história da França para me impressionar?

– Ou para esbarrar em você de propósito?

– Não, não, não, não, não – Keira arfou.

O pensamento era perturbador. Será que Zach estava rastreando seu paradeiro? Ela sabia que ele lera seu artigo porque ele admitira, inadvertidamente, ao identificar Cristiano, mas ler seu trabalho e segui-la para outro país eram coisas muito diferentes. Além disso, ela não soubera com antecedência que estaria em Paris, e Zach tinha mencionado sua vinda à França bem antes que ela sequer soubesse sobre a tarefa. Como ele poderia ter descoberto que ela estaria aqui?

– Você não acha que ele... – ela parou de falar, muito chocada até mesmo para dizer em voz alta. – Hackearia a *Viatorum*, de alguma forma?

As únicas pessoas que sabiam sobre a viagem a Paris eram Elliot, Nina e Heather. Eles provavelmente tinham enviado e-mails entre si, organizando a viagem e discutindo enviar Cristiano junto também. O trabalho de Zach era na área da computação. Hackear e-mails não era muito difícil para ele.

Keira sentiu enjoo com o pensamento.

– Eu realmente espero que não – Maxine respondeu. – Mas, bem, ele tem agido meio louco desde que vocês dois terminaram.

Keira não podia acreditar. Balançou a cabeça, nauseada. Mas era a única explicação.

De repente, ela lembrou-se do que o oficial tinha dito sobre depender de Zach prestar queixas ou não.

– Max, tenho que ir – ela disse.

– Ok, se cuida. Ligue para mim quando quiser.

Keira finalizou a ligação rapidamente e ligou para Zach. Ela tinha o apagado de seu telefone, mas ainda sabia seu número de cor. Quando ele atendeu, ela ouviu o burburinho do hospital ao fundo.

– Keira – ele disse, manso. – Obrigada por ligar.

Sua voz estava abafada por causa de seu nariz quebrado.

– Eu sei o que você fez – Keira disse a ele.

– O quê?

– Você veio para cá deliberadamente porque sabia que eu estaria aqui.

– Não seja maluca – ele respondeu. – Eu te contei, estava em uma conferência de trabalho.

– Uma conferência de trabalho para um emprego que você não tem mais? – Keira devolveu.

Fez-se uma longa pausa. – Está certo, tudo bem. Mas eu só perdi meu emprego depois de ter reservado os voos, e o que eu poderia fazer? Desperdiçar férias? Eu não vim aqui para ver você, eu posso fazer isso em Nova Iorque quando eu quiser. E só menti que era para o trabalho porque fiquei envergonhado em admitir para você que tinha perdido meu emprego.

– Você está mentindo – Keira respondeu. – Você descobriu que eu estaria aqui e veio estragar as coisas! Admita! Você hackeou os e-mails de quem? Elliot? Nina? Só me diga a verdade.

– Keira, você parece louca.

Ela deveria saber que ele negaria. Zach tinha a desagradável capacidade de mentir sem remorso. Ela teve que respirar fundo para estabilizar sua ira.

– Não preste queixa – ela disse a ele. – Contra Cristiano. Se prestar, eu vou arrumar uma maneira de expor o que você fez. Estamos quites agora. Deixe isso de lado e eu vou deixar passar.

Houve uma grande pausa silenciosa. Finalmente, Zach falou – Você é uma vadia.

A ligação ficou muda. Keira caiu para frente, exausta. Parecia que seu mundo inteiro tinha de repente capotado de cabeça para baixo. Ela conseguiu ficar em pé, mas suas pernas estavam bambas debaixo dela.

Ela caminhou pelos jardins. Eles não pareciam mais bonitos para ela, mas falsos, excessivamente projetados e construídos. Do lado de fora, nas ruas, a arquitetura parisiense de repente parecia abafada e arrogante. Como ela não tinha notado todo o lixo nas ruas antes? Os grafites feios rabiscando prédios antigos sem nenhum cuidado com a história que desfiguravam? Como os olhos dela tinham esmaltado por cima dos moradores de rua e bêbados? E todo aquele tráfego vomitando fumaça no ar! Paris era uma cidade como todas as cidades, sitiada por pobreza, poluição e corrupção.

Keira não tinha ideia do que fazer. Ela queria desesperadamente ver Cristiano de novo, acertar as contas. O drama dos últimos dois dias tinha

sido uma loucura. Entre Shane e Zach, ela podia entender porque ele tinha estado tão confuso e bravo. Ela só queria a chance de explicar.

Sabendo que Cristiano não atenderia suas ligações, ela fez um sacrifício e ligou para Pippa. A irmã dele atendeu com uma voz alegre e jovial.

– *Ciao, Bella*! Como você está?

– Pippa, desculpe por fazer isso com você – Keira disse. – Mas poderia ligar para Cristiano? Nós tivemos uma briga e ele foi embora. Ele não vai me atender. Só quero muito vê-lo.

– Ah – Pippa disse, soando triste. – Mas se ele saiu andando, talvez você devesse dar um espaço a ele? Tenho certeza que ele vai mudar de ideia.

– Estou preocupada que dessa vez ele não mude – Keira a contou. – Tivemos duas brigas seguidas, ambas por causa dos meus ex. Eu só preciso me explicar.

– Ele não vai gostar, sabia? – Pippa disse. – Eu me intrometendo. Ajudando você. Vai deixá-lo ainda mais bravo.

– Eu entendo – Keira disse. – Eu só preciso de uma chance.

Fez-se uma pausa, então Pippa cedeu. – Tudo bem. Dê-me um minuto. Vou ligar para ele.

A ligação terminou e Keira sentou-se, cansada, em um dos bancos. Após alguns minutos, ela sentiu seu celular vibrar com uma mensagem chegando.

Ele está indo para a Gare du Nord.

Ver em preto e branco fez o coração de Keira afundar. A Gare du Nord era a estação de trem internacional de Paris. Havia apenas uma razão para Cristiano estar indo para lá; pegar um trem para casa, na Itália.

CAPÍTULO DEZENOVE

A viagem de metrô era de apenas dez minutos até a Gare du Nord, mas cada minuto parecia uma hora para Keira. Quando tempo Cristiano tinha na dianteira? Ela havia esperado ao menos dez minutos pela ambulância, mais dez falando com a polícia, depois mais quinze no telefone com Maxine e Pippa. Quando chegasse à estação, ele poderia muito bem já ter partido há muito tempo.

Ela chegou ao seu destino final e se apressou em sair do vagão, depois correu pelos degraus em direção às catracas acima. Uma vez que passou por elas, encontrou-se na junção principal de uma estação muito movimentada. Ela não tinha nenhuma ideia de como encontraria Cristiano aqui. Se ele ainda estivesse aqui para ser encontrado.

Keira teve uma ideia, então, e pegou seu celular, ligando para Cristiano de novo, esperando que pudesse escutar seu toque e conseguisse localizá-lo. É claro que foi inútil. A estação era barulhenta demais para isolar um som específico.

Ela foi até o painel de embarque e procurou por um trem em direção a Florença. Ela encontrou um saindo em cinco minutos da plataforma um e correu naquela direção, sem ter como saber se Cristiano sequer estaria naquele trem.

Quando chegou às cancelas, ela percebeu, com coração pesado, que mesmo se fosse o trem de Cristiano, ele já estaria a bordo. Sem um bilhete, não poderia passar.

Ela foi até o guarda.

– Por favor, preciso achar uma pessoa – ela disse a ele. – Será que você pode me deixar passar? Vai ser cinco minutos, eu prometo.

Ele ofereceu-lhe um olhar aborrecido, como se o pedido dela obviamente não fosse acontecer, e que nem valia a pena responder.

– Por favor? – ela tentou de novo, e dessa vez sua garganta engrossou de emoção. Lágrimas começaram a cair de seus olhos.

Mas seu apelo desesperado foi ignorado pelo guarda. Ele claramente não iria ajudá-la.

Com a visão borrada, Keira rolou através dos contatos de seu celular até chegar ao número de Pippa de novo. Ela apertou o botão de ligar.

– Ele já partiu? – Keira perguntou a Pippa no momento em que ela atendeu a ligação. Ela podia ouvir o desespero na própria voz, suplicando e

um tanto patética. – Ele já está no trem?

– Keira... – Pippa começou, sua voz tensa.

Ela obviamente estava começando a se sentir chateada com a coisa toda, com Keira colocando-a no meio de uma situação complicada. Keira sentia-se mal por arrastá-la para isso, mas ela não conseguia pensar em nenhuma outra opção.

– Vou checar – Pippa disse, finalmente, soltando um suspiro pesado.

– Obrigada – Keira chiou em resposta.

Ela desligou e esperou em suspense, sentindo seu coração batendo em seu peito com a antecipação escalando. Então, alguns momentos depois, a mensagem de Pippa veio.

Assim que Keira tocou na tela para abrir a mensagem, uma sombra larga caiu sobre suas mãos, obscurecendo os botões. Ela olhou para cima, para o corpo grande e sólido de um homem, e depois mais para cima, para o rosto de Cristiano.

– O que você está fazendo aqui? – ele disse, sua expressão retorcida, como se ela fosse um fantasma em sua frente.

Ela viu o copo de café na mão dele, correspondendo com a palavra café na mensagem de Pippa em sua tela. Graças a Deus por seu vício em cafeína; porque ele tinha ido buscar um café para a viagem, ela tinha ganhado a chance de esbarrar nele, de convencê-lo a não ir para casa e abandoná-la.

– Eu estou te impedindo – Keira disse. – De ir embora.

Na outra mão, Cristiano estava apertando um bilhete de trem. Direto para Florença. Causou uma punhalada de dor no coração dela. A dor só piorou quando viu os nós dos dedos em vermelho vivo.

– Você não pode me impedir – Cristiano disse, com tristeza. – Eu preciso ir.

– Por quê? – ela perguntou. – Por causa do Zach? Shane? Eu sei que parece ruim, mas não é minha culpa. Foram duas coincidências horríveis.

Cristiano balançou a cabeça. – Coincidências ou não, eu não posso aguentar. O ciúme em mim - ele olhou para suas juntas machucadas, cheio de culpa.

– Você não precisa se preocupar com isso – Keira o contou. – Zach não vai prestar queixa.

– Esse não é o ponto – Cristiano disse. – Eu preciso de um pouco de espaço disso.

– De mim?

Ele assentiu tristemente.

– Você vai voltar? – ela perguntou. – Em alguns dias? Passar um tempinho com a sua família, ter um pouco de espaço para clarear a mente. E depois voltar?

– Não posso prometer isso – Cristiano disse, sua voz gotejando dor.

Keira o encarou, incrédula. Por que ele estava fazendo isso com ela? Abandonando-a em um país estrangeiro por causa de algo tão estúpido como ciúmes. Não era culpa dela que tivesse um passado confuso, e não era como se a ficha de Cristiano fosse inteiramente limpa também. Era ele quem tinha uma ex-mulher. Ele estava exigindo dela um padrão injusto, e depois lhe punindo por não atingi-lo.

– Se você entrar nesse trem – ela começou, ouvindo a voz saindo de sua boca sem seu cérebro fazer a conexão. – Então, acabou.

Ela tomou uma respiração profunda, atônita por ter dito aquelas palavras em voz alta, por ter dado a Cristiano um ultimato. Era uma tolice fazê-lo.

Ele olhou para ela, franzindo a testa. – Você não está falando sério, está? – ele perguntou.

– Sim – Keira disse, com teimosia. – Eu não estou aqui para você pegar e largar quando escolher. Não vou ficar deitada na cama comendo doces de novo, esperando você decidir que eu mereço um pouco mais de respeito. Entre nesse trem e acabou, eu juro.

Cristiano faz um som de *tsc* com a boca, balançando sua cabeça com tristeza. Depois, sem outra palavra, ele virou-se para as cancelas e alimentou a máquina com seu bilhete. Os portões abriram e ele atravessou. Os portões fecharam de volta atrás dele com um alto estrondo.

Keira assistiu, atônita, paralisada pelo choque. Ela tinha acabado de ameaçá-lo, de jogar arriscando o relacionamento deles, e havia perdido. Cristiano tinha partido.

CAPÍTULO VINTE

Keira perdeu a conta de quanto tempo ela ficou parada na estação de trem, olhando para o lugar em que Cristiano uma vez estivera, mas não estava mais. Sentiu-se um fracasso, para não mencionar extremamente envergonhada.

Porém, finalmente ela se recompôs e foi embora, com a cabeça e o coração pesados.

Estava longe do hotel e, sentindo-se próxima às lágrimas, realmente não queria entrar no metrô, enfurnada com todas aquelas pessoas olhando para ela. Ao invés disso, ela queria se enrolar em um canto escuro de um café e chorar dentro de sua xícara.

Ela passeou pela rua, passando pela mesma rede americana de cafés à qual era acostumada em casa. Que peculiar ela nunca sequer ter notado que Paris tinha delas também?

Enfim, encontrou um café francês legítimo e entrou.

Estava muito movimentado, com as janelas embaçadas com a condensação de todos os clientes do lado de dentro, e o barulho de fundo das pessoas conversando era quase ensurdecedor. Perfeito, Keira pensou. Às vezes era mais fácil virar anônima em uma multidão.

Ela pediu um café e esperou que um lugar ficasse disponível. Por sorte, o que se disponibilizou era bem no canto, quase completamente nas sombras. Era perfeito para ela.

No segundo em que as costas de Keira encontraram a cadeira, ela começou a lacrimejar. Cristiano tinha partido. E ela tinha se certificado de que fosse para sempre.

Por que sempre fazia isso com si mesma? Sabotava sua felicidade? Era como se ela não pudesse aceitar totalmente que ela merecia coisas boas em sua vida. Após anos de luta para chegar onde ela estava, teria a luta se tornado arraigada em sua personalidade? Será que ela tinha perdido a capacidade de relaxar, de deixar estar, de permitir a si mesma a experiência da alegria?

Keira apanhou seu caderno na bolsa, colocando-o sobre a mesa à sua frente. O drama que Nina tinha solicitado estava nas pontas de seus dedos. Tudo o que ela precisava fazer era transferir a tristeza para o papel. Talvez colocar tudo por escrito lhe ajudaria a entender.

Levou dez dias para que eu visse o lado sombrio de Paris. Considerando que os prédios, as ruas e o céu são todos na mesma cor cinza, era de se pensar que eu teria visto antes, mas foi só hoje, depois de uma discussão particularmente dramática com Cristiano, que eu verdadeiramente tomei consciência disso. Paris tem as mesmas armadilhas de qualquer outra cidade; lixo, pichações, raiva do trânsito, batedores de carteira e grosseria. E aquela chuva incessante! Algum dia vai parar? Tornou-se tão monótona, tão contínua, que estou começando a pensar que preferiria a neve congelante de Nova Iorque, nem que seja para alguma variedade.

Uma lágrima espirrou na página, obscurecendo a tinta de sua escrita. Keira parou e baixou a caneta. Ela não tinha nenhum desejo de escrever nada disso em seu artigo. Nina tinha dito que ela poderia usar ficção para tornar a história mais interessante, mas sua realidade era mais dramática do que qualquer coisa que fosse capaz de imaginar. E escrever sobre isso era a última coisa que ela queria fazer. Ela estava contornando o problema. Ela não tinha apenas brigado com Cristiano, eles tinham rompido. Ela não queria que seu sonho estivesse acabado, mas estava.

As lágrimas começaram a cair mais rapidamente, então. Ela procurou por seu celular e, lembrando-se que Bryn ainda estava de mau-humor com ela, decidiu ligar para sua mãe. Mallory era melhor em lidar com ela quando estava chateada do que Bryn, de todo modo.

Sua mãe atendeu rapidamente, como ela sempre fazia quando uma de suas filhas ligava.

– Olá, querida. Como você está?

Keira soluçou. – Mãe. Deu tudo errado.

Mallory falou de forma calmante. – Um pequeno tropeço?

– Não. Um grande. Cristiano foi para casa.

– Ah – Mallory respondeu. – Para a Itália?

– Sim – Keira chiou, fungando alto. – Tivemos uma briga enorme.

– Sobre o que, querida? Tenho certeza que pode ser resolvido.

Seu tom era tão tranquilizador que Keira se sentiu instantaneamente mais apta a falar.

– Tudo começou com Shane – ela começou. – O pai dele faleceu.

– Não, eu sinto muito! – Mallory exclamou.

– Eu sei. Nós nos falamos ao telefone, só isso, mas Cristiano entreouviu e perdeu a paciência.

– Bem, isso não parece tão ruim, amor. Tenho certeza que ele vai mudar de ideia. Homens podem ser muito ciumentos.

Keira balançou a cabeça. – Isso é só o começo. Nós fizemos as pazes depois disso, e as coisas estavam meio que voltando ao normal. Então, Zach apareceu.

– Em Paris? – Mallory exclamou. – O que ele estava fazendo aí?

– Praticamente me perseguindo – Keira respondeu. – Ele basicamente arquitetou uma situação inteira para esbarrar em mim. Então, Cristiano deu um soco nele.

Mallory ofegou.

– Eu sei – Keira continuou. – Foi nocaute. Depois, ele foi embora e me deixou para lidar com a ambulância e a polícia sozinha.

– Eu não sei o que dizer – Mallory murmurou. – Zach está bem?

Típico dela se preocupar com o vilão da história.

– Está bem. Eu o convenci a não prestar queixa – estava mais para chantagem, mas Mallory não precisava saber. Keira continuou. – Primeiro, fiquei furiosa. Mas então conversei sobre isso com Maxine. Só que depois Cristiano não estava atendendo minhas ligações, então falei com a irmã dele e ela me contou que ele estava na estação de trem. Quando eu cheguei lá... – sua voz coaxou com a memória. – Eu disse a ele que se ele partisse, estava acabado. E ele partiu.

– Você lhe deu um ultimato – Mallory disse, com tristeza. – Ele dificilmente recuaria depois disso. Teria ferido seu orgulho.

Keira tinha chegado a essa conclusão por si mesma, mas não melhorava em nada. Ela tinha o afastado com seu temperamento explosivo em vez de deixá-lo se acalmar e voltar para ela.

– Mas ele vai mudar de ideia no tempo dele – Mallory adicionou.

– Eu não acho que vai – Keira disse, com tristeza.

– Mas ele te ama tanto – Mallory contestou. – Qualquer um vê isso nos olhos dele.

– Bryn não pensa isso.

– Ah, e o que a Bryn sabe? – Mallory replicou.

Apesar de sua tristeza, Keira sorriu. Bryn tinha mesmo a reputação de ter pouco ou nenhum senso comum quando se tratava de assuntos do coração. Ela nunca deveria ouvir sua irmã, ou deixar que ela colocasse dúvidas em sua mente sobre qualquer coisa!

– Então você acha que eu deveria esperar passar?

– Você tem trabalho a fazer, não tem? – Mallory respondeu. – Apenas foque nisso. Ele vai voltar. Tenho certeza.

Keira apreciou o voto de confiança de sua mãe, apesar de ela mesma não ter certeza.

– Mas e se ele não voltar? – ela perguntou, triste. – Eu devo me atolar em Paris esperando por ele? E o artigo? Que porcaria de conclusão! Acontece que o amor *não consegue* durar em um território estrangeiro para nós dois. Ninguém vai querer ler esse final – ela se lamentou em voz alta, frustrada consigo mesma. – Eu nunca deveria ter aceitado essa tarefa. Joguei roleta russa com o meu relacionamento. Eu soube na hora que era uma má ideia, mas deixei Elliot me convencer. Sou tão idiota!

– Querida, calma – Mallory disse, suavemente. – Você está longe de ser uma idiota. Você recebeu uma oportunidade e, sendo a pessoa destemida que é, você agarrou. Se não tivesse feito isso, você ainda estaria no apartamento de Bryn, irritada com o estado de conservação e a falta de privacidade.

– Pelo menos estaria em casa para o Dia de Ação de Graças – Keira adicionou, lembrando-se desta particular ferroada adicional à viagem toda. Agora ela passaria sozinha. – Talvez eu devesse simplesmente ir para casa.

– Você sabe que eu sempre te receberia de braços abertos – Mallory começou. Keira pressentiu que havia um "mas" a caminho. – Mas acho que você ficaria decepcionada com você mesma se viesse. Keira, você é mais forte do que você percebe. Mais independente do que você aceita. Você não *precisa* do Cristiano aí – ela pausou para uma respiração. – Por que você não foca apenas em terminar seu artigo? Pode vir para casa assim que estiver pronto. Pode falar com Cristiano no telefone quando estiver em casa e todos estiverem calmos.

Keira assentiu. O plano de sua mãe era provavelmente a forma mais racional de lidar com as coisas. Ela nem sempre dava os melhores conselhos, mas dessa vez tinha realmente conseguido.

– Se eu terminar a tempo do Dia de Ação de Graças, ainda vou poder ir para sua casa? – Keira perguntou, mansa.

– Querida, você nem precisa perguntar – Mallory respondeu.

Keira sentiu-se imensamente reconfortada. – Eu te amo, mãe.

– Também te amo. Conte-me como tudo termina, está bem?

– Está bem.

Ela finalizou a ligação e observou seu artigo manchado pela lágrima. Não tinha certeza se poderia terminá-lo em um espaço de tempo tão curto, mas o apelo de casa era forte, a promessa do Dia de Ação de Graças com sua família um motivador. Ela preferiria com certeza estar com elas na sua casa sem glamour do que sozinha aqui.

Mas antes que ela pudesse começar a escrever outra vez, o telefone de Keira começou a tocar novamente. Dessa vez era da *Viatorum*. Agora era praticamente a pior hora que poderiam ter escolhido para entrar em contato. Ela estava se sentindo sensível, e mais do que brava com eles por lhe colocarem nesse tipo de tensão. Mas eles ainda eram seus empregadores, então ela atendeu a ligação.

Era Nina do outro lado da linha.

– Keira, tenho ótimas novidades!

– Tem? – Keira perguntou.

Ela teve a distinta impressão de que qualquer notícia boa que Nina tivesse seria boa para a *Viatorum*, e não para Keira.

– Vocês estão na capa!

– Hã? – Keira perguntou, confusa.

– A sessão de fotos para a capa que fizemos com Stella. Ficou muito melhor do que a versão com os modelos. Nosso grupo de amostra preferiu de longe.

Keira repentinamente se lembrou da estranha imagem dela e de Cristiano posando nos telhados de uma Paris cenográfica. Ela tinha odiado aquelas fotos, mesmo que eles tivessem estado profundamente apaixonados nelas. Agora, ela só ia odiá-las ainda mais.

– Eu tenho um voto nisso? – Keira perguntou.

Ela ouviu Nina suspirar. – Talvez eu deva te explicar que vai receber mais pela modelagem.

– Não é por causa do dinheiro – Keira disse, apesar de não poder evitar pensar que qualquer dinheiro a mais seria de muita ajuda para conseguir um novo apartamento, considerando que Zach estava retendo o depósito.

– Então o que foi? – Nina perguntou.

Em sua mente, Keira podia vê-la cruzando os braços, parecendo uma professora de escola frustrada. Ela gostava de pensar em Nina como sua semelhante, apesar da diferença de idade. Mas Nina estava agindo como sua superior agora.

– Acho que acabou – Keira contou a ela. – Cristiano e eu.

– Melhor ainda! – Nina exclamou.

– O quê? – Keira ofegou, com nojo de sua resposta. – Como isso é melhor?

Nina começou a recuar. – Oh, sinto muito, estou usando meu chapéu de editora. É claro que estou muito triste por você. Mas o artigo vai ficar extraordinário.

Keira respondeu entre os dentes. – Eu realmente não estou pensando no artigo nesse momento. Meu coração está basicamente se partindo. É uma grande distração – a voz dela escorreu sarcasmo.

– Desculpe – Nina suspirou, soando como se ela estivesse tudo menos arrependida. – Foi insensível. Mas, só escreva o que está acontecendo. Pense nisso como uma terapia.

– Terapia? – Keira repetiu, desorientada.

Ela ouviu Nina suspirando de novo. – Olhe, vou te enviar a foto agora. Dê uma olhada. Diga o que você acha.

O telefone de Keira tiniu com a mensagem que chegava. Ela o afastou de sua orelha e abriu a imagem de Nina. Sua tela foi preenchida com a visão de Keira em seu vestido esvoaçante de renda, e Cristiano olhando em seus olhos com adoração. O pano de fundo, anteriormente em branco, tinha sido preenchido com o horizonte de Paris. O céu estava de um azul lindo e claro, e o sol estava brilhando.

– Choveu todos os dias – Keira disse, voltando o telefone ao seu ouvido.

– O quê?

– Choveu. Não está ensolarado – ela repetiu.

– E daí?

– E daí que sua capa não combina com o meu artigo. – Ela pensou, com amargura, que o olhar de amor de Cristiano também tinha se perdido.

– Você quer que mudem o céu? – Nina perguntou, suspirando alto, como se tudo isso fosse extremamente inconveniente.

A atitude dela estava deixando Keira mais e mais frustrada. Ela não estava sendo indelicada, mas indiferente. Desde o começo, ela e Elliot tinham perdido Keira de vista nessa coisa toda. Eles a transformaram em um experimento, uma aberração em um ato de circo. Ela tinha permitido que eles arruinassem a melhor coisa que tinha.

– Na verdade, eu quero o artigo cortado – Keira disse. – Não vou escrever.

A parte teimosa dela que tinha feito Cristiano ir para a Itália estava despontando de novo.

– Keira… - Nina começou, como se estivesse lidando com uma criancinha temperamental.

– Não. Não quero saber. Vocês estão me tratando como sujeira. Eu pensei que éramos amigas. Talvez não Elliot, eu esperaria isso dele, mas você, Nina. Você transformou meu relacionamento em um jogo, e não é.

Keira devia ter finalmente atingido Nina, porque, pela primeira vez desde que a conversa tinha começado, seu tom foi diferente.

– Keira, eu sinto muito – Nina disse. – Mas não há nada que eu possa fazer sobre isso agora.

– O que você quer dizer?

– Já foi para a impressão. Elliot assinou mais cedo. Já está feito.

Keira não podia acreditar no que estava ouvindo. – Então vocês nunca de fato me dariam opção? – ela gaguejou. – Você simplesmente passou por cima!

Suas emoções enfureciam-se dentro dela, ela estava mortificada, envergonhada, e magoada.

– Eu não tinha percebido que seria tão importante para você – Nina disse.

– Não. Porque você não me ouviu quando te falei que não queria fazer isso, em primeiro lugar! Você não tem me ouvido há semanas! – Ela estava tremendo de raiva. – Nina, para mim já chega. Tive o coração partido duas vezes. Eu não aguento mais. Eu me demito.

– Keira... – Nina começou.

Mas Keira não estava preparada para ouvir mais nada. Não queria mais ser puxada e empurrada para lá e para cá, tendo suas próprias necessidades ignoradas e pisoteadas pelos outros. Para ela, era o fim. Da *Viatorum*. De Paris. De tudo.

CAPÍTULO VINTE E UM

O trem de Cristiano parou na estação em Florença. Havia sido uma viagem muito longa e sua infelicidade não tinha diminuído nem um pouco. Toda vez que via o nome de Keira lampejar em seu celular, a dor era inflamada mais uma vez.

Ele desceu do trem, seus membros enrijecidos e seus músculos doendo. Estava mais quente aqui do que em Paris, sem chuva pela primeira vez em dias.

Cristiano terminou a etapa final de sua jornada a pé, escalando as encostas até a casa de campo de seus pais. Ele abriu a porta e entrou.

– É ele? – ouviu a voz da sua mãe dizendo à distância.

Era estranho ouvir o próprio idioma outra vez. Reconfortante. Até mesmo tranquilizador.

Um rosto apareceu vindo de trás da repartição da parede que separava o corredor e a sala de estar. Era Pippa, a irmã mais nova que ele adorava.

– É ele – ela falou por cima dos ombros. Em seguida, andou até ele, seus braços abertos.

Cristiano desabou sobre ela, deixando suas lágrimas caírem. Ele estivera as segurando o dia todo, durante a longíssima viagem de trem de Paris, mas agora estava em segurança e poderia soltá-las.

– O que aconteceu? – ela perguntou gentilmente.

– Eu estraguei tudo – ele disse.

Ele viu sua mãe em seguida, parada com o ombro encostado contra a parede, observando seu filho com olhos afetuosos, cheios de pesar.

– Vamos tomar um pouco de vinho – ela disse, estendendo-se para pegar a mão dele.

Sentindo-se como uma criancinha, Cristiano aceitou sua mão e a deixou guiá-lo até a cozinha. Ele pegou um banquinho. Pippa sentou no lado oposto enquanto sua mãe foi até a geladeira, buscando uma garrafa de vinho nova. Ela serviu uma taça, entregando a ele por cima do balcão. Cristiano pegou, sem encontrar os olhos dela.

– O que quer que tenha feito, não pode ser tão ruim quanto pensa – ela disse a ele.

Ele mostrou sua mão em seguida, inchada onde tinha se conectado ao rosto de Zach. A viagem tinha sido longa o suficiente para permitir que os machucados aparecessem em tons furiosos de roxo e preto.

Pippa encolheu-se e pulou imediatamente para trazer gelo.

– O que aconteceu? – sua mãe suspirou, segurando sua mão machucada com ternura.

– Meu ciúme – Cristiano respondeu com vergonha, balançando a cabeça.

Pippa retornou com algumas ervilhas congeladas embrulhadas em um pano de prato. Ela o segurou contra a mão dele, fazendo-o contorcer o rosto de dor.

– Você bateu no Zach, não foi? – ela disse.

Ele franziu o cenho. – Como você adivinhou?

Ela ofereceu-lhe um olhar metade culpado e metade enraivecido. – Porque estive conversando com Keira.

Cristiano recuou então, sua expressão se transformando em uma carranca. – O quê? Por quê?

– Porque ela me ligou – Pippa respondeu. – Em um estado aflito. Perguntando onde você estava.

– Você a deixou sozinha em Paris? – Sabrina recriminou.

– Eu tive que fazer isso – Cristiano respondeu. – Tudo estava caindo aos pedaços. Dois ex em apenas alguns dias. Eu não consegui lidar.

– Ela não os ama – Pippa o contou.

– Não tenho tanta certeza disso – ele respondeu. – Zachary, não, ela claramente o odeia, mesmo que ele esteja mais amarrado na vida dela. Eles têm amigos em comum e toda a coisa do apartamento para resolver. Mas Shane. Ela não o superou. Eu sei que não. Eu sabia quando ficamos juntos, mas pensei que podia lidar com isso. Acontece que eu não posso – ele olhou de esguelha para sua mão machucada. – Vocês deviam ver o olhar no rosto dela quando eu bati nele. Foi como seu eu tivesse estilhaçado a percepção dela sobre mim completamente. Como se tivesse me transformado em outra pessoa diante dos seus olhos – ele olhou para sua mãe e sua irmã. – Eu não sou um monstro, sou?

Ambas balançaram a cabeça.

– Seu temperamento explodiu, isso é tudo – Sabrina disse, de forma tranquilizadora. – É o que acontece quando amamos alguém.

– Amor. Hum – Cristiano grunhiu. – Eu a amo o bastante para socar o rosto de um cara. Mas ela não me ama. Não de verdade.

– Eu acho que você está errado – Pippa disse.

– Por quê? Ela te contou em algum dos seus bate-papos? – a voz dele soou amargurada.

– Não aja como se eu tivesse te traído – Pippa disse. – Eu me importo com Keira também. Quero que ela seja minha cunhada um dia.

– Difícil. Não vai acontecer. Ela me deu uma escolha e eu fui embora, e agora está feito, acabou.

Sabrina balançou a cabeça. – Vocês dois estão claramente muito emotivos agora. As coisas vão parecer diferentes em alguns dias. Por que você não passa um tempo aqui relaxando, pensando melhor. Depois, ligue para ela, veja onde a cabeça dela está. Não será tão ruim quanto pensa. Todos nós dizemos coisas no calor do momento que não queríamos dizer de verdade.

Pippa riu então. – Eu disse ao Raff ontem à noite que eu nunca conheci um homem tão estúpido quanto ele. É claro que isso não é verdade, e no café da manhã já estávamos rindo disso.

Sabrina sorriu. – Eu digo ao seu pai que ele é a pessoa mais cruel que eu conheço com frequência. Digo a ele coisas como "Eu sou a mãe dos seus filhos! Como você ousa!" – ela soltou risadinhas. – É o que aconteceu com os casais quando brigam. Você não saberia, porque você e Keira ainda nunca tinham brigado.

Cristiano não podia evitar sentir um pouco reconfortado com as palavras delas. – Mas é diferente para vocês duas. Vocês são casadas, comprometidas. Vocês sabem que, não importa o que for dito, vocês se amam incondicionalmente. Keira e eu não estamos comprometidos. Tudo é muito fluido entre nós. Onde vivemos, em que país, quando, nada parece muito estável.

Pippa estendeu-se e esfregou o braço dele com ternura. – Ela foi te procurar na estação, não foi? Isso não conta para nada?

– E você faria dela sua esposa – Sabrina respondeu. – Você sabe que faria, se não pensasse que ela sairia correndo quando você pedisse.

Ele balançou sua cabeça em seguida, sorrindo timidamente. Ele adorava Keira. O pensamento de que o ultimato dela era apenas algo que ela tinha dito no calor do momento não havia lhe ocorrido antes, mas pensar agora que ela talvez não tivesse falado sério o enchia de esperança.

– Você realmente acha que ela vai querer falar comigo se eu ligar?

Pippa revirou os olhos. – Ai meu Deus, Cristiano. Sim! Quantas chamadas perdidas dela você tem? Ela obviamente quer conversar.

Cristiano sentiu-se tolo, então. Ele tinha pensado que ela estava ligando para encher seus ouvidos. Era o que Maria fazia quando eles discutiam.

Ligaria para ele e gritaria insultos. Ele tinha evitado as ligações de Keira porque não podia suportar a ideia de palavras tão cheias de raiva saindo da boca dela. Será que ela realmente estivera tentando ligar para ele para consertar as coisas?

Ele pegou seu celular. Mas seus bolsos estavam vazios.

– Deve estar na minha jaqueta – ele disse, ficando de pé para ir até a porta buscá-la.

– Que jaqueta? – Pippa perguntou. – Você não estava usando nenhuma.

Cristiano foi atingido por uma súbita percepção. Ele havia deixado sua jaqueta no trem. Tinha estado tão mais quente ao entrar na Itália que ele havia a tirado, em seguida esquecendo-se completamente de pegá-la.

– Ah, não! – ele exclamou. – Posso emprestar seu telefone, Pippa? Você tem o número da Keira, não tem?

Ela fez uma cara angustiada. – Eu emprestei para o Raff antes de vir para cá. O dele está quebrado.

– Podemos pedir para ele trazer?

A expressão dela ficou ainda mais angustiada. – Ele foi ver a família dele.

– Então me deixe ligar para ele e pedir para ele mandar o número.

– Cristiano – Pippa disse, parando-o em seu repentino pânico afobado. – Ele está dirigindo agora. Ele não vai atender. Apenas se acalme. Vamos ligar para ele em duas horas, quando ele chegar, está bem?

– Duas horas é muito tempo! – Cristiano exclamou. – Já desperdicei metade do dia no trem. Keira já pode ter decidido ir embora de Paris. Preciso convencê-la a ficar e esperar por mim.

Sabrina suspirou alto, balançando a cabeça. – Sinceramente, Cristiano, você realmente torna a vida mais difícil para você mesmo, não é? Todo esse drama, esse vaivém.

– Eu não seria seu filho se não fosse dramático – Cristiano atirou de volta.

Sabrina sorriu descaradamente. – *Touché*.

– Por que não ligamos para a empresa de trem? – Pippa sugeriu. – Alguém pode ter entregado sua jaqueta nos achados e perdidos.

– Boa ideia – Cristiano respondeu.

Ele caiu com pressa da cozinha e apanhou o telefone fixo no corredor. Ligou para a empresa de trem e descreveu a eles sua jaqueta perdida. Era a que tinha comprado em Nova Iorque. Fazia com que ele se lembrasse de

Keira. Perdê-la era pior, sentimentalmente falando, do que perder seu telefone.

– Sinto muito – o operador disse a ele. – Não recebemos nada coincidindo com essa descrição. Nem o telefone. Você deveria falar com o seu provedor de telefonia para desconectar a linha, no caso de alguém estar usando para ligar para a Austrália ou algo assim.

– Obrigado – Cristiano respondeu, conciso.

Ele desligou e ligou para o seu provedor de telefone, explicando a situação. Eles explicaram que bloqueariam seu telefone por razões de segurança. Então, agora Keira não seria sequer capaz de ligar para o seu número! Ela pensaria que ele havia desconectado a linha para cortá-la. Aquilo estava piorando e piorando.

Ele apressou-se de volta para a cozinha e beijou Sabrina e Pippa em sequência.

– Eu preciso ir – ele disse. – Preciso voltar a Paris antes que Keira vá embora.

– Você deve estar brincando – Pippa disse, balançando a cabeça. – Apenas espere, Cris. Vamos ter o número dela em menos de duas horas, eu prometo.

– Não é só isso – ele disse. – Meu telefone foi bloqueado por razões de segurança. E se ela pensar que eu desapareci de propósito? Não suporto nem pensar isso.

Sabrina bateu o pé em seguida. – Você não pode voltar até lá. Você vai se exaurir!

– Eu não tenho escolha – Cristiano respondeu.

– Ao menos pegue um voo – Pippa disse. – Você não pode passar outro dia em um trem!

– Tem razão – Cristiano concordou, cedendo. Voos de Florença a Paris eram baratos, rápidos e frequentes. Se ele estivesse pensando direito antes, teria pegado um em primeiro lugar.

Ele ligou para a companhia aérea e conseguiu fazer a reserva para um voo saindo em uma hora. Isso significava que em três horas ele estaria de volta a Paris, de volta à cidade em que Keira estava. Ao menos ele esperava que fosse onde ela estava. Keira, pelo que ele sabia, já poderia ter arrumado as malas e partido para Nova Iorque. Se ela tivesse feito isso, ele não tinha ideia do que significaria para eles. Ele só esperava não estar prestes a descobrir.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Eventualmente, Keira voltou ao hotel e foi para o seu quarto. Havia sinais de Cristiano em todo lugar, fazendo seu coração doer ainda mais. Ela deslizou para fora da saia salpicada de sangue e a atirou na lixeira, não querendo vê-la nunca mais, e então se sentou pesadamente na cama e começou a chorar.

A realidade a atingiu com uma clareza dolorosa. Sua carreira estava aos farrapos, seu relacionamento acabado. Partir. Essa era a única coisa que ela poderia fazer agora. Arrumar as malas e pegar um voo de volta à Nova Iorque.

Com a cabeça baixa e o rabo entre as pernas, Keira começou a encher sua mala. Ela não tinha ideia do que fazer com os itens abandonados de Cristiano. Ele não tinha muitos, para começar, mas ela dobrou o que ele havia trazido com ele, colocando tudo dentro de uma sacola. Talvez ela pudesse pedir que o hotel enviasse a ele.

Ela entrou na suíte, evitando olhar para o seu rosto machado de lágrimas, e coletou todos os seus itens de higiene pessoal.

Uma vez que sua mala estava carregada, ela sentiu-se tão exausta que se enrolou na cama. Buscou seu laptop e começou a pesquisar um voo para casa. Percorrer os sites das companhias aéreas fez suas lágrimas caírem novamente.

Em algum ponto, ela deve ter chorado até dormir, porque de repente estava escuro e seu laptop estava quase caindo de seu colo. Ela estava tão infeliz que, de algum modo, tinha dormido o dia todo.

Bocejando, levantou o laptop de volta em posição e atualizou a página. O próximo voo disponível partindo para Nova Iorque com lugares era dali a duas horas. Não demoraria mais do que trinta minutos para que ela chegasse ao aeroporto de táxi, mas Keira não viu sentido em ficar esperando aqui, no triste e solitário quarto de hotel. Sem Cristiano, ele havia perdido toda sua majestade e romantismo.

Ela levantou as cobertas, tremendo imediatamente com o frio no cômodo, em seguida arrastando sua mala arrumada para a porta do quarto do hotel. Sua jaqueta estava pendurada nos ganchos de trás e ela a retirou deles, e então a vestiu. Foi quando ela notou o guarda-chuva que eles tinham dividido, escorado no canto. Eles haviam passado a última dúzia de dias amontoados debaixo dele, absorvendo a visão de Paris lado a lado.

Com tristeza, Keira decidiu deixá-lo para trás. As memórias seriam muito dolorosas.

Ela abriu a porta e saiu. Para sua completa surpresa, ela esbarrou em alguém. Ela recuou, atônita, e olhou para o rosto mais lindo do mundo. Cristiano.

– O que você está fazendo aqui? – ela exclamou. – Pensei que você estava de volta à Itália!

Ele parecia tão atônito quanto ela, parado de pé com sua chave pairando próxima à fechadura. Mas, então, seus olhos arregalados recaíram sobre a mala de Keira.

– Você está partindo – ele disse.

O coração de Keira martelava tão forte que ela conseguia escutá-lo em seus ouvidos. Ela deixou a cabeça cair, seu olhar caindo para os pés. – Estou indo para casa. Marquei um voo de volta à Nova Iorque.

– Não – Cristiano disse. Keira podia ouvir a dor em sua voz. – Elas estavam erradas.

– Quem estava errada? – ela perguntou, confusa.

– Pippa. Minha mãe – ele deu passos para longe dela, passando as mãos pelos cabelos. – Sou tão idiota! Eu sabia que elas estavam erradas.

Keira o observou, uma sensação de angústia a tomando. O que estava acontecendo? Talvez Cristiano tivesse vindo apenas por conta de suas coisas. Ele provavelmente sabia que ela faria o check-out, mas não estava contando que ela fosse demorar tanto. Bem, ela não ficaria no caminho dele por muito tempo.

– Eu empacotei suas coisas – ela disse. – Aqui.

Ela atirou a sacola de roupas através do corredor para ele. Cristiano pegou, parecendo como se ela tivesse lhe atirado uma granada ao invés de uma mala de roupas.

– Você realmente está indo embora? – ele disse, parecendo inteiramente triste, até o topo.

– Preciso voltar para o mundo real – Keira o contou. – Isso não é real.

– O que não é real? – ele perguntou. – Paris?

– Paris. Esse quarto de hotel – ela abriu os braços para abranger os dois. – Nós. É tão falso quanto os telhados naquela sessão de fotos.

Ela pensou na imagem que Nina havia lhe enviado, do céu ensolarado que nunca tinha brilhado sobre eles no mundo real.

Cristiano balançou a cabeça. Ele parecia devastado enquanto ela falava. – Nada foi real? Você e eu?

Keira deu de ombros, sentindo-se horrível. Ela pensou que eles tivessem tirado a constrangedora briga em público do caminho na estação de trem, e na fonte nos Jardins de Luxemburgo. Mas não, Cristiano estava de volta para mais uma rodada, dessa vez no corredor do hotel pretencioso deles.

– Você pode simplesmente me deixar ir embora? – ela disse, com tristeza. – Eu não posso continuar fazendo isso. As brigas. É exaustivo. Eu quero ir antes que um de nós cause danos permanentes.

Ela viu o modo como os olhos de Cristiano caíram para sua mão direita. Ela seguiu a direção do seu olhar e viu os nós dos dedos machucados onde o punho dele tinha colidido com o rosto de Zach. Parecia dolorido e inchado.

– Acho que é tarde demais para isso – Cristiano contou a ela.

Keira desviou o olhar. – Não faça isso. Não faça piadas para escapar disso.

– Não estou – Cristiano respondeu. – Não pretendo. Só não entendo por que você está dizendo que isso não foi real. Quero dizer, isso parece muito real para mim – ele levantou sua mão machucada.

– Está orgulhoso disso ou algo assim? – ela perguntou, enojada. – Porque essa pode ser a forma como as coisas são resolvidas na Europa, mas para mim foi assustador te ver daquele jeito.

– Eu sei – Cristiano disse, e havia real convicção em seu tom. Ele estava claramente envergonhado de suas ações.

– Você poderia ter sido preso – Keira o contou.

– Eu sei – ele disse novamente, parecendo mais envergonhado do que nunca. – Estava ouvindo-o dizer aquelas coisas sobre você, e elas simplesmente fizeram algo sacudir em mim. Foi um modo feio de me comportar.

Ela notou lágrimas brilhando nos olhos dele. Eram lágrimas por tê-la decepcionado, ou por quase ter sido pego?

Ela não queria ficar e esperar a resposta. Começou a andar em direção ao elevador, sua mala pesada se arrastando e atrasando sua fuga. Cristiano pulou para a ação ao vê-la se mover, parando em frente às portas.

– Espere – ele implorou.

– Por quê? – ela exigiu. – Você pegou suas coisas. Eu tenho um voo para pegar. O que sobrou para dizer?

– Não vá.

– Eu preciso ir – Keira disse suavemente. – Você fez sua escolha.

– Não, não fiz – ele disse. – Eu fui teimoso, estava emotivo. Só isso. Eu não estava fazendo uma escolha e não achei que você estivesse realmente me dando um ultimato.

– Se eu estava ou não, isso não é mais um problema, Cristiano. Porque é tarde demais agora. Está se despedaçando, a fantasia. Tivemos algumas semanas perfeitas, juntos, mas agora tivemos duas experiências horríveis consecutivas. O véu escorregou. Posso ver as coisas agora como elas sempre foram.

– Por que você fica falando desse jeito? – ele disse, olhando para ela. – Como se estivemos jogando um jogo. Nada disso foi um jogo para mim. Nada.

Ela podia ouvir a paixão crua na voz dele. – Então o que foi, se não um caso?

– Foi amor – Cristiano a contou, com severidade. – Ainda é amor.

– É? – Keira exclamou. Suas próprias lágrimas caiam agora, quentes e feias.

– Sim! – Cristiano berrou, com um nível crescente de paixão em sua voz. – Eu não agiria tão loucamente se não fosse.

Keira virou-se em seguida, querendo distância dele. A intensidade dele era demais. Estava bagunçando com sua cabeça, com o que ela havia tido tanta certeza, momentos antes. Ela abandonou sua mala ao lado do elevador e marchou de volta pela porta do quarto, ainda aberta. Foi diretamente para as janelas e olhou para as ruas. Pela primeira vez, estavam iluminadas pela luz do sol ao invés de cobertas de água da chuva.

Cristiano seguiu-a para o quarto, parando atrás dela.

– Keira, você nunca escuta o que eu te digo? – ele disse, angustiado. – Quando estávamos na Itália, eu te contei sobre o meu casamento. Meu coração partido. E te contei que não quis mais sair com ninguém depois. Que eu tinha perdido minha fé no amor.

Ela manteve o olhar para fora da janela, mordendo seu lábio trêmulo conforme a memória daquela conversa voltava a ela. Por teimosia, ela não disse nada.

Cristiano agarrou-lhe pelos ombros, girando-lhe para encará-lo. – E então? – ele exigiu. – Você se lembra?

– Sim, eu me lembro – Keira cuspiu de volta, suas lágrimas caindo amargamente.

– Eu te contei – Cristiano disse, sua voz embargada pelas lágrimas. – Que eu só consideraria namorar uma mulher novamente se pudesse vê-la se tornando minha esposa. Eu estava falando a verdade. Isso NÃO é um jogo para mim, Keira.

– Você estava falando o que eu queria ouvir – ela o contou, seu olhar bravo. – Você viu algo em mim, uma vulnerabilidade, e você a usou.

– Usei para qual ganho? – ele exclamou, furioso.

– Eu não sei! – ela gritou. – Sexo? Férias? Uma chance de tirar vantagem de graça?

– Você realmente pensa isso de mim? – ele perguntou, sua expressão era de dor.

Ela não pensava, não de verdade, mas queria se vingar dele por lhe causar tanta dor. Cristiano tomou o silêncio dela como resposta.

– Então o que eu deveria pensar de você? – ele disse. – Você nunca disse que me ama. Você deixou minha família cuidar de você por dias a fio, comeu a comida e bebeu o vinho deles. Eu nunca te acusei de tirar vantagem de graça. Fui eu quem te segui para Nova Iorque, para estar com você. Eu nunca te pedi para ficar na Itália para estar comigo. Sou eu quem mudou a vida toda por você, e você tem a audácia de alegar que só estou fazendo isso para ter férias grátis? Se alguém está vivendo uma fantasia, Keira, é você, porque você está tão iludida que não pode sequer ver o quanto eu te amo.

A cada vez que Cristiano dizia que a amava, fazia a sensação perfurante no coração de Keira um pouquinho mais aguda, um pouquinho mais doída.

– Apenas me deixe ir – ela murmurou, lágrimas borrando sua visão.

Mas Cristiano não a soltaria. – Não. Eu não vou. Porque a única razão de você estar fugindo é porque foi isso que aprendeu quando era criança. Você está fazendo o que seu pai fez. Você mesma disse, você nunca pôde ver seus pais discutindo e resolvendo seus problemas. A única coisa que você conhece é simplesmente ir embora. Mas não vou desistir, Keira. Não vou deixar você escolher a saída mais fácil.

Keira ficou parada, atordoada com as palavras dele. Algo profundo dentro dela, que ela sempre soubera estar lá, mas nunca tinha dado atenção, começou a se mexer. Fugir. Era o que ela fazia, o que sempre tinha feito quando as coisas ficavam muito difíceis. Não era coincidência que seu

relacionamento mais longo – dois anos com Zach – tinha sido com um homem que ela nunca tinha amado. A estabilidade segura daquele relacionamento tinha surgido porque ela não se importava, não de verdade, se ele iria afundar ou não. Sua mágoa quando acabou não tinha sido por perder Zach, mas por ter seu próprio orgulho ferido.

Cristiano estava certo. Ela era a fantasista. Ela tinha teimosamente se recusado a ver os fatos diante dela: Cristiano estava apaixonado por ela, inteira e completamente. Ela tinha passado tanto tempo se preocupando em como ele era muito mais atraente do que ela, que havia falhado completamente em perceber que ele era dela. Todo dela.

– Cristiano – ela murmurou através de seus soluços.

Ela estendeu-se para ele, envolvendo os braços ao redor de seu pescoço e pressionando sua boca na dele. Ele respondeu deslizando os braços para a cintura dela, envolvendo-a com força, como se nunca fosse soltar. O corpo todo dela explodiu com a sensação, como se uma corrente elétrica corresse por suas veias.

Porém, ela podia sentir o gosto das lágrimas dele enquanto se beijavam.

Finalmente, ela se afastou e absorveu a visão de seu rosto manchado de lágrimas. – Eu sinto muito – ela disse intensamente.

– Eu também.

– Eu amo você, sim – ela adicionou. – Muito. Deus, tanto que dói.

Então, ele estava lhe beijando novamente, por todo o seu rosto e pescoço, guiando-a para trás em direção à cama deles.

– Eu te amo, Keira – ele disse entre os beijos. – Eu te amo.

Eles caíram no colchão, presos em um momento de reconciliação intensa e apaixonada. Keira cedendo, abrindo caminho com alívio para a sensação de Cristiano.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Keira acordou na manhã seguinte com um senso renovado de energia. Ao lado dela, Cristiano dormia tranquilamente, enrolado nos lençóis e cobertor. Sua expressão serena havia enfim retornado, e Keira estava contente com isso. Parecia tão certo tê-lo de volta ao seu lado. Ela sentia-se como uma tola por alguma vez ter duvidado disso.

Enquanto estava deitada na opaca luz matinal, Keira percebeu que, em todo o drama, ainda não havia contado a ninguém que ficaria em Paris. Lembrou-se com horror da maneira como falara com Nina ontem. Um pedido de desculpas era necessário, e Nina era a primeira pessoa de sua lista para ligar.

Keira levantou as cobertas e foi até a varanda com seu celular. Seria início de tarde em Nova Iorque, ela pensou ao chamar o número de Nina.

Nina atendeu depois de alguns toques. – Keira – ela disse em um tom cortado.

– Desculpe – Keira proferiu imediatamente. – Eu não quis dizer aquilo. Eu não me demito.

Nina ficou em silêncio por um momento. Finalmente, ela falou. – Eu sei. Eu sempre soube que você não se demitiria. Mas você precisa parar de fazer isso.

– Fazer o quê?

– Agir como uma pirralha. Sou sua amiga, mas também sua colega. Você tem ideia do que causa à minha carga de trabalho quando simplesmente estala os dedos e decide que não quer mais fazer isso?

Keira sentiu um aperto no peito. Sentia-se péssima, não apenas pelo modo como tinha falado com Nina, mas pelo fato de tê-la decepcionado como amiga. Ela merecia essa reprimenda.

Mas Nina não tinha terminado ainda...

– E pelo amor de Deus, Keira – ela continuou. – Fale o que você pensa! Por que você sempre deixa as pessoas te puxarem e empurrarem? Você não é mais uma estagiária. Não é um capacho. Você é uma escritora da equipe sênior agora! Se existe algo que queira, negocie. Não fique só sentada de mau-humor porque não conseguiu que as coisas fossem do seu jeito.

– Tudo bem – Keira disse a ela. – Entendo.

Nina estava certa, mas não era como se ela ou Elliot facilitassem para que ela conseguisse o que queria nessas tarefas. E tudo era tão novo para

ela. Ela estava acostumada a se esforçar, ainda não sabia o seu valor.

– Já terminou? – Keira perguntou, amassando seu rosto em preparação a mais repressão.

Mas Nina apenas suspirou. – Sim, terminei.

– Posso dizer que sinto muito agora?

Nina exalou alto, indicando que estava menos do que empolgada, e certamente não havia superado ainda. Eventualmente, ela respondeu. – Claro. Está no passado.

– Obrigada – Keira disse a ela, de todo coração.

Fez-se uma breve pausa antes de Nina falar outra vez. – Deixe-me adivinhar. Você fez as pazes com Cristiano?

Keira olhou através da janela da varanda, para o quarto escuro e o contorno lindo e perfeito de Cristiano na cama. – Sim – respondeu com um suspiro sonhador. – Ele voltou.

– Que bom – Nina respondeu. Em seguida, rapidamente adicionou – E não estou dizendo isso do ponto de vista narrativo. Realmente estou feliz por você ter se resolvido com ele. Vocês dois são bons juntos.

– Obrigada, Nina – Keira disse, sorrindo.

– Agora vá e me escreva um maldito artigo! – Nina berrou.

Keira riu alto enquanto a ligação era encerrada. Estava aliviada por Nina tê-la perdoado. E também aliviada por ainda ter um emprego na *Viatorum!*

A próxima na lista de Keira era sua mãe. Mallory tinha estado bastante preocupada com ela da última vez em que conversaram, então merecia saber que tudo estava bem.

Como sempre, sua mãe atendeu a ligação imediatamente.

– Já tomou uma decisão sobre Paris? – Mallory perguntou.

– Sim. Vou ficar. Cristiano voltou.

Keira podia praticamente ouvir o sorriso na voz de Mallory. – Eu sabia que ele voltaria! – ela murmurou, com animação. – Estou aliviada. Então tudo está de volta ao normal?

Keira sorriu com malícia. Nada na vida dela era normal! Mas ela sabia o que sua mãe queria dizer. – Sim. Tudo de volta aos trilhos.

– Acho que isso significa que não estará aqui para o Dia de Ação de Graças, então? – Mallory perguntou, sua voz soando pesarosa.

Keira sentiu-se mal por bagunçar com sua mãe daquela forma. Não era justo. Mas sentia que tinha muito a compensar à Viatorum agora, e deveria

realmente se comprometer em escrever o melhor artigo que pudesse. – Sinto muito, mãe – ela disse.

– Está tudo bem – Mallory respondeu, com tristeza. No entanto, em seguida seu tom alegrou-se novamente. – Agora, volte a ter uma temporada mágica em Paris. Estou sempre aqui se precisar de mim.

– Obrigada, mãe – Keira respondeu, sentindo um puxão em seu coração por ela. Não era com frequência que ela sentia saudades de sua mãe, mas sentia naquele momento.

Encerraram a ligação e Keira tomou uma respiração profunda, repassando mentalmente a lista de pessoas que precisava bajular. Em seguida, decidiu falar com Pippa. Se não fosse por ela, Cristiano provavelmente nunca teria voltado. Arrastá-la dramaticamente para a linha de frente dos infortúnios de seu relacionamento não fora divertido para nenhum deles. Na realidade, agora, à frieza da luz do dia, Keira sentia-se bastante envergonhada por ter envolvido Pippa em primeiro lugar. Foi apenas por desespero. Ela esperava nunca precisar fazer aquilo de novo!

Encontrou o número armazenado em seus contatos e iniciou a chamada. Para sua surpresa, foi Raff quem atendeu. A proficiência dele em inglês era bastante medíocre, então eles se atrapalharam em uma conversa antes de se despedirem.

Logo depois, Cristiano saiu para a varanda.

– Por que Raff está com o telefone de Pippa? – Keira perguntou.

– Ah, sim, não lembro o porquê. Algum problema complicado com o dele. Por que está ligando para Pippa? – ele bocejou e alongou os braços acima da cabeça, exibindo seu físico tonificado.

– Para agradecê-la por te mandar de volta para mim – Keira o contou, sorrindo.

Ele estendeu-se até ela em seguida, envolvendo-a em seus braços quentes e fortes.

– Sim – ele murmurou em seu cabelo. Beijou a cabeça dela. – Ela é sábia além de seus anos.

– Devíamos comprar um presente para ela – Keira riu.

Cristiano riu também. Era tão bom aos ouvidos de Keira ouvir o som musical de sua felicidade novamente. Ela tinha sentido falta de sua risada alegre e fácil.

– Bem, você sabe que mal fizemos compras desde que chegamos aqui – Cristiano respondeu. – Tudo o que fizemos foi observar arte, absorver as

vistas majestosas, comer croissants... – ele titubeou pela lista de experiências incríveis em uma voz sarcástica e entediada, fazendo Keira dar risinhos. – Mas não tivemos tempo para a terapia das compras!

– Então precisaremos mudar isso – Keira comentou.

Ela apanhou o mapa que Heather havia providenciado para eles vários dias atrás e o espalhou sobre a mesa de bistrô. Estava tão usado agora que estava ficando sujo e com orelhas.

– *Les Grands Magasins* – ela disse, apontando para o nono *arrondissement*. Era onde o Moulin Rouge estava localizado, mas eles não tinham voltado lá desde aquela primeira noite de ostentação glamorosa. – Depois, podemos assistir à Ópera à noite!

Os olhos de Cristiano se arregalaram. – Ou ir ao distrito da luz vermelha? – ele disse, piscando.

Keira jogou a cabeça para trás e riu. – Está tentando me dizer alguma coisa, amor? Não sou excitante o bastante para você?

Cristiano ofereceu-lhe uma expressão arrebatada. – Você é tudo o que preciso e muito mais.

Eles beijaram-se profunda e apaixonadamente. Keira sentia como se as coisas tinham voltado ao normal entre eles, de volta a como tinham sido antes mesmo da primeira briga por causa de Shane. Na realidade, parecia ainda melhor do que fora. De alguma forma, atravessar a briga e chegar intacta do outro lado lhe fazia sentir mais próxima de Cristiano. Fazia com que sentisse que seu relacionamento tinha se fortalecido por ter resistido à primeira tempestade. E aquela preocupação toda que tivera em manchar seu relacionamento perfeito! Estivera colocando tantas expectativas ridículas no amor deles, esperando que tudo fosse uma navegação perfeita, quando na realidade as brigas eram parte do percurso, parte do que é o amor real.

Eles escolheram dois lugares para comer com distância igual entre suas paradas, depois entraram e se aprontaram para outro dia nas ruas chuvosas de Paris. Uma vez lavada, vestida, seca e arrumada, Keira pegou o guarda-chuva ao lado da porta. Ela estava tão contente por seu amigo fiel estar tendo outra chance de ser colocado para uso. E estava mais que aliviada por ela e Cristiano ainda terem outra chance de se amontoarem debaixo dele juntos, entrelaçados como amantes, compartilhando o calor corporal um do outro, sincronizando seus passos e batidas do coração enquanto juntos criavam memórias nas ruas parisienses que durariam uma vida inteira.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Chegaram às Les Grands Magasins, a área que vangloriava três dos mais históricos shoppings de Paris. Mas, é claro, tratava-se de shoppings com um toque especial, um toque bem francês. Da atmosfera elétrica aos produtos luxuosos, da arquitetura de tirar o fôlego ao senso histórico, estar aqui parecia tão espetacular para Keira quanto visitar qualquer um dos monumentos famosos.

Eles passearam primeiro pelo Le Bom Marché, maravilhando-se com as escadas rolantes em design cruzado e o incrível teto geométrico de vidro em amarelo e preto, ainda mais impressionante pelo fato de ter mais de 150 anos. Na La Grande Epicerie, eles experimentaram muitos produtos culinários diferentes do mundo todo.

Depois, foram à Printemps, que vangloriava uma cúpula cintilante de design generoso, com torres de observação no telhado. Eles examinaram os corredores imaculadamente limpos e todos os produtos luxuosos à mostra, desde bolsas até echarpes e perfumes.

– Eu provavelmente deveria comprar um presente para Bryn também – Keira disse, prolongando-se nos perfumes. – Estamos um pouco brigadas.

Cristiano deu um olhar sarcástico. – Sério? Mas não consigo imaginar vocês duas brigando!

Keira riu e deu um tapinha alegre no peito dele. Ela cheirou diversos perfumes e então encontrou um com cheiro sensual, comprando-o e prestando o mínimo de atenção possível ao preço alto de chorar.

Eles foram depois para as Galeries Lafayette, a loja de modas com design em Art Déco. Cinco andares inteiros de roupas!

– Vamos comprar roupas elegantes e novas para a ópera hoje à noite – Cristiano disse.

Keira sorriu de orelha a orelha. Ela adorava ver que as brincadeiras dele tinham retornado.

– Está bem, vamos!

Eles apressaram-se pela loja, encontrando roupas requintadas para experimentar. Keira escolheu um vestido justo verde-escuro que abraçava sua figura e chegava até o chão. Cristiano escolheu um terno azul-marinho muito elegante.

– Mal posso esperar para vestir isso hoje à noite – Keira irradiou alegria.

O próximo corredor continha algumas joias lindas e Keira não pôde evitar parar, observando os lindos anéis de cristais e colares de diamantes incrustrados.

– Talvez devêssemos dar algo assim para Pippa – ela disse, apontando para um colar prateado brilhante.

Quando não recebeu resposta, ela olhou ao redor e percebeu que tinha se afastado de Cristiano. Ele tinha parado e estava olhando para uma caixa de vidro de alianças. Ela foi até lá e lhe pegou pelo braço.

– Querido, venha olhar os colares – ela disse.

Cristiano veio, mas pareceu quieto enquanto a seguia. Keira não pensou muito nisso.

– Olhe – ela anunciou, mostrando-lhe o colar em particular que tinha notado para Pippa. – Você acha que ela vai gostar?

– Sim – ele respondeu, assentindo. Mas seu foco parecia estar em outro lugar.

Keira rolou os olhos. – Tudo bem, eu entendo. Você é homem. Todas as joias parecem iguais para vocês – ela riu. – Bem, eu acho que ela vai amar. Vou comprar.

– Claro – ele respondeu.

Ela foi até o caixa e adquiriu todos os itens, sem permitir que sua mente convertesse o custo de euros para dólares. Era melhor não pensar nisso! Em seguida, ela reuniu-se com Cristiano.

– Você deve estar com fome – ela disse a ele. – Está com uma expressão vidrada.

– Desculpe – ele disse, seguindo-a para fora da loja como se estivesse atordoado.

Uma vez fora das luzes brilhantes, de volta às ruas chuvosas de sempre, Cristiano pareceu voltar ao momento presente. Eles caminharam debaixo do guarda-chuva, de braços dados, até encontrarem um café que tinham escolhido para almoçar. Era outro lugar pequeno, cheio até o limite de mesas de madeira, com um piano desgastado abarrotado em um canto. Cada centímetro das paredes era adornado com um pôster ou quadro. As janelas estavam vaporizadas, obscurecendo a visão das ruas chuvosas do lado de fora.

Eles encontraram uma mesa e se sentaram, olhando um para o outro com mais adoração do que nunca. Keira estava nas nuvens. Tudo parecia perfeito agora. Ainda melhor do que antes. Ela nunca tinha sentido emoções tão

intensas por uma pessoa. Seu amor por Cristiano havia a levado para um lugar inteiramente novo.

– Vamos ter um dos nossos almoços com aventura? – Cristiano disse. – Com vinho...

– E queijo.

– E *gateaux*.

Ambos riram.

Keira examinou o cardápio com os olhos, buscando por algo novo e empolgante. Ela percebeu ao fazê-lo que definitivamente tinham vindo ao lugar certo. Esse cardápio era para locais, não para turistas, ofertando o tipo de comida que a aterrorizava só de pensar em comer!

– Hum, está bem então, posso pedir *bulots* – ela disse, referindo-se ao prato de caracóis que ainda não tinha experimentado.

– São mais ou menos como mexilhões – Cristiano contou a ela. – Nada a temer.

Ela assentiu. – Mas eu poderia ser ainda mais aventureira.

– Mais que caracóis? – ele perguntou. – Não me diga que vai pedir o pombo!

Ela balançou a cabeça. – Na verdade, eu estava tentada a experimentar o *pieds de cochon*. *Cochon* é porco, certo?

Cristiano começou a rir. – Sim, mas você sabe o que significa *pied*?

Keira não sabia. Ela olhou para ele com expectativa.

– Significa pé – ele a contou. – Esse prato é pé de porco.

Bem, aquilo certamente tirava um pouco do apelo para Keira. Mas certamente o gosto seria como de bacon? Porco era porco, afinal, de qualquer pedaço do porco que viesse.

– Não estou com medo – ela o contou, com audácia. – Vou pedir isso!

Cristiano riu. – Estou orgulhoso de você. Mas, é claro, sou competitivo e não vou ficar para trás.

Ela assistiu, divertindo-se, enquanto ele procurava no cardápio, claramente tentando encontrar o item mais exótico nele.

– *Ris eu vie* – ele anunciou, finalmente.

– O que é isso? – Keira perguntou.

– Talvez você conheça como pão doce – ele disse. – Mas não tem nenhum pão nele – ele sorriu diabolicamente. – É pâncreas de vitela.

– Ah, Deus – Keira gaguejou, seus olhos se arregalando. – Você realmente vai pedir isso?

– Por que não? – ele disse, sorrindo. – Órgãos são deliciosos. Apenas parece assustador. Especialmente em inglês. Mas "*ris eu vie*" soa muito melhor, e muito menos assustador.

Keira não conseguia parar de rir. Cristiano realmente a fazia sorrir.

Eles pediram a comida ao garçom, juntamente com uma garrafa de vinho.

Quando a comida chegou, certamente não parecia assustadora. Keira pegou uma garfada de carne e ficou agradavelmente surpresa, e inteiramente deleitada.

– É parecido com joelho de porco – ela contou a Cristiano conforme a carne derretia em sua boca. – Talvez um pouco gorduroso, como bacon, mas eu não me importo.

Era a vez de Cristiano. Keira assistiu de olhos arregalados e nariz enrugado em antecipação. Cristiano mastigou, assentindo com a cabeça.

– O sabor é moderado – ele a contou. – Um pouco como bacon.

– Sério? Eu não estava esperando isso.

Ele produziu um som como se sugerisse estar agradavelmente surpreso. – Sim. E a textura é mais próxima de vieiras.

Felizes com suas seleções, Keira e Cristiano continuaram comendo, dando goles no excelente vinho que haviam comprado juntamente com as refeições. Uma vez que tinham terminado, pediram queijos de sobremesa.

– Eu nunca vou caber no meu vestido da ópera agora – Keira riu.

Eles terminaram de comer e saíram do café caloroso e romântico, mais uma vez saindo para as ruas frias e chuvosas.

– Quanto tempo até a ópera começar? – Keira perguntou a Cristiano enquanto saltava ao lado dele, agarrando seu braço como uma criança animada. O vinho talvez tivesse sido um pouco mais forte do que ela estava esperando.

– Tempo suficiente para conferir algumas das igrejas próximas – ele disse, quase como se lesse sua mente.

Eles foram em direção ao norte para a *Eglise de la Trinité*. Do lado de fora, parecia quase uma ruína, suas paredes de pedras parecendo mais antigas do que seus 150 anos. Porém, por dentro, era impressionante. Ao invés do chão marmorizado e obras de arte em mosaicos religiosos aos quais Keira tinha se acostumado, o interior era todo de colunas brancas que levavam até o telhado pontiagudo. Luzes douradas estavam penduradas no teto, iluminando todo o lugar, dando a ele uma qualidade de sonho.

– Agora, *esse* é o lugar que eu gostaria de me casar – Keira transbordou, rodopiando no lugar.

Ela parou de girar e olhou para Cristiano. Ele estava a observando com um sorriso conhecedor.

– O quê? – Keira perguntou.

– Nada – ele disse, balançando a cabeça, com um sorriso maroto para si mesmo. – Você só está muito bonita nessa luz.

– Uau, obrigada – ela respondeu, andando até ele e o beijando suavemente.

Eles interligaram os dedos e continuaram seu passeio pela linda igreja.

Quando terminaram, tinham apenas tempo suficiente para caminhar para a Chapelle Expiatoire, uma pequena igreja dentro de um parque que fora construída para Maria Antonieta. O interior era quase uma réplica em miniatura da igreja que eles tinham acabado de sair.

– Esse também seria um lugar adorável para casar – Keira devaneou. – Para quem quiser algo um pouco mais íntimo.

Eles saíram de novo para o parque em torno da capela. Era pequeno, mas lindamente projetado, forrado de bancos e lâmpadas de rua. Dava uma sensação de tranquilidade, com as árvores fornecendo uma barreira entre as ruas movimentadas.

– Esse seria um agradável para escrever – Keira disse a Cristiano. – Mas obviamente não enquanto está chovendo.

Ela percebeu, então, como sua experiência de Paris havia sido diferente em comparação à Itália, onde tinha passado mais tempo escrevendo ao ar livre, no glorioso brilho do sol. Aqui, no entanto, ela tinha sido forçada para dentro pelo clima, escrevendo geralmente em sua escrivaninha no hotel ou ocasionalmente em cafés. Ambas eram experiências agradáveis, e ambas intrinsecamente ligadas a sua localidade.

– Precisamos achar algum lugar para nos trocarmos para a ópera – Cristiano disse. Ele vinha carregando a sacola de compras o dia todo.

Keira apontou para uma fileira de arcos atrás da capela.

– De jeito nenhum – Cristiano riu. – Você quer se trocar aqui?

Keira piscou, com audácia. – Por que não?

Ela pegou a sacola e se agachou para fora do guarda-chuva, correndo através da chuva para os arcos. Olhou por cima do ombro enquanto ia, vendo Cristiano balançando sua cabeça jovialmente e a seguindo a passos mais lentos.

Uma vez fora da chuva, Keira rapidamente tirou a jaqueta e começou a desabotoar seu jeans.

– Não acredito que estamos fazendo isso – Cristiano murmurou, agora sem camisa.

Keira arrepiou-se ao deslizar para fora das roupas. Em seguida, dançou para dentro de seu lindo vestido de seda verde. Ela olhou para Cristiano, as bochechas dela corando com o frio e a pressa. Ele estava olhando para ela, parecendo atônito.

– O quê? – ela perguntou, um pouco ofegante pelo esforço.

– Você é simplesmente tão linda – ele respondeu.

Keira ruborizou e se aproximou dele, ajudando-lhe a abotoar sua camisa. Os dedos dela moveram-se por sua pele morna e macia. A respiração quente dela curvava-se esbranquiçada no ar gelado. Ela levantou o olhar para Cristiano. Ele envolveu as mãos nas dela e, pela primeira vez, ela viu algo novo na expressão dele. Ele não olhava para ela com luxúria ou desejo, mas com algo mais intenso, mais apaixonado. Era quase melancolia. Keira nunca tinha visto aquilo antes, mas sabia o que era instantaneamente. O olhar do amor.

Ele inclinou a cabeça e ela se ergueu nas pontas dos pés, suas bocas encontrando uma a outra, seus braços se apertando em volta do corpo um do outro. Naquele momento, Paris inteira se dissipou.

*

A ópera que eles veriam esta noite era chamada Mireille. Keira não tinha ouvido falar, mas era baseada em um poema sobre amantes desafortunados de Frédéric Mistral, que parecia apropriada. Eles aguardaram do lado de fora do local, que era tão impressionantemente grandioso e lindo quanto qualquer prédio de Paris, mas foi quando entraram que Keira ficou realmente espantada.

Eles estavam de pé em um saguão cavernoso de frente para uma ampla escadaria de pedra, seus degraus rasos dividindo-se no meio e saindo em direções opostas. Era tão lindamente projetada que quase parecia que a pedra naturalmente escorrera na forma de uma escadaria, como água viscosa. As balaustradas, correndo por cada um de seus lados, eram feitas de madeira e mármore, e havia pequenas varandas em cada andar com vista

para o salão principal. Pessoas amontoavam-se segurando taças de vinho, olhando por cima das varandas para todos lá embaixo.

Keira estava sem palavras ao olhar ao redor para como o prédio era magnífico. Era o tipo de lugar que ela esperava que apenas a realeza tivesse permissão de entrar, e estar aqui com Cristiano tornava aquilo mais especial.

Eles compraram vinho no bar, depois entraram no teatro, que era todo de veludo vermelho e colunas douradas. Por todas as laterais havia camarotes de onde os ricos e famosos poderiam assistir com privacidade.

– Isso é insano – Keira contou a Cristiano enquanto tomavam seus assentos. – Eu jamais imaginei em um milhão de anos que estaria em um lugar assim – ela ligou seus dedos nos dele. – E com um homem como você ao meu lado.

Ele sorriu para ela, calorosamente, com os olhos cheios de amor, e depois tiniu sua taça contra a dela.

O teatro encheu lentamente, depois as luzes esmaeceram e o burburinho da multidão se aquietou. A cortina subiu e a apresentação começou, em uma explosão de som e música.

Keira nunca tinha visto uma ópera antes e era muito mais teatral do que ela havia esperado. Mesmo que ela não pudesse entender as palavras cantadas, ela conseguia acompanhar vagamente o enredo apenas com os cantores no palco, seus figurinos incríveis e o cenário empolgante atrás deles. Era absolutamente empolgante, fascinante, e ela assistia com atenção arrebatadora conforme a ópera se movia por seus cinco diferentes atos. Quando chegou ao fim, Keira tinha lágrimas tremeluzindo no canto dos seus olhos.

– Você gostou? – Cristiano perguntou a ela, secando as lágrimas dela com seus dedões.

– Desculpe, não sei por que estou tão emotiva – ela riu. – Foi incrível.

Ele assentiu. – Eu também achei comovente.

Eles levantaram de seus lugares, coletando suas coisas, e saindo para as ruas. Estava escuro agora, e Paris tornava-se ainda mais deslumbrante quando todas as luzes noturnas estavam acesas. Passearam lentamente em direção ao local do jantar, pegando a rota ao longo do Sena.

Keira achava a água negra hipnótica. Era o mais romântico que Paris parecera em toda a viagem.

Eles chegaram ao restaurante e Cristiano abriu a porta para ela, permitindo que ela saísse da chuva antes. Era o maior e mais grandioso restaurante que eles tinham estado até então, com espaço suficiente para ao menos cem clientes, sem nenhuma janela embaçada em vista. Em vez disso, o interior incluía uma fabulosa parede espelhada e madeira trabalhada em Art Nouveau.

Eles foram levados até sua mesa e, mais uma vez, experimentaram uma refeição maravilhosa com sabores requintados, carnes exóticas e vinho magnífico.

Embriagados, voltaram ao hotel. Keira estava tão feliz que poderia ter dançado pelas ruas.

Quando chegaram, eles tombaram para a cama, mais apaixonados do que nunca.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

– Passeio das Pontes! – Keira exclamou.

Ela estava sentada diante de seu laptop, na escrivaninha na janela, escrevendo seu artigo e esperando Cristiano acordar, o que ele tinha acabado de fazer.

– Alguém está animada – ele murmurou, enquanto ligava a chaleira elétrica para preparar o café matinal deles.

– É claro que estou animada – Keira o contou. – É dia do passeio das pontes.

Cristiano riu. – E o que é isso, exatamente?

– Estávamos conversando no outro dia sobre não termos passado por muitas pontes, e já que Paris está cheia delas, pensei que poderíamos fazer um passeio. No Canal St. Martin há várias, e já que não fomos lá ainda, imaginei que poderíamos fazer o passeio lá. O que você acha?

– Eu acho que você é doida, mas muito fofa – ele respondeu.

A água na chaleira ferveu e Cristiano encheu a cafeteira.

– É uma caminhada de apenas vinte minutos – Keira adicionou. – Apesar de precisarmos de mais tempo para atravessar todas as pontes, tirar fotos e brincadeiras em geral.

Cristiano abafou o riso e serviu o café para ambos. Trouxe o de Keira até ela, colocando-o sobre o porta-copos ao lado do laptop, beijando sua testa depois. Ela sorriu para ele, cheia de amor.

– Isso tudo parece ótimo – ele disse. – Mas você levou o café da manhã em consideração?

Ela revirou os olhos. – É claro que sim – ela pegou o fiel mapa e apontou para o local que havia circulado. – Vamos neste. Tudo bem por você?

– Qualquer lugar está bom para mim, desde que sirva café e croissants.

Ela fez som de *tsc*. – Em pensar que há apenas duas semanas você era um homem do bagel.

Cristiano soltou uma de suas grandes risadas roucas. Keira sorriu, feliz por saber que tudo estava de volta ao normal entre eles.

Eles beberam seus cafés e se prepararam para o passeio matinal. Era outro raro dia sem chuva, mas Keira não suportava a ideia de deixar o guarda-chuva deles para trás, então o levou com ela. Eles saíram do hotel, para as ruas parisienses (secas, pela primeira vez).

O canal começava na fronteira do Marais – o bairro onde eles atualmente se hospedavam – e do décimo *arrondissement*, então era apenas uma curta caminhada até seu início. Imediatamente, havia uma ponte fofa que consistia inteiramente de degraus com corrimãos de ferro dos lados.

– Eba! Passeio na ponte! – Keira exclamou, arrastando Cristiano para a ponte.

Uma vez no centro, ela puxou sua câmera e o fez posar para uma foto, com toda a vista do canal atrás deles.

Mal tinham andado por cinco minutos ao longo do canal pavimentado e arborizado quando chegaram à próxima ponte.

– Hum, Keira – Cristiano disse. – Tenho a sensação que há várias delas. Vamos caminhar muito em pontes hoje!

Ela ofereceu um olhar. – Obviamente. Não seria um passeio se não tivesse um monte delas.

– E você quer atravessar todas elas?

– Por que não? – ela deu de ombros.

Eles desceram os degraus da segunda ponte, que Keira precisava admitir ter o design exatamente igual ao da última ponte. Posaram para outra foto no topo, depois atravessaram para o outro lado, agora de volta ao lado da rua que originalmente tinham começado.

– Tenho a sensação que vou ficar muito tonto hoje – Cristiano disse.

– Talvez – ela disse.

Eles andaram a passos lentos em silêncio, absorvendo a vista de um autêntico bairro parisiense com prédios de apartamentos bem normais. Era uma mudança com relação à arquitetura grandiosa e opulente a qual eles tinham se acostumado.

– Lá está sua próxima ponte – Cristiano disse, apontando adiante.

Essa era diferente das outras. Havia uma plataforma de pedra levando até uma ponte de ferro verde clara.

– Essa é uma ponte de cinema, se é que eu já vi uma – Keira disse enquanto caminhavam até o centro.

Tiraram outra foto. Ela notou que Cristiano parecia um pouco quieto.

– Você está bem? – ela perguntou. – O meu passeio das pontes está te aborrecendo?

Ele sorriu e balançou a cabeça. – Só estou com um pouco de fome, só isso.

– Claro – ela apontou adiante. – Ali está nosso café.

Eles apressaram-se para a parada do café da manhã. Mais uma vez, era um pequeno bistrô realmente lindo, um tanto mais quieto do que os cafés nos lugares turísticos mais carregados. A decoração era chique; consistindo de uma série de cabines em madeira nas laterais, o centro estava cheio de uma coleção de mesas e cadeiras retros, sem pares e de segunda mão. Havia grandes plantas tropicais de folhas enormes por todo o lugar, e obras de arte modernas nas paredes. Eles escolheram lugares em uma cabine, aguardando o garçom vir e retirar seu pedido habitual de café e croissant.

Um homem de barbas e gorro veio até eles.

– Bom dia – ele disse, em inglês.

Keira imediatamente ouviu seu sotaque americano. Aqueceu-se em ouvir um pedacinho de casa. Mas também foi atingida por uma repentina pontada de saudades de casa. Ela geralmente não sentia saudades da família, mas agora, de repente, sentia.

– De onde você é? – Keira perguntou a ele, intrigada.

– Oregon. Você é de Nova Iorque, imagino – ele disse, sorrindo.

Keira assentiu. – Sim. Há quanto tempo você mora aqui?

– Uns dois anos, agora – ele a contou.

– Sente falta de casa? – ela perguntou, sentindo sua própria saudade da terra natal aumentar.

– Claro – ele disse. – Especialmente nessa época do ano.

Ela assentiu, compreendendo inteiramente. Com o canto do olho, ela avistou Cristiano. Ele parecia um pouco impaciente.

– Desculpe, vamos fazer o pedido – ela apressou-se em dizer. – Café e croissants, por favor.

– Uh – o cara disse. – Não fazemos croissants. Desculpe. É um cardápio com uma espécie de fusão franco-americana.

Keira olhou para o cardápio pela primeira vez. Não havia nada nele que fosse particularmente francês.

– Vou querer o burrito de café da manhã – ela disse, dobrando o cardápio.

Cristiano pareceu levar um longo tempo para decidir. Finalmente, ele suspirou e disse: - O mesmo. Obrigado.

O garçom foi embora e Keira mordeu o lábio, preocupada com a atitude de Cristiano.

– Eu acho que esse lugar é um pouco moderninho demais para nós – ela sussurrou por cima da mesa.

Estava cheio de pessoas descoladas cobertas por tatuagens. Mais que Keira, Cristiano parecia desconfortável e deslocado. Ela sentiu-se mal por tê-lo arrastado em seu passeio pelas pontes. Ela apenas estivera um pouco empolgada em excesso.

– Não precisamos continuar caminhando pelo canal – ela adicionou. – Se você prefere fazer outra coisa.

Cristiano balançou a cabeça. – Estou bem. Pare de se preocupar.

Ela lembrou-se de como as coisas tinham ficado estremecidas depois da primeira briga deles. Talvez Cristiano estivesse apenas encontrando seu alicerce novamente. Ela não deveria empurrá-lo demais, mas apenas dar tempo para que ele resolvesse as coisas em sua mente.

O telefone dela vibrou em seguida, e ela olhou para ele. Bryn tinha mandado uma foto de um ornamento para o Dia de Ação de Graças do qual ela parecia estar orgulhosa. Keira sorriu, mas sentiu uma pontada de tristeza.

– O que é? – Cristiano perguntou.

Ela mostrou a foto. – Estou triste por perder o Dia de Ação de Graças esse ano – Keira admitiu.

Então, lembrou-se da conversa que teve com Nina na manhã anterior, sobre pedir o que ela queria, não deixar que fosse puxada e empurrada por aí. De repente, foi atingida pela inspiração.

– O que você acharia de passar o Dia de Ação de Graças em Nova Iorque? – ela perguntou a Cristiano.

Ele franziu a testa. – Você quer dizer, encurtar nossa viagem?

Ela deu com os ombros. – Por que não? Eu quase acabei meu artigo e, sei lá, já não vimos tudo o que eu queríamos? Você não está exatamente amando o passeio pelas pontes!

– Não é isso, já te falei – ele disse, soando um pouco zangado. – Mas você sabe que eu adoraria passar mais tempo com a sua família. E eu mal pude ver Nova Iorque, então ainda pareceriam férias para mim – um pequeno sorriso apareceu nos lábios dele.

Keira sentiu uma pequena onda de animação. Estivera tão resignada a fazer as coisas do jeito da *Viatorum* que não havia considerado de fato pedir algo deles, mas Nina tinha a feito perceber que era isso que ela deveria estar fazendo.

Ela pegou seu celular e buscou o número da revista em seus contatos.

– O que está fazendo? – Cristiano perguntou.

– Vou pedir ao Elliot voos para casa para amanhã.

– Amanhã? – ele exclamou, seus olhos se arregalando. – É muito cedo!

– É o único jeito de chegarmos lá a tempo – ela o contou, ouvindo o toque do outro lado.

Ela não podia ter certeza, mas parecia que a ideia de partir amanhã estava causando pânico em Cristiano. Ela não sabia por que, e a paranoia começou a tomar conta.

– Você não precisa vir – ela adicionou. – Se não quiser. Sempre podemos arranjar outra hora para você estar em Nova Iorque. Não precisamos ficar grudados pelos quadris.

– Eu quero ir – ele disse, com confiança e determinação.

A ligação conectou em seguida, e Keira ouviu a voz de Elliot. Perfeito. Exatamente o homem com quem ela precisava falar.

– Queria te pedir um favor – Keira o contou. Então, ela balançou a cabeça. – Não um favor, não é a palavra certa. Gostaria de negociar minha data final aqui.

– É? – Elliot disse, soando um pouco surpreso.

– Eu gostaria de passar o Dia de Ação de Graças com a minha família. Não quero trabalhar nesse dia. Não é certo. Eu deveria estar com a minha mãe.

Houve uma pausa. Keira rangeu os dentes, preocupada em ter ultrapassado a linha, ou que Nina tivesse julgado mal o quanto ela importava para a revista.

– Você obteve material suficiente para o seu artigo? – ele perguntou.

– Sim, eu acho – ela respondeu, então se corrigiu. – Eu obtive.

Houve mais uma longa pausa. Finalmente, Elliot respondeu. – Tudo bem. Vou pedir que Heather reserve os voos para casa para você.

– Para nós dois – ela adicionou. – Cristiano e eu.

– Para vocês dois – ele repetiu, soando um pouco desconcertado. Mas isso era de se esperar. Qualquer coisa que custasse dinheiro à revista era um aborrecimento para Elliot, sua mente estava sempre nos números, nos lucros, nos gráficos, no balanço final. Isso não significava que ela não merecesse ser beneficiada pelos lucros às vezes!

– Obrigada – ela disse.

A ligação foi encerrada e ela olhou para Cristiano, sorrindo. Não era com frequência que ela conseguia o que queria só por pedir. Era empolgante ter alcançado aquilo.

– Partiremos amanhã, então? – ele perguntou.

– Sim – ela disse. – Tudo bem, não?

Ele assentiu, mas sua expressão parecia sugerir algo diferente. Ele parecia estressado.

– Você acha… - ele começou, em seguida parando e reunindo seus pensamentos. – Você acha que conseguiremos arranjar um apartamento quando estivermos lá?

– Ah, você não está ansioso para dormir na minha mãe ou na Bryn de novo? – ela deu risinhos.

– Estou falando sério – Cristiano disse. – Quando estivermos de volta à Nova Iorque, é lá que as coisas realmente começam para nós?

Ela franziu a testa, pensativa. – O que você quer dizer?

– Quero dizer que preciso de um emprego em algum momento. Criar raízes. Isso será em Nova Iorque, com você?

De repente, ela percebeu porque Cristiano estivera tão quieto, tão distraído. Ela havia o forçado, inadvertidamente, a pensar no futuro, o futuro deles, e como ele pareceria.

– Pensei que estivéssemos vivendo no momento – ela o contou. – Não era até onde o plano precisava ir?

Ele assentiu, mas não foi muito convincente. – Quando estava na Itália, conversei com Pippa e minha mãe.

Ela estremeceu, não querendo pensar em como fora horrível quando ele foi embora, quando ela pensara que tudo havia acabado entre eles. – Certo... – ela incitou, induzindo-o a continuar.

– E elas mencionaram algo. Que eu deveria casar com você.

Os olhos de Keira alargaram-se em surpresa. Não era onde ela esperava que a conversa fosse.

– E você fica soltando dicas...

– Espere, espere, espere – ela interrompeu. – Soltando dicas? Tipo quando?

– Na igreja ontem, você disse que gostaria de se casar lá...

– Eu não quis dizer imediatamente – ela o contou.

– Não importa. Está na sua mente. Está na minha também.

Keira sentiu um surto de sentimentos em erupção dentro de si. Casamento era a última coisa em sua mente! Ouvir Cristiano falando sobre isso a chocava; era para ele ser o mais “vivendo no presente” entre os dois. A ideia de ele querer se estabelecer era secretamente aterrorizante.

– Como isso seria? – ela disse. – Nós, casados. Não consigo imaginar. Não sei nem mesmo em que país vou estar no mês que vem!

Ele deu de ombros então. – Isso não importa.

– Como não importa? – ela perguntou. – Casamento é um compromisso. Como você pode se comprometer com algo quando não sabe o que está envolvido?

– O país em que estivermos não tem nenhuma relação com o que importante. E isso somos nós. Estarmos juntos.

Típico, Keira pensou, que Cristiano pegasse a decisão mais importante que qualquer um deles poderia tomar e aplicasse sua atitude italiana, que o que fosse para acontecer, aconteceria, o que era pra ser, seria. Ela não funcionava daquela forma, não com algo tão importante.

Cristiano deve ter sentido sua hesitação. – Você não acha que encontraríamos um caminho? Que sabemos como fazer um ao outro feliz e apenas continuaríamos fazendo?

– Eu não sei… - ela balbuciou. Essa conversa tinha vindo do nada. Ela não tinha respostas. Não tinha sequer considerado aquilo, não de verdade, apenas de passagem por causa de todos os demais plantando ideias em sua cabeça. – Eu preciso pensar nisso. Bastante.

– É claro – ele disse. – Não há pressa. Apenas algo a se considerar.

Em seguida, ele voltou a comer seu café da manhã, como se eles não tivessem acabado de ter a conversa mais alucinante da vida de Keira. Ela observou-lhe, atônita, sentindo-se como se o mundo inteiro tivesse se deslocado sob seus pés em um momento súbito.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

O resto do passeio nas pontes passou como um borrão para Keira. Ela não conseguia parar de pensar sobre a conversa que tiveram no café da manhã. Mesmo quando entraram nos museus e galerias de arte que ladeavam o Canal St. Martin, Keira mal conseguia focar no que estava na frente do seu rosto. Ela estava perdida em sua mente, em seus pensamentos, rebobinando-os de novo e de novo, passando por todas as possibilidades.

– Deveríamos ter uma refeição especial – Cristiano disse enquanto passeavam em silêncio, atravessando mais uma ponte cujo apelo romântico havia repentinamente desaparecido para Keira. – Se essa é nossa última chance de ver Paris à noite. Talvez devêssemos tentar ficar acordados para assistir ao nascer do sol dos telhados.

Ela sorriu – Isso parece ótimo – em seguida, adicionou, pensando melhor. – Deveríamos cochilar, nesse caso. Porque, não sei você, mas não acho que consigo ficar acordada a noite toda!

– Claro – ele disse, puxando-a gentilmente de volta em direção ao seu hotel.

No caminho, ela recebeu um e-mail de Heather com detalhes do voo deles de volta à Nova Iorque. De repente, eles tinham um significado completamente novo para Keira. Não era apenas uma vitória para ela, um triunfo, agora era mais, o começo do resto de suas vidas, o retorno à realidade, para não mais viver no momento presente.

Eles chegaram ao hotel e subiram no elevador até seu quarto.

– Vou ficar triste em deixar esse lugar para trás – Cristiano disse, olhando ao redor para a bagunça que eles tinham feito, um significado de amor, luxúria e companheirismo.

– É, não quero pensar nisso – Keira disse.

De modo totalmente repentino, sentiu-se extremamente cansada e começou a tirar suas roupas, pronta para aninhar-se na cama. Nesse momento, uma soneca parecia a melhor ideia do mundo.

Cristiano deitou na cama ao lado dela, alcançando-a e envolvendo-a nos braços fortes e quentes. Pela primeira vez, a sensação do corpo dele ao seu lado pareceu estranha. Será que era isso para ela, para sempre? Será que poderia se contentar com Cristiano para o resto de sua vida?

Ela sabia que estava obcecada com relação a isso, mas como poderia não ficar?

Sentiu os beijos de Cristiano em seu pescoço, suaves, convidativos. Ela afastou-se dele.

– Podemos apenas dormir? – ela perguntou.

– Claro – ele disse, parecendo um pouco confuso com o pedido dela.

Ele claramente tinha pensado que o convite dela para um cochilo era um eufemismo. Porém, era, na verdade, a única forma que tinha conseguido pensar para dar a sua mente uma chance de resolver as coisas.

Ela ouviu a respiração de Cristiano ficando mais lenta. Como habitual, ele adormeceu rapidamente, sua expressão tranquila e sem preocupação. Como ele podia dormir tão facilmente depois da conversa dramática de antes? Isso apenas a fazia achar que ele não pensava tanto nessas coisas como deveria, como ela fazia. Mas essa avaliação não parecia justa, não depois de tudo o que ele havia lhe contado sobre Maria, sua ex-mulher. Ele contara que ele era cuidadoso com seu coração, que ele o protegia da dor, que era só por causa dela que ele havia se sentido capaz de namorar de novo. Cristiano não estava levando as coisas tão levianamente, de forma alguma. Para ele, casamento era coisa séria.

Ela recordou-se do modo em que ele havia estado o dia todo. Quieto. Retraído. Perdido em pensamentos. Aquilo tudo tinha mudado quando ele levantou o assunto de casamento. Depois daquilo, estivera de volta ao seu jeito alegre e vivo. Era como se ele tivesse ruminado sobre isso, preocupando-se, e depois de falar daquilo em voz alta sentira-se aliviado. Mas, na realidade, o que tinha acontecido era que ele havia transferido o fardo de preocupação para os ombros dela!

Com sua mente ansiosa tiquetaqueando, Keira de algum jeito conseguiu adormecer.

Ela encontrou-se rodeada por nuvens e, em algum lugar por trás de seu subconsciente, ela sabia que era um sonho, um sonho que já tivera antes. Lá, à sua esquerda, estava Cristiano, voando, vestido de branco, um cruzamento entre seu eu habitual e uma grande águia branca. E lá, do outro lado dela, estava a garotinha, a filha deles, com sua linda pele morena, cabelos escuros e olhos quase pretos. Seu pai cuspido. Eles começaram a descer através das nuvens, assim como tinham feito da última vez que ela sonhara esse sonho.

Mas, quando mais longe iam, mais escuras e cinzentas as nuvens ficavam. Keira percebeu que voavam diretamente para uma trovoada.

Keira foi pega pelo pânico. Ela virou-se, procurando por sua filha, estendendo uma mão para ela. Mas, quando um flash de relâmpago iluminou as nuvens em volta dela, Keira viu que a garota tinha partido. Ela olhou para o seu outro lado, tentando encontrar Cristiano, mas ele tampouco estava lá. Ela chamou por ele, desesperada, sozinha.

Ela desceu mais, saindo das nuvens e olhando para a cidade de Nova Iorque abaixo. Estava movimentada, cheia de carros e pessoas, barulho e poluição. Ela avistou Cristiano em seguida, suas penas brancas se destacando na cidade cinzenta. Ela aterrissou e correu para ele, arrancando o mais rápido que podia.

– Você me deixou – ela exclamou, agarrando seu ombro. – E ela se foi. A garota – ela não conseguia lembrar seu nome, o nome de sua filha. – Nós a perdemos!

Cristiano apenas sorriu e deu de ombros. – Ah, tudo bem. Nada para se preocupar.

– Não – ela gaguejou. – Temos que nos preocupar. Ela é nossa filha. Poderia estar em qualquer lugar.

– Teremos outra.

– Cristiano, isso é sério! – ela chorou. – Por que não consegue ver isso?

– O que será, será – ele disse, virando-se e caminhando em direção à multidão.

Desesperadamente, Keira assistiu-o partir. Não havia porque tentar fazê-lo mudar de ideia. Cristiano não compreendia a gravidade da situação deles.

O céu se abriu sobre Keira e ela gritou, em seguida se sentando, estremecida, encontrando-se na cama, desperta. Seu coração estava tamborilando. O pesadelo pareceu tão real, tão visceral.

Ela olhou para Cristiano, dormindo imperturbado, mesmo após ela ter se debulhado e gritado em seu sono. Por alguma razão, isso parecia resumir tudo perfeitamente. Ela não podia ver como o futuro deles seria, nem como eles conciliariam duas perspectivas de vida vastamente distintas. E o pensamento lhe atingiu como um raio no coração. Ela não poderia se casar com Cristiano.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Keira não conseguiu dormir depois de seu pesadelo, então deixou Cristiano cochilando enquanto digitava mais de seu artigo.

Em nosso último dia inteiro em Paris, caminhamos ao longo do Canal St. Martin, nos assegurando de atravessar cada uma de suas lindas pontes de ferro. Esse é um local amado pelos cineastas, contudo também é uma das áreas mais residenciais de Paris. A luz ressalta da água, que reflete os prédios, as pessoas passeando com cachorros, as crianças em patinetes e os corredores vivendo suas vidas. É tranquilo e há uma gentil calma cercando o lugar. Mas isso não impede minha mente de mudar da exuberância para a melancolia. Minha história em Paris está quase completa, e tenho uma terrível suspeita de que sei como ela termina...

*

Estava escuro quando Cristiano acordou. Keira tinha parado de escrever a essa altura, em vez disso olhando de forma sonhadora através da janela enquanto os bilhões de luzes de Paris cintilavam. Seu humor melancólico havia apenas se intensificado durante sua sessão de escrita, que não foi ajudada pelo assunto em questão. Ouvindo as cobertas da cama farfalhando, Keira virou-se para encarar Cristiano.

– Você está acordada – ele disse, parecendo atordoado.

Ela não queria contá-lo sobre o pesadelo, ou sobre o humor sombrio que entrara ao escrever. – É, mas levantei faz pouco tempo. Então, está ansioso para nossa noite final de libertinagem?

Ele sorriu. – Mal posso esperar. Que horas são?

Ela conferiu o relógio. – Sete. Cedo demais para jantar?

Cristiano balançou a cabeça, despenteando ainda mais os bagunçados cabelos marrom-escuro no processo. – De modo algum. Vou me arrumar. Diga-me, é uma noite para roupas de ópera?

Keira lembrou-se do lindo vestido verde-escuro que ela havia usado naquela noite, quando havia finalmente se sentido tão despreocupada quanto Cristiano. Já parecia ter sido há anos.

– Não quero arruinar meu vestido – ela o contou. – Acredito que alguém me prometeu um amanhecer nos telhados, e eu não quero que ele fique sujo.

Se Cristiano ficou decepcionado, não mostrou em seu rosto.

– Definitivamente iremos – ele confirmou, rindo. – Não vou embora de Paris até ter andado em um telhado. Caso contrário, nossa foto de capa será uma mentira.

Keira sorriu, mas no fundo sentiu a tristeza se espalhar por ela. Já era uma mentira. Tinha sido à ocasião, e era ainda mais agora que ela sabia que o que tinha com Cristiano não poderia durar para sempre.

Mas ela não queria ficar para baixo ou deprimida hoje, durante a última noite deles, então expulsou as preocupações de sua mente. Ela faria o máximo com o tempo que eles, de fato, tinham juntos, em Paris e além. Não havia como prever o futuro e, apesar de não saber quanto o relacionamento deles duraria, ela tinha certeza de que aproveitaria até o fim, curtindo cada segundo de sua jornada com ele.

Uma vez que Cristiano estava lavado e vestido, ambos estavam prontos para sua refeição final. Saindo do quarto de hotel, no último segundo Keira lembrou-se de pegar o guarda-chuva.

– Nunca se sabe – ela disse a Cristiano.

Por sorte, não havia chuva para enfrentar essa noite. Ao invés disso, foram presenteados com uma noite clara e fresca.

Paris à noite realmente era mágica, Keira pensou, enquanto eles passeavam pelas ruas pavimentadas já familiares que corriam ao longo do Sena. A água estava cheia de reflexos dos milhões de luzes cintilantes de Paris, como diamantes em veludo, e a mostra de iluminação estendia-se até onde os olhos dela podiam ver. Todos os pontos turísticos familiares eram transformados pelas luzes, suas torres acentuadas pela cor.

Keira estava feliz com essa noite, com esse momento. Caminhar ao longo das ruas de Paris de mãos dadas com um homem que amava seria uma memória que Keira guardaria para sempre.

Eles passaram por um acordeonista tocando uma triste interpretação de *La Vie En Rose*, de Edith Piaf. Keira lembrou-se, com calorosa nostalgia, de quando tinham visitado o pequeno museu em seu primeiro dia aqui. Ela havia se apaixonado por Paris naquele dia, forte e rapidamente, assim como tinha sido com Cristiano. Eles pararam e escutaram toda a música, em silêncio. Caso tivessem dado de cara com isso em sua primeira noite aqui, eles poderiam até ter dançado na rua. Mas, agora, em seu último dia, eles apenas ouviram sombriamente.

Quando acabou, Keira depositou alguns euros no chapéu virado para cima do músico e o agradeceu. – *Merci. Trés belle* – Eles prosseguiram.

Ao chegarem ao restaurante da noite, Keira pôde ouvir música de piano ao vivo vindo de dentro. Hoje, ao que parecia, era uma noite de música.

Do lado de dentro, não era nem o bistrô chique-rústico com janelas embaçadas, nem o salão de baile convertido para cem lugares e excessivamente opulento. Era apenas um restaurante simples e elegante que poderia facilmente pertencer à Nova Iorque ou Roma. Trazia certo alívio, Keira pensou, estar em um cenário tão estranhamente familiar. Era como se o destino tivesse decidido ajudá-la a se desacostumar com a cidade antes de ir embora de vez.

– Vamos ficar bêbados essa noite? – Cristiano perguntou abruptamente, puxando a cadeira para ela.

– Hum – Keira disse, sentando-se. – Não sei. Não quero dormir e perder o nascer do sol.

Ele sentou-se oposto a ela e assentiu com seu modo afável habitual, como se ele não se importasse realmente com qualquer caminho. Cristiano parecia sempre estar contente em apenas seguir o que ela queria, Keira pensou. Talvez isso fosse parte do problema. Ele não tinha direcionamento. Não queria as coisas com paixão suficiente para lutar por elas. Keira passou esses pensamentos por sua mente com culpa. A atitude italiana descontraída dele havia sido um de seus maiores atrativos, mas agora se tornara um estorvo. E será que era mesmo verdade que ele não se importava passionalmente com algumas coisas? Os nós dos dedos ainda machucados em sua mão direita sugeriam haver ao menos uma coisa pela qual ele lutaria…

Conforme esses pensamentos voavam por sua mente, Cristiano continuava falando, alheio ao vai-e-vem interno de Keira.

– Ah, sim, esqueci, você não dormiu tanto quanto eu – ele dizia. – Não precisamos beber se você não quiser. Eu entendo.

Keira lembrou-se de sua resolução de colocar suas preocupações de lado. Não era justo com Cristiano que ela sentasse aqui avaliando tudo o que ele dizia e fazia, julgando o relacionamento deles em sua mente. Ela havia dito a si mesma para curtir a jornada, comprometer-se com ela enquanto durasse, mas já estava voltando atrás em sua resolução.

Ela fez um esforço a mais para parar de se preocupar sobre as coisas e colocou a mão sobre a dele em cima da mesa.

– Essa *é* nossa última chance de beber vinho francês – ela disse. – Seria um pecado perder essa oportunidade.

Cristiano sorriu. Ele claramente sempre quis que ela concordasse em beber essa noite, em ficarem bobos e risonhos por apenas uma noite, ele só não forçaria a barra para isso.

– Então, quais foram seus pontos altos? – ele perguntou. – A melhor parte da viagem.

– Hum... – Keira disse, batendo com o dedo no queixo enquanto ponderava. – Foram muitos.

– Bem, quais partes entraram no seu artigo? – ele perguntou. – Elas devem ter se destacado para você como as mais memoráveis.

Keira pensou, cheia de culpa, sobre a última passagem que tinha escrito, sobre seus medos de que tudo estaria chegando ao fim. Ela podia imaginar o rosto dele enquanto lia os pensamentos e medos mais íntimos dela expostos para o mundo ler.

– Não necessariamente – ela disse. – É um artigo, não uma página de um diário. Mas, dito isso, eu de fato escrevi uma sessão bem longa sobre as catacumbas.

Cristiano começou a rir. – Na cidade do amor, sua parte favorita foi o túnel subterrâneo cheio de crânios. Na cidade luz, você gostou das catacumbas escuras e sombrias, frias e úmidas?

– O que posso dizer? – Keira riu. – Devo ter uma curiosidade mórbida. Na Itália, minha parte favorita foi a celebração do dia dos mortos no cemitério.

– Não teve nenhuma relação com o que aconteceu depois? – ele disse, com uma piscadela, recordando a primeira vez que tinham feito amor.

Nesse instante, o garçom chegou, cortando a conversa. Keira foi deixada com aquela memória da vinícola no interior da Toscana e da antiga casa de fazenda em ruínas onde a jornada dos amantes tinha começado. Ela não queria acrescentar um momento final ao relacionamento deles, mas em seus ossos ela sabia que estava chegando.

Cristiano pediu a primeira garrafa de vinho da noite, um Sauvignon Blanc fresco.

– É uma pena não termos ido às vinícolas – ele disse, claramente também se lembrando daquela noite em Florença.

– Paris tem vinícolas? – Keira perguntou, surpresa. – Não fazia ideia. Chove constantemente. Como isso pode dar certo?

– Não sei – ele disse, dando de ombros, rindo. – Mas existem oito delas. E elas produzem tão pouco vinho que é como comprar pó de ouro. Imagino

que por causa do clima.

Claramente, Cristiano havia feito sua pesquisa. E, no entanto, ele não havia mencionado sequer uma vez que gostaria de visitar as vinícolas.

– Você deveria ter me contado que queria ir – Keira disse.

Ele deu de ombros. – Estivemos ocupados com outras coisas.

Keira teve que se impedir de rolar os olhos. Lembrando-se de sua resolução de curtir o momento, ela proferiu, de repente. – Deveríamos ir depois daqui!

Simplesmente não parecia certo que eles tinham riscado tantas coisas do itinerário dela e nenhuma do de Cristiano, especialmente considerando que a viagem estava sendo encurtada por causa das necessidades dela.

– Tudo bem – ele riu. – Nós já planejamos a noite.

Mas Keira não estava preparada para deixar isso de lado. – Qual vinícola é a mais próxima? Podemos ir até lá após a refeição. Temos a noite toda, afinal de contas.

Cristiano cedeu com um suspiro. – *Butte Bergeyre* – ele disse.

O nome soou familiar para Keira. – Não passamos por lá durante nosso passeio das pontes? – ela perguntou. – Eu me lembro da placa.

– Sim – ele confirmou.

– Você devia ter falado! – Keira exclamou.

Ela sentiu um forte impulso de bater nele (de brincadeira, é claro). Mas ele apenas deu de ombros. A descontração dele podia ser enfurecedora, às vezes.

– O *Parc de Butte Bergeyre* também é lá – Cristiano disse. – Pode ser um lugar legal para assistir ao nascer do sol.

– Parece perfeito – ela concordou, aliviada por ele ter feito uma sugestão finalmente. – Desde que tenha um telhado para subirmos.

O garçom chegou para retirar os pedidos. O cardápio não era tão tradicional francês como em alguns dos outros lugares em que tinham estado. Keira pediu pombo com purê de pastinaca, e Cristiano optou por pudim de sangue. Ele também pediu uma segunda garrafa de vinho, um tinto dessa vez, para encaixar com as carnes de sabor forte.

Eles comeram suas refeições e viraram a segunda garrafa de vinho, depois queijo e café. E finalmente, para arredondar as coisas, bebericaram um pouco de vinho de sobremesa.

Cristiano comprou uma garrafa adicional de vinho para levar para o telhado, depois eles acertaram a conta e decidiram sair.

Quando levantou, Keira cambaleou, encontrando-se bastante embriagada. Cristiano a firmou pelo cotovelo, soltando risos abafados com a inabilidade dela de segurar a bebida. Ela soluçou um – Merci!

Passava da meia-noite quando eles finalmente saíram do restaurante. O ar tinha se tornado muito mais frio e a escuridão da noite os envolveu.

– Estou feliz por estar usando minha jaqueta de álcool – Keira brincou, soluçando de novo.

Cristiano envolveu os braços ao redor dela, trazendo o corpo dela mais perto do seu, dividindo um pouco de calor corporal com ela.

Um milhão de luzes iluminava o caminho até a *Butte Bergeyre*, que tinha um ar de vilarejo, apesar de estar só a algumas ruas de distância das avenidas tipicamente movimentadas de Paris.

– Uau, isso é charmoso – Keira disse conforme perambulava pela trilha de paralelepípedos.

Os prédios eram uma amálgama de alguns muito antigos e alguns muito novos, apesar de todos terem seis andares de altura, como se os arquitetos tinham intencionado usar cada centímetro de espaço de modo a conseguir o maior número de moradores nessa área quanto fisicamente possível.

– Aqui seria um ótimo lugar para viver – Keira disse. – Conveniente. Bonito.

Ela dançou pelas ruas, saltando pelos paralelepípedos, enquanto Cristiano ria atrás dela, dando longas passadas para acompanhá-la.

Encontraram a vinícola virando a próxima esquina. Ficava em uma encosta inclinada, e era tão pequena que seria fácil perdê-la na escuridão caso não estivessem procurando especificamente por ela. Keira virou-se para Cristiano e sorriu.

– Você pode riscar isso da sua lista agora – ela disse, as palavras se juntando um pouco.

– Quem disse que eu tenho uma lista? – ele respondeu.

Ela ofereceu a ele um olhar, do tipo meio provocador. – Deixe-me adivinhar, você não tem uma lista de desejos antes de morrer. Nada extravagante que sempre quis fazer, como deixar uma gorjeta de mil dólares ou descer uma montanha de rapel. Nada de nadar com golfinhos?

Então, ele olhou para ela, sem se divertir, como se não estivesse com humor para provocações. – Você fala como se fosse uma coisa ruim.

– Não – Keira disse, tropeçando nos pés de leve. – Só é muito você. Você não planeja. Você vive no momento. Não é uma crítica.

Mas, no fundo de sua mente, ela lembrou-se de que aquilo *era* um empecilho.

Eles saíram da vinícola e continuaram subindo a colina que levava até o parque. Era enorme e, para a surpresa de Keira, ela e Cristiano não eram as únicas pessoas lá. Mas, em vez de grupos de foliões e andarilhos bêbados, o parque estava cheio de casais exatamente como Cristiano e ela, que estavam aqui para vislumbrar as luzes de Paris ou para ficar o máximo que pudessem tentando pegar o sol nascente no horizonte. Estavam aqui para criar memórias.

Eles seguiram subindo pela trilha, Keira os impulsionando para pegar a melhor vista possível e encontrar o prometido telhado. Finalmente, depois de uma hora ziguezagueando através do enorme parque, Keira encontrou uma pequena cabana de guardas com um telhado de duas águas.

– Isso é perfeito – ela contou a Cristiano. – Como fazemos para subir?

Ele riu. – A Keira bêbada é muito aventureira. E um pouco quebradora de regras.

Ela sorriu por cima do ombro enquanto tentava usar a borda da janela como apoio de pé.

– Tenho certeza que não somos as primeiras pessoas a fazer isso – ela disse a ele.

Cristiano veio ajudá-la a subir até que estivesse de pé na borda. Sua altura era suficiente para alcançar o telhado do pequeno prédio, mas nem de perto sua força era suficiente para subir nele.

– Me deixe ir primeiro – Cristiano disse. – Posso te puxar.

Já que ele era significantemente mais alto que Keira – para não mencionar menos bêbado – foi capaz de subir no telhado com relativa facilidade. Keira se agarrou de volta para a borda da janela, e depois Cristiano a alcançou, ajudando a puxá-la para o telhado ao lado dele.

Ela acabou de joelhos, olhando para a direção oposta da vista. Estava suja, suas roupas manchadas. – Agora você pode ver porque eu não quis usar meu vestido de ópera chique – ela disse.

Mas Cristiano estava quieto. Conforme ela trepidou virando-se para encarar a cidade, Keira entendeu o porquê. Ele tinha sido forçado ao silêncio pela visão, pela grandiosidade hipnótica de Paris inteira à noite. A cidade da luz. A cidade do amor.

Cristiano cavoucou sua mochila em seguida, puxando a garrafa de vinho cara que eles haviam comprado no restaurante.

– Vamos beber direto da garrafa? – Keira riu. – Que elegante!

Mas Cristiano não tinha terminado. Da mochila, ele produziu duas canecas do quarto de hotel deles, as que usavam para beber café de manhã. A visão delas fez lágrimas de alegria brotarem dos olhos de Keira.

Em seguida, ele tirou um pequeno objeto plástico retangular.

– O que é isso? – Keira perguntou, rindo.

Ele mexeu as sobrancelhas, puxando uma antena e girando um botão. Era um rádio à corda.

– Quando você pegou isso? – Keira exclamou, tocada pelos esforços dele.

– Quando estávamos fazendo compras na *Grand Magasin*. Você estava ocupada escolhendo um presente para Bryn e nem notou que eu saí!

Ela riu, surpresa, deliciada por ele ter cumprido uma missão secreta sem que ela nem notasse.

– Viu, eu planejo algumas coisas – ele disse.

– Então, sempre teve a intenção de sentar no telhado assistindo ao amanhecer comigo? – ela perguntou.

– Não exatamente – ele disse. – Mas algo similar. Na minha mente, era uma ponte. Mas depois tivemos uma overdose delas durante seu passeio das pontes.

Ela riu. – Me desculpe por ter destruído isso!

A música começou a tocar no rádio à corda, que produzia um som de qualidade surpreendentemente boa. Cristiano sintonizou a uma estação francesa que só tocava cantores clássicos antigos. Ele devia se lembrar de Keira dizendo o quanto amava músicas antigas.

Havia mais uma surpresa na cartola de Cristiano. Conforme ele o puxou, Keira franziu a testa, não reconhecendo de primeira. Depois, ela repentinamente percebeu o que era: seu vestido verde-escuro. Seu vestido da ópera!

– Eu te falei que não queria sujá-lo! – ela arfou.

– Você não vai – ele a contou. – Já fizemos o trabalho sujo subindo aqui. Tudo o que precisa fazer agora é vesti-lo e ficar deslumbrante.

Ela riu e se despiu até as roupas íntimas. Estava muito frio e arrepios saltavam por todo o seu corpo. Em seguida, ela oscilou para dentro do vestido de maneira impressionantemente coordenada, considerando sua embriaguez.

– Tã dã – anunciou.

Cristiano encarou-a com adoração. – Tão linda – ele disse, ficando em pé.

Ele puxou seu terno da ópera para fora da mochila e se trocou rapidamente. Então, eles ficaram de pé no telhado, juntos, com música da França dos anos 40 tocando suavemente ao fundo e as luzes de Paris piscando à distância.

– Me concede essa dança? – Cristiano perguntou, estendendo as mãos para Keira.

– Claro – ela disse, tomando-as.

Eles balançaram juntos, segurando um ao outro bem perto, perdendo-se no momento. Keira deixou seus olhos baterem até se fecharem, absorvendo a miríade de sons ao ser redor; as pessoas batendo papo ali perto, o barulho distante do tráfego, o som de um pássaro que havia sido enganado pela luz a pensar que era crepúsculo. Era a trilha sonora perfeita para o dia perfeito. Se apenas essa pudesse ter sido a capa para a revista... Aqui ela sentia-se confortável. E era real, não uma fantasia projetada para capturar mais leitores.

A canção terminou e eles se separaram. Cristiano ajudou Keira a sentar, sentando-se ao lado dela. Em seguida, ele serviu aos dois uma caneca de vinho.

– Saúde – ele disse, estendendo seu copo para ela.

Keira tilintou o dela contra o dele. – A Paris – ela disse.

– A Paris.

Encarando o olhar um do outro, eles tomaram um gole de seu vinho caro. Certamente valia o preço da etiqueta. O sabor era divino. Então, eles se aconchegaram lado a lado, sua atenção agora fixa no horizonte de Paris e nas milhões de luzes cintilando como estrelas.

– Eu acho que esse foi meu momento favorito – Keira disse depois de um tempo.

– Melhor que as catacumbas? – veio a resposta murmurada de Cristiano.

– Definitivamente – ela disse. – Isso é perfeito. Só tem uma coisa que o deixaria mais perfeito. O nascer do sol.

– Bem, temos umas boas seis horas até que isso aconteça – ele contou a ela.

Keira olhou para ele, sorrindo. – Eu acho que sei um bom jeito de passar o tempo...

CAPÍTULO VINTE E OITO

Foi o final perfeito para a viagem deles; uma noite dançando, bebendo, rindo e amando nos telhados, vislumbrando Paris. E nem uma única gota de chuva.

Contudo, e cedo demais, a alvorada chegou, sinalizando o fim de sua aventura parisiense. O sol começou a subir, transformando o céu de preto para cinza, e as nuvens para um cor-de-rosa poeirento.

Keira estava exausta por ter dormido pouco, e os efeitos do vinho em demasiado estavam passando. Ela amontoou-se ao lado de Cristiano, bocejando, prestes a adormecer exatamente onde estava sentada. Ele esfregou seu braço, mantendo-a aquecida e acordada.

– Deveríamos voltar agora? – ela perguntou. – Arrumar nossas malas?

Parte dela queria ficar aqui para sempre, mas havia outra parte que ansiava por sua casa, por sua família, e por um senso de normalidade.

– Se você quiser – Cristiano disse. – Mas primeiro...

Ele pegou sua mochila.

– O que mais você está escondendo aí, Mary Poppins? – Keira riu.

Mas ela não estava preparada para o que viu a seguir. Cristiano pegou de sua mochila uma pequena caixa preta. Mesmo antes que ele a abrisse, ela sabia o que estava acontecendo. Ela ofegou, não querendo que fosse verdade.

– Eu comprei isso – ele disse, de repente parecendo tímido. – Na *grand magasin*. Enquanto você estava ocupada com o presente de Bryn. Na mesma hora em que comprei o rádio. Eu tinha tudo planejado para o nosso último dia. Na ocasião, pensei que ainda tínhamos uma semana antes de partir. Eu não percebi que a hora chegaria tão rápido, então me perdoe por não ter preparado um discurso. Eu não tive tempo.

A garganta de Keira espessou. Ela começou a balançar a cabeça, e lágrimas começaram a brotar em seus olhos. Ela queria impedi-lo, dizer alguma coisa, qualquer coisa, para poupá-lo da agonia do que estava por vir.

Mas era tarde demais. Ele abriu a caixa, revelando um lindo anel de diamante, a joia arranjada em um anel prateado simples e delicado.

– Keira Swanson, você quer se casar comigo? – ele perguntou.

Keira não podia se mover. Não conseguia falar. Tudo o que ela podia fazer era encarar os olhos castanho-escuro de Cristiano. Então, ela caiu no choro.

– São lágrimas de alegria? – Cristiano perguntou a ela, sua voz incerta.

Finalmente, ela encontrou palavras. – Não.

– Não? – ele repetiu.

– Não são lágrimas de alegria – ela lamentou. – Porque não posso casar com você, Cristiano.

O coração dela cerrou-se conforme ela finalmente disse em voz alta o que estava obcecando em sua mente. Era muito pior admitir em voz alta do que ela jamais imaginara.

– Por que não? – ele perguntou, suas feições caindo. Ele parecia devastado.

Keira balançou a cabeça. Isso tinha acontecido cedo demais. Uma vez que havia ficado claro para ela que Cristiano estava pensando em casamento, ela soubera que era apenas questão de tempo antes que tivesse que terminar as coisas com ele. Não havia futuro para o amor deles. Eles eram diferentes demais e ela não conseguia ver um modo de conciliar isso. Mas não tinha tido ideia que ele a pediria em noivado imediatamente! Que ele tinha o desejo de se comprometer com ela depois de um namoro tão curto! Ela esperava que eles tivessem mais alguns meses juntos, talvez visitassem mais alguns países, criassem mais algumas memórias. Depois, ela tinha presumido que ele chegaria à mesma conclusão que ela chegara, no seu próprio tempo. Então, eles poderiam se separar amigavelmente e seguir seus caminhos. Só que agora tudo tinha saído pela janela. Agora, tudo terminaria de um jeito doloroso e dramático.

– Keira? – Cristiano repetiu, sua voz tensa. – Por que não pode se casar comigo? É por causa do que aconteceu com Zach? Ou quão bravo fiquei por Shane? Posso trabalhar o meu ciúme.

Ela balançou a cabeça. – Não é isso, Cristiano. É que... – ela debateu-se com as palavras. – Somos nós. Não somos certos um para o outro.

De algum jeito, ele pareceu ainda mais ferido do que antes. As palavras dela eram condenadoras. Não ofereciam solução, nada para ele trabalhar ou superar por ela. Eram simplesmente francas, direto ao ponto, como uma sentença de morte para seu relacionamento.

– Sim, nós somos – ele respondeu. – Nós nos amamos. Nos divertimos. Eu te faço rir, não faço?

– Você faz – ela respondeu. Isso era tão mais difícil do que ela pensou que seria. – Mas isso não é o bastante. Não quando falamos sobre a eternidade.

– Você não me ama – ele disse, inexpressivo, fechando a caixa do anel com um estalo.

– Eu amo – ela disse.

– Só não o bastante para ser para sempre – ele disse, com tristeza, ecoando sua frase.

Ela pegou as mãos dele em seguida. O pensamento de terminar com os dois de coração partido era demais para aguentar.

– Você é uma pessoa maravilhosa, Cristiano – ela contou a ele. – Eu amei estar com você. Eu me apaixonei por você completamente. Mas quem nós somos, fundamentalmente, no nosso âmago, não é compatível.

– Eu não entendo. De que maneira não somos compatíveis? Tudo o que fazemos quando estamos juntos é nos divertir!

– Nos momentos do dia-a-dia, sim. Mas quando a questão é planejamento, pensar à frente, imaginar nosso futuro...

– Isso é por que não tenho planos de carreira? – ele perguntou, interrompendo-a. – Eu te expliquei por que, com Pippa e a saúde dela. Você disse que entendia. Mas agora está usando isso contra mim?

– Você está sendo tão simplista. Não é só a carreira, é tudo. Você estaria perfeitamente feliz me seguindo por aí sempre que eu mandar.

– E como isso é ruim? Sou flexível. Descontraído. Por que isso agora é um problema, de repente?

– Não se trata de ser bom ou ruim, certo ou errado. É sobre mim e o que eu quero e preciso. Existe descontraído, e existe... – ela mastigou o lábio. Ela não queria ser ríspida. Só porque ele não era certo para ela, não significava que ele fosse errado de forma alguma. Mas ele precisava saber a verdade. Ela terminou a frase. – Sem direcionamento. E isso não é o que eu quero no meu parceiro de vida.

Cristiano começou a guardar as coisas deles; as canecas sujas e a garrafa de vinho vazia, o rádio. Ele movia-se com raiva, jogando tudo dentro da mochila com pressa.

– Por favor, não fique chateado – Keira disse a ele. – Tivemos bons tempos juntos. Quero que se lembre de mim com carinho.

Ele balançou a cabeça. – Você não tem direito de escolher como vou me lembrar de você.

Ela assistiu enquanto ele descia do telhado, seu estômago cerrando-se com tristeza. Ela não queria que terminasse dessa forma, com Cristiano enfurecido. Mas ela havia visto como ele ficava quando estava bravo três

vezes agora. Ele marcharia para longe de novo, deixando-a abandonada em Paris pela terceira vez. Ela suspirou.

Mas então ela viu, da beira do telhado, a mão de Cristiano estendendo-se a ela. Ele não havia marchado bufando, afinal de contas. Ele tinha ficado e tomado a atitude cavalheira.

– Você vem? – ele perguntou.

Keira lembrou-se, em seguida, de ainda estar vestindo o traje da ópera. – Não quero rasgar meu vestido.

– Vou cuidar para que não rasgue – ele disse.

Ela espiou pela borda, olhando para Cristiano, depois se sentou com os pés pendurados. Ela desceu alguns centímetros e as mãos de Cristiano a pegaram ao redor da cintura. Ele a abaixou gentilmente de pé.

Esse tinha sido o término mais estranho que ela já tinha experimentado. Ser levantada de um telhado em um vestido por um lindo italiano era definitivamente único.

Silenciosamente, eles começaram a caminhar colina abaixo, juntos, com corpos cansados e mentes exaustas. O sol estava se levantando rapidamente agora, tornando tudo uma cor azul nebulosa. Era como um sonho. Keira desejou que fosse, para que ela pudesse acordar e se dar conta de que nada disso era real, que ele não havia feito o pedido, que ela não tinha sido forçada a terminar o relacionamento deles prematuramente.

– Suponho que eu não vou mais para Nova Iorque – Cristiano disse, repentinamente.

– Suponho que não – ela disse. – Vou comprar seu voo para casa.

– Está tudo bem. O voo para a Itália de Paris é muito barato.

Silêncio outra vez. Quebrado, de novo, por Cristiano.

– Quando você ia fazer isso? – ele perguntou.

– Fazer o quê?

– Terminar comigo. No aeroporto?

Keira arfou. Será que ele realmente esperava que ela se comportasse de forma tão insensível?

– Eu não ia terminar com você – ela o contou. – Eu não planejei terminar hoje. Eu gosto de viver no momento com você. Eu gostava de como as coisas eram entre nós. Só que, quando você começou a falar sobre casamento, eu percebi que não ficaria com você para sempre. Eu nunca esperei que você fizesse o pedido.

Cristiano tombou seu olhar para o chão. Era doloroso para ela que ele não conseguisse olhá-la. – Então eu forcei sua mão.

Ela respondeu em uma voz triste. – Algo assim.

– Você sabe que estava falando sobre isso também – ele disse. – Eu não inventei tudo sozinho. Você falou onde gostaria de se casar. Onde gostaria de morar depois. Eu achei que você estivesse deixando dicas sobre mudarmos para a França juntos.

– Sinto muito – ela disse, quieta. – Não foi minha intenção. Eu acho que eu só estava me envolvendo na fantasia.

Ele assentiu, lentamente, com tristeza. Eles caíram de novo no silêncio.

– Você vai escrever sobre isso? – ele perguntou.

– Não se você não quiser – ela o contou.

Ele olhou para ela, fazendo contato visual, pela primeira vez no que parecia uma eternidade, e demorou um longo tempo remoendo aquilo.

– Pode escrever – ele disse, finalmente. – Seus leitores merecem honestidade. E, de todo modo, quero ver isso nas suas palavras. Uma recordação. Prova de que realmente aconteceu.

Ela assentiu de coração pesado. – Está bem. Obrigada.

Ela não conseguia imaginar que esse era o final que qualquer um de seus leitores gostaria de ver. Na realidade, Elliot e Nina ficariam furiosos quando descobrissem o que ela tinha feito. Mas Keira tinha que ser verdadeira com si mesma, não importa o quanto doesse, e ela simplesmente não conseguia ver um futuro para ela e Cristiano. Aquela criança dos seus sonhos nunca existiria. Seus leitores e a *Viatorum* teriam que simplesmente lidar com isso.

Nesse exato instante, a chuva começou a cair. Era muito leve a princípio, mas logo se tornou mais pesada, fornecendo-lhes uma trilha sonora de gotículas atingindo folhas.

Foi então que Keira percebeu que seu guarda-chuva havia sido extraviado. Em algum ponto durante a longa noite, ela havia o perdido, talvez quando tinha saído do restaurante em um estado um tanto quanto inebriado. Parecia uma forma pungente de terminar a aventura deles em Paris. Pois, apesar de dias de chuva torrencial, apesar de ter apenas um guarda-chuva para os dois, nenhum deles tinha recebido sequer uma gota de chuva na pele. Até agora. No último momento do último dia, ambos ficaram encharcados até os ossos pela infame chuva parisiense.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Eles estavam de pé no aeroporto movimentado, cansados ao ponto da exaustão. Mas ambos queriam extrair o máximo do momento, desse ponto final onde ficariam ao lado um do outro pela última vez.

– Meu voo parte primeiro – Keira disse, olhando para seu cartão de embarque. – Você vai ficar bem?

Cristiano reluziu um sorriso triste. – Claro que vou. Vou fazer compras e pegar o máximo de croissants possível para levar para casa para minha família.

– Isso me lembra – ela disse, pescando o presente de Pippa em sua bolsa e entregando a ele. – Para sua irmã.

– Um pouco sem sentido agora, não acha? – Cristiano disse. – Não era para agradecer por nos manter juntos?

– Ainda estou grata a ela por isso – Keira respondeu. – Nós tivemos nossos melhores momentos quando você voltou e isso é tudo graças a ela.

Ele assentiu e colocou a caixa de joia em sua mochila. Keira imaginou-a aninhada ao lado de outra caixa, a caixa contendo o lindo anel que ela nunca usaria.

– Você tem tempo suficiente para um último café? – Keira disse. – Meu portão não será chamado por mais trinta minutos.

Ele assentiu, e eles caminharam para o café de aparência mais tradicional que encontraram. É claro que era uma réplica barata dos lugares nos quais tinham estado durante a viagem, com assentos de plástico e mesas com tampo de vinil imitando fibra de madeira, mas nenhum deles se importava mais com esse tipo de coisa.

Pediram dois cafés pretos e, em seguida, tomaram seus lugares. Havia uma boa visão da pista de pouso daqui e eles assistiram aos aviões chegando. Como era engraçado pensar nos homens e mulheres vindo à Paris pela primeira vez, agora, prontos para começar suas próprias aventuras, se apaixonar pela cidade das luzes. Quantos deles iriam para casa com uma história como a dela, ela se perguntou, só que com o anel no dedo, vidas paralelas divergindo em um momento crucial.

– Você vai me avisar quando chegar à sua casa? – Cristiano perguntou em seguida, quebrando o devaneio dela.

– É claro. E você?

Ele assentiu. – Eu te conto o que Pippa vai achar do colar.

– E eu vou te contar como vai ser o Dia de Ação de Graças.

Promessas, Keira pensou, que ex-amantes fazem quando ainda acreditam que serão amigos, que permanecerão nas vidas um do outro indefinidamente, porque depois do que eles dividiram, como poderia não ser assim? Promessas vazias, talvez. Só o tempo diria.

Ela bebeu seu café, que estava mais amargo do que ela havia se acostumado.

– Qual será a primeira coisa que vai comer quando estiver em casa? – ela perguntou a Cristiano.

– Massa – ele disse. – Você?

– Talvez rosquinhas – ela disse. – Ou algo como macarrão com queijo.

Ele riu e ela sorriu, aliviada em saber que o Cristiano despreocupado ainda estava lá, em algum lugar debaixo do exterior triste, e que ela não tinha esmagado seu espírito inteiramente.

– Onde você acha que vai, na sua próxima viagem? – ele perguntou.

– Eu não sei – ela disse. – Se eu puder escolher, vai ser algum lugar realmente exótico. E quente. Já tive chuva o bastante.

Ele ficou quieto, então. Keira podia dizer que havia uma questão em sua mente, algo que ele queria saber a resposta ao mesmo tempo em que não queria. Finalmente, ele tomou a coragem para perguntar.

– Você vai se apaixonar de novo? – ele perguntou. – Da próxima vez. É esse o plano?

– Isso soa cínico – ela respondeu. – Nunca é o plano. Apenas estou aberta. À vida e ao amor, a viver no momento. Isso é algo que aprendi com você.

Ele assentiu, como se estivesse grato por ela ter dito aquilo.

– Eu nunca te agradeci – ele disse.

– Pelo quê? – ela perguntou, curiosamente.

– Por dizer não.

– Ao casamento? – Ela soltou uma risada surpresa.

– Sim – ele admitiu. – Eu estava fazendo com você exatamente o que eu fiz com Maria. Indo rápido demais. Sem pensar no futuro. Você estava certa em dizer não. Eu estava mergulhando rápido demais de novo. Só terminaria mal, como foi com ela.

– Acho que isso é uma coisa boa – ela respondeu, com um sentimento agridoce. Não era exatamente agradável ouvir que alguém tinha te pedido em casamento por engano. Mas talvez agora ele fosse capaz de ir ileso para

casa, sem um coração despedaçado e com boas memórias, ao invés de amargura e arrependimento. Era o melhor resultado, mesmo que doesse ouvir.

Keira terminou seu café. – Bem, isso estava medíocre – ela disse.

Cristiano riu. – Eu acho que seu portão acabou de ser chamado.

Ela estava de costas para a confluência, mas de seu ponto de vista ele podia ver a grande tela de partidas. Ela virou-se para olhar.

– Você tem razão – ela disse, voltando-se para ele. – Acho que é adeus.

Dizer aquilo em voz alta de repente fez parecer muito real. Cristiano havia sido seu companheiro desde aquele dia em Capri, e agora eles estavam se despedindo para sempre. Era doído, mas Keira sabia, em última instância, que era a coisa certa a fazer.

Ambos ficaram em pé e se abraçaram, segurando um ao outro por um longo tempo. Quando se afastaram, Keira secou as lágrimas de seus olhos. Então, ela estendeu-se para secar as de Cristiano também.

– Eu nunca vou te esquecer – ela disse. – Você me deu alguns dos dias mais felizes da minha vida.

– Você também, minha Keira – ele respondeu.

Ela sorriu e deu um passo para trás. E depois outro. Em seguida, finalmente virou-se e saiu, deixando-o em seu passado. Ela não olhou para trás novamente.

CAPÍTULO TRINTA

– Felix, querido – Mallory disse por cima de sua mesa de jantar. – Poderia me passar as batatas?

– É claro – Felix respondeu, passando o pequeno prato para Keira, que o passou, por sua vez, para sua mãe.

Ela cutucou um pedaço de aspargo com seu garfo e suspirou. A comida do Dia de Ação de Graças geralmente era sua favorita, mas ela não tinha apetite hoje.

– A diferença de fuso horário está te incomodando? – sua mãe perguntou, gentilmente, acariciando o braço da filha.

Keira deu de ombros. – Entre outras coisas.

– Eu realmente sinto muito que as coisas não deram certo entre você e Cristiano – Mallory adicionou. – Ele parecia um bom garoto.

– Ele era – Keira respondeu, com tristeza. – Só não o *meu* bom garoto.

Do outro lado da mesa, uma Bryn alegre e levemente embriagada falou. – Eu te falei, não falei? Não falei que seu relacionamento era só um breve caso? E você não arrancou minha cabeça por isso?

– Bryn – Mallory perdeu a paciência. – Agora não é a hora de falar "eu te disse".

Keira não podia nem mesmo bater de volta com algum comentário mordaz sobre Bryn não ter ideia do que estava falando, porque as coisas pareciam estar indo muito bem com Felix. Ele estava encantado por ela, obviamente, e apesar da diferença de idade eles pareciam ter muito em comum. Até mesmo compartilhavam o mesmo senso de humor.

Mallory continuou falando. – Vamos apenas *dar graças* porque estamos todos juntos hoje – ela olhou para Keira. – Estou muito orgulhosa de você, querida, por pedir folga no Dia de Ação de Graças para poder passá-lo conosco. Colocar sua família acima do trabalho e de Paris é algo muito tocante a se fazer.

Apesar da tristeza dentro dela, Keira sorriu. Ela estava feliz por ter vindo para casa, mesmo que ao fazer tivesse acarretado o fim prematuro de seu relacionamento com Cristiano.

O telefone de Keira silvou com uma mensagem a seguir. Era de Maxine.

Ouvi dizer que você está na cidade para o Dia de Ação de Graças! Ainda quer vir para o nosso sarau essa noite?

Tinha fugido completamente da mente de Keira que ela tinha feito planos com Maxine semana atrás, antes de Paris, antes mesmo da Itália. Ela se recordou de quão furiosa Bryn tinha ficado por causa daquilo, de como ela declarara que Ação de Graças era um tempo para a família, apesar de Keira sentir que aquilo tinha mais a ver com seu ódio irracional de Maxine.

Keira ponderou em sua mente. Ela estava com saudade de suas amigas. Mal tinha as visto nos últimos dois meses. E ter uma noite embriagada com elas certamente parecia uma ótima maneira de superar seu coração em brasas.

Mas quando ela olhou ao redor da mesa, do rosto de Felix para Bryn para Mallory, ela percebeu que estava exatamente onde queria estar.

Ela digitou uma resposta.

Desculpe, querida, hoje à noite não. Estou passando tempo com a família. Te vejo logo? Bj

Maxine respondeu rapidamente.

Sem problemas. Até logo bj

Keira sorriu para si e guardou o celular. Não queria mais nenhuma interrupção essa noite.

– Agora – Mallory disse, repousando seu garfo e faca ordenadamente no meio de seu próprio prato limpo. – Quem quer um pouco de vinho do porto e torta?

– Vinho do Porto? – Keira soltou risinhos. – Desde quando temos vinho do Porto no Dia de Ação de Graças?

– Eu comprei – Felix disse. – É um ótimo vinho de sobremesa. E te deixa bem alegre.

Keira riu e deu de ombros. – Tudo bem. Acho que podemos.

Felix levantou para buscar a torta e a garrafa de vinho do Porto, voltando com quatro taças também. Elas pareciam taças de vinho encolhidas. Ele devia tê-las trazido consigo, o que Keira achava um gesto bem amável.

Ele serviu a cada um uma taça do espesso líquido vermelho, depois todos eles pegaram as taças e brindaram juntos.

– Feliz Dia de Ação de Graças!

*

Era hora de Keira voltar ao trabalho. Ela tinha tido uma pausa agradável com sua família e terminado de escrever seu artigo, adicionando o pedido

de Cristiano e sua rejeição. Ela estava nervosa para ver o que Nina e Elliot fariam do final de seu artigo. Certamente não era o final de conto de fadas que ela esperava que eles estivessem atrás.

Keira acordou cedo e tomou banho, vestindo-se para o dia. Quando saiu de seu quarto, ela viu que Mallory estava, mais uma vez, na cozinha preparando uma jarra de café.

– Mãe, você não precisa levantar tão cedo por mim – Keira contou a ela.

– Eu quero – Mallory disse. – Adoro ter você aqui. Mesmo que seja apenas temporário.

Isso lembrava Keira de outra coisa que ela tinha para estar nervosa hoje. O aumento que ela pediria. Era loucura que ela estivesse trabalhando tão duro para uma revista rica, mas não pudesse pagar pela sua própria casa, e tivesse sido forçada a se mudar de volta com sua mãe. Mas as palavras severas de Nina badalavam em sua mente, sobre ela conseguir o que queria; ela teria que agir se quisesse que algum dia as coisas mudassem.

Ela recostou-se no balcão da cozinha enquanto Mallory servia dois cafés, estendendo um para Keira.

– Então, o que você acha do Felix? – ela perguntou à sua filha enquanto adotava a mesma posição.

Keira riu. – Quer dizer, ele é velho, não tem como contornar isso.

Mallory riu. Keira continuou.

– Mas ele parece bom para Bryn.

– Você não acha que é por que seu pai foi embora, acha? Que ela está procurando um substituto para ele?

Keira deu de ombros. – Talvez. Mas isso realmente importa? Eles claramente fazer um ao outro muito feliz. Estou apenas chocada que alguém tenha conseguido acalmar Bryn.

– Sim – Mallory disse. – Isso em si é um feito.

Elas soltaram risadinhas juntas. Keira estava feliz por ter ficado mais próxima de sua mãe recentemente. Se houvesse algo bom vindo de seu tempo com Cristiano, era que ela havia aprendido a apreciar mais sua família, como ele fazia com a dele.

Keira avistou o relógio em seguida. – É melhor eu ir – ela disse, drenando o resto do café de sua xícara. Ela beijou sua mãe na bochecha. – Te amo, mãe. Te vejo mais tarde.

Mallory sorriu e se despediu de sua filha.

Keira saiu apressada do apartamento e desceu as escadas ao invés de esperar pelo elevador. Nas ruas, foi atingida por um assopro de vento frio que trouxe junto uma nostalgia por Paris. Assim como as ruas movimentadas. E os engarrafamentos. Até mesmo descer os degraus do metrô a fez lembrar-se do metrô de Paris.

Ela espremeu-se no trem, esmagada entre um monte de outros viajantes, e repassou em sua mente o discurso para Elliot. Primeira, havia um pedido de desculpas por não terminar o artigo da maneira que ela sabia que ele gostaria, depois havia uma retratação do pedido de desculpas, porque era a vida dela, e não um reality show, e ela podia fazer o que quisesse com ela, antes de prosseguir para o pedido de aumento, porque ela não merecia ser recompensada pelo aumento de assinaturas? Quando mais ela repassava, mais nervosa ficava, e mais sua mente conjurava terríveis cenários de como ele reagiria.

Quando saiu do metrô, havia se convencido de que Elliot a demitiria. Ele odiaria o artigo, acharia que era ridículo que ela pedisse mais dinheiro, e então decidiria que estava cheio dela. Ela tremia enquanto caminhava pela rua em direção à sede da *Viatorum*.

Ela alcançou as largas portas de vidro e as abriu. Algumas pessoas olharam de suas mesas e acenaram para ela. Nina e Elliot estavam fora de vista.

Keira entrou em seu pequeno escritório e colocou a bolsa em sua cadeira. Ela havia passado muito pouco tempo nessa sala desde que Elliot havia lhe dado como parte de sua promoção. Ainda não parecia que era dela.

Houve uma batida na porta. Keira virou-se e viu Nina na porta.

– Estamos na sala de reunião – ela disse. – Venha quando estiver pronta.

– Ah – Keira respondeu. – Vocês querem uma reunião imediatamente? Nenhum de vocês leu o rascunho final do meu artigo ainda.

– Leremos lá – Nina respondeu. – Você tem cópias impressas para cada um de nós, certo?

Keira assentiu. Mas era a última coisa que ela queria ouvir. Que um deles lesse seu artigo e odiasse era uma coisa, mas que aquilo fosse feito publicamente era bem diferente.

Ela tirou as cópias de sua bolsa e ajeitou o cabelo antes de ir para o escritório de Elliot.

– Keira – ele disse em seu modo eficiente, levantando o olhar. – Bem-vinda de volta. Entre. Sente-se.

Ela olhou ao redor, vendo que de um lado da mesa sentavam-se Elliot, Nina, Heather e, para sua surpresa, Lance. O único lugar que ela poderia sentar realmente era em direta oposição a eles. Parecia que ela estava em uma entrevista de emprego.

Ela sentou-se, desconfortável, e colocou as cópias de seu artigo sobre a mesa.

– Eu não sabia que viria, Lance – ela disse. – Temo que não tenha uma cópia para você.

Ele deu um risinho em seu habitual modo Papai Noel feliz. – Está tudo bem. Elliot não se importa em dividir comigo.

Ele deu palmadas no ombro de Elliot. Elliot parecia se importar muito, e também parecia preferir que Lance não fizesse contato físico com ele nunca mais. Eles eram completamente opostos, Keira percebia ao observá-los agora.

Ela entregou as cópias e recostou-se em silêncio enquanto todos liam quietamente. Nina tinha sua caneta vermelha à mão e começou a trabalhar imediatamente.

Keira não pôde evitar circundar suas mãos em seu colo enquanto assistia aos olhos deles examinando as palavras que ela escrevera, tentando descobrir se eles estavam na parte do drama de Cristiano socando Zach, ou se tinham chegado ao controverso pedido de casamento no final.

De repente, ela notou que Nina olhou para ela, sua boca se partindo como em surpresa. – Quanto disso é enfeitado? – ela perguntou.

– Nada – Keira contou a ela, sua voz chiando.

Nina ainda usava sua expressão atônita. – Você quer dizer que Cristiano realmente-

– Psiu! – Lance disse, interrompendo-a antes que ela pudesse terminar a frase. – Eu ainda não cheguei lá. Não dê spoiler.

Nina apontou para o seu dedo anelar e levantou as sobrancelhas. Keira ergueu sua mão esquerda vazia, sem anel, respondendo a pergunta de Nina silenciosamente. Nina ofereceu-lhe uma expressão profundamente entristecida, e Keira pôde dizer que vinha de Nina, a amiga, e não de Nina, a colega, e que ela estava genuinamente interessada em saber o que tinha acontecido entre Keira e Cristiano em sua última noite. Ela deu a Nina um sorriso triste, um que dizia “Estou tão bem quanto o esperado”.

A resposta de Nina foi um olhar compreensivo.

Era a vez de Elliot ofegar em seguida. – Keira... É isso? Você...?

Ele claramente tinha chegado à mesma parte.

– Psiu! – Lance exclamou novamente. – Não estrague o final.

Keira, mais uma vez, apontou para sua mão desnuda, dessa vez para o benefício de Elliot.

– Você está bem? – Elliot perguntou.

Keira assentiu. – Tudo bem. Tinha que acontecer. Não seria certo… – ela olhou para Lance e abaixou a voz. – Você sabe.

De repente, Lance arfou e bateu com a mão sobre sua boca. – Cristiano FEZ O PEDIDO? – ele exclamou. – Que emocionante!

– Você precisa ler o próximo trecho – Nina o contou.

Lance voltou a olhar para o papel. Ele ofegou novamente, voltando o olhar para Keira. – Você disse NÃO?

Keira agitou-se em seu assento, querendo desaparecer. Essa era a mais desconfortável dissecação de suas escolhas de vida pela qual ela já havia passado.

– Sinto muito – ela começou. – Sei que todos vocês teriam preferido um final feliz. Mas isso é minha vida, e não posso me casar com alguém só porque faz uma boa história.

– Keira, deixe-me te parar por aí – Lance disse.

Ela mordeu os lábios e se preparou para a queda.

– Você não tem que se desculpar por nada. Você disse não. É a sua vida. Sua escolha. Se quiséssemos ficção, teríamos contratado um escritor de ficção.

– Você não acha que perderemos leitores por causa disso? – ela perguntou, retraindo-se.

– Talvez. Talvez não. É um risco.

Keira não tinha esperado isso. Ela não estava preparada. Todo o seu ensaio saiu pela janela.

– Então vocês não vão me demitir? – ela gaguejou.

– É claro que não! – Elliot disse. – Quero dizer, eu teria preferido que você tivesse aceitado, mas queríamos a realidade. A verdade. Esse é todo o apelo da Guru do Romance. Nossos leitores relacionam-se com você porque você comete os mesmos erros que eles.

– Erros como rejeitar Cristiano? – ela perguntou, com tristeza.

Nina falou em seguida. – Eu não acho que foi um erro. Acho que muitos de nossos leitores apoiarão sua decisão de permanecer independente.

– Eu concordo – Heather disse, repentinamente. Ela havia estado tão quieta que todos se voltaram para ela, tendo até esquecido que ela estava na sala. Considerando que o papel dela ali era só tomar a ata, era bem chocante que ela proferisse sua opinião. Ela ruborizou. – Digo isso do ponto de vista de um de seus fãs.

– Bem, teremos que ver o que acontece – Elliot disse. – Depois que o artigo sair. Vamos aguardar e ver o retorno antes de negociarmos a próxima tarefa, no entanto. Se isso explodir, precisaremos pensar em algo diferente para o futuro.

Keira percebeu, então, que era por isso que Lance estava aqui hoje, em primeiro lugar. Se ela tivesse entregado um artigo seguro, com o qual todos ficassem felizes, eles negociariam a próxima tarefa de imediato. Em vez disso, tudo estava no limbo, pois ela havia tomado uma decisão que poderia custar a ela muito mais do que só seu relacionamento com Cristiano. Poderia custar a ela o seu futuro na revista.

EPÍLOGO

Keira caminhava pelo Central Park, suas mãos em volta de um copo de café para aquecê-la do ar gélido de Novembro. Era um dia cruelmente frio. Nova Iorque estava se preparando para o Natal agora, com o Dia de Ação de Graças já relegado a uma memória distante.

Ela não tivera notícias de Cristiano desde que eles tinham se separado no aeroporto de Paris. Tinha tido a sensação, na ocasião, de que não teria notícias, de que o amor deles existia só naquele momento e que, depois que terminasse, deixariam de estar na vida um do outro. Pensar que Cristiano desapareceria completamente a entristecia, mas qual era o sentido de manter uma chama como aquela acesa quando não havia futuro?

Ainda assim, ela não podia evitar sentir-se triste conforme caminhava pelo Central Park, lembrando-se da alegria jovial dele, sua beleza de olhos largos quando ele mesmo estivera de pé aqui. Já parecia uma lembrança muito distante.

Keira estava evitando o escritório. A versão online de seu artigo tinha ido ao ar à meia-noite. Agora, às sete da manhã, as cópias impressas estariam à venda nas lojas da Costa Leste, com o rosto dela espalhado pelas capas, Cristiano encarando-a com adoração, com amor, na imagem artificial que eventualmente havia se assemelhado ao amor deles de verdade. Se os leitores a amariam ou odiariam depois disso, logo seria visível.

Ela esperou por uma ligação ou um e-mail, algo de Nina contendo estatísticas ou comentários dos fóruns sobre o que as pessoas pensavam sobre a reviravolta do final.

Se o artigo fosse um sucesso, a Guru do Romance sairia novamente. Outro país. Outro amor.

Elliot havia lhe pedido para chegar com ideias de artigos futuros e uma lista de lugares, pronto para instruir Heather a organizar a próxima viagem imediatamente.

Mas a pessoa verdadeira por trás do pseudônimo, Keira Swanson, tinha sentimentos mistos quanto a levantar voo novamente. Nesse instante, havia apenas um lugar em sua lista: Nova Iorque. Sua casa.

A noção de abrir seu coração para um novo amor e uma nova experiência agora parecia impossível. O que isso significava para o futuro de sua carreira, Keira não sabia.

Logo em seguida, seu celular começou a tocar. Keira parou em um banco e repousou o copo de café, em seguida tirando o celular de sua bolsa. Era a *Viatorum* ligando. Atendeu a chamada.

– Alguma notícia? – ela perguntou, retraindo-se.

– É um sucesso, Keira – veio a voz de Nina. – As pessoas adoram. Acham que você é destemida, inspiradora, uma heroína moderna. Você fez um trabalho incrível.

– Obrigada – Keira disse, mas o elogio parecia oco. Um trabalho incrível, mas a que custo?

– Então – Nina adicionou. – Quando estiver no escritório, teremos aquela conversa apropriada sobre seu salário e bônus. E para onde você quer ir depois. Tem alguma ideia?

Keira ficou de pé, sozinha, triste, perguntando-se o que seria depois...

AGORA DISPONÍVEL!



AMOR COMO O DELES
(Crônicas Românticas—Livro 4)

"AMOR COMO ESTE cria um mundo de emoções e confusão, descrevendo de forma magnífica a mente de uma jovem (Keira) e suas dificuldades para equilibrar a vida social e profissional. Sophie Love é uma contadora de histórias natural. AMOR COMO ESTE é muito bem escrito e editado, e fortemente recomendo para a coleção de livros de todos os leitores que apreciam um romance que pode ser saboreado durante um final de semana."
--*Books and Movie Reviews* (Roberto Mattos)

AMOR COMO O DELES (Crônicas Românticas — Livro #4) é o livro #4 de uma nova série de romances escrita pela autora best-seller #1 Sophie Love. A série começa com AMOR COMO ESTE (Livro #1), que pode ser baixado gratuitamente!

Keira Swanson, 28 anos, jurou não mais se apaixonar. Com seu coração ainda doendo com os términos com Cristiano e Shane, ela não vai permitir que sua revista a use como outro experimento amoroso.

O que é bom para eles, porque querem enviá-la para um tipo diferente de viagem: provar que alguém sofrendo com um término consegue evitar a recaída instintiva em um caso, e ser capaz de NÃO se apaixonar. Para enfatizar o ponto, eles NÃO atribuirão a ela um novo guia turístico. Em vez disso, Keira fará um cruzeiro nos países escandinavos e terá que navegar a si mesma.

Keira está animada para aceitar a atribuição. Não há nada que ela queira mais que estar sozinha, ir à região Norte, onde ela pode esfriar a cabeça e onde certamente ela não encontrará o amor.

Mas Keira não antecipa a beleza de Copenhagen e de Estocolmo ("a Paris do Norte") ou a hospitalidade deslumbrante dos escandinavos.

Com o Natal chegando, resistir a um novo amor pode ser mais difícil do que ela pensa...

Uma comédia romântica que é tão profunda quanto é engraçada, AMOR COMO O DELES é o livro #4 de uma nova série de romances estonteantes que irá fazê-lo rir, chorar e continuar virando as páginas até tarde da noite—e fará com que se apaixone novamente por romance.

O Livro #5 será publicado em breve!

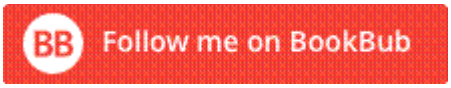
"A capacidade de Sophie Love em transmitir mágica aos seus leitores é primorosamente efetuada em frases e descrições fortemente sugestivas… [Este é] o romance, ou leitura praiana, perfeito, com uma diferença: seu entusiasmo e belas descrições oferecem uma atenção inesperada à complexidade não apenas da evolução do amor, como também da evolução da mente. É uma recomendação encantadora para leitores de romance à procura de uma pitada a mais de complexidade em suas leituras de romance."
--*Midwest Book Review* (Diane Donovan re: *Agora e Para Sempre*)



AMOR COMO O DELES
(Crônicas Românticas—Livro 4)

Sophie Love

Fã de longa data de romances, Sophie Love está muito feliz em publicar sua primeira série de livros: AGORA E PARA SEMPRE (A POUSADA EM SUNSET HARBOR – LIVRO 1). Sophie adoraria ouvir seus comentários, então, visite www.sophieloveauthor.com se quiser enviar-lhe um e-mail, receber eBooks de graça, saber das novidades e manter contato!



LIVROS POR SOPHIE LOVE

A POUSADA EM SUNSET HARBOR
AGORA E PARA SEMPRE (Livro #1)
PARA TODO O SEMPRE (Livro #2)
PARA SEMPRE, COM VOCÊ (Livro #3)
QUEM DERA, PARA SEMPRE (Livro #4)
PARA SEMPRE E UM DIA (Livro #5)
PARA SEMPRE, MAIS UM (Livro #6)
PARA VOCÊ, PARA SEMPRE (Livro #7)
PARA SEMPRE NATAL (Livro #8)

CRÔNICAS ROMÂNTICAS
AMOR COMO ESTE (Livro #1)
AMOR COMO AQUELE (Livro #2)
AMOR COMO O NOSSO (Livro #3)